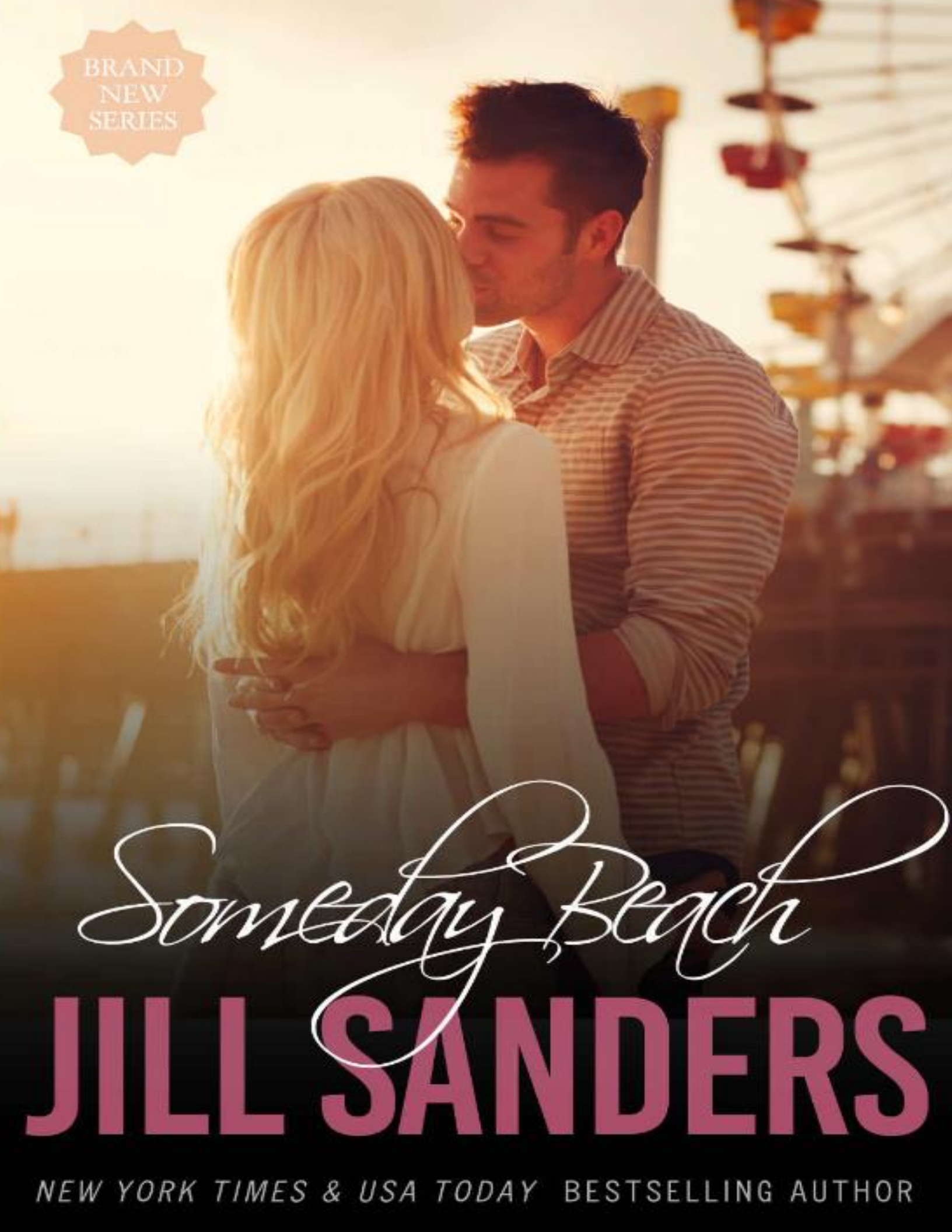

BRAND NEW SERIES
Someday Beach
JILL SANDERS
NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

Someday Beach

by

Jill Sanders

Sinopse

Shelly sempre sonhou em voltar para Surf Breeze. Quando finalmente se estabeleceu, e comprou um edifício degradado localizado no popular calçadão, ela contratou um empreiteiro sexy para ajudá-la a transformá-lo em sua boutique dos sonhos. Mas, ela não contava com a lenta mudança em sua vida. Lutando contra uma família arrogante, ela aprende não apenas seguir seus próprios sonhos, mas defender o que acredita.

Marcus esperou toda a sua vida por uma mulher que pudesse entender os horrores que passou quando criança, e o seu bom humor que ele usa para disfarçar tudo. Agora que a encontrou, ele não tem certeza do que virá a seguir.



Prólogo



Seu corpo inteiro latejava. Fechando os olhos, só o fez pensar mais ainda sobre a dor, então ele manteve seus olhos focados à sua frente na escuridão. Podia ouvir os carros passarem pelo lado de fora de sua janela, na autoestrada, que ficava apenas alguns metros do pátio traseiro. O pequeno apartamento de dois quartos ficava no piso térreo, e tudo sacudia, sempre que um semirreboque passava rápido demais.

Quando ouviu um barulho, esperou que não fosse Mike, último namorado de sua mãe, se movimentando na sala ao lado. Ele fechou os olhos e rezou para que sua mãe voltasse em breve do bar para casa.

Quando não ouviu nada, pelo que pareceu uma eternidade, ele arriscou abrir os olhos para olhar o seu despertador do Batman. Seus números amarelos liam uma hora da manhã.

Ele sabia que o bar estava fechando agora, mas desde que sua mãe estava fazendo dinheiro extra ao lado dançando, ela não estaria em casa por pelo menos mais uma hora. O que significava que *era* Mike em movimento.

Apertando seus olhos fechados mais uma vez, rezou novamente para que o homem tivesse conseguido o seu, algumas horas atrás. Seu corpo de seis anos de idade começou a tremer quando ouviu a porta do seu quarto abrir lentamente.

Envolvendo seus pequenos dedos ao redor de sua proteção, ele orou para que desta vez ele tivesse coragem de usá-lo contra o grande homem. Quando Mike o acordou pela primeira vez naquela noite, ele estava meio adormecido e esqueceu tudo

sobre o seu plano para se livrar do horror que estava vivendo durante os últimos oito meses.

Seu coração parou quando ouviu o assoalho ao lado da sua cama ranger, respirou fundo. Não se dando tempo suficiente para questionar suas ações, ele pulou de sua cama. Mike só teve tempo de ver o brilho da faca de filete, enquanto se arqueava para baixo em direção ao seu coração.

01



Um ano depois...

Marcus olhou para a casa grande enquanto o carro balançava subindo pela estrada de terra. Parecia que monstros viveram ali. Metade das telhas no telhado era de uma cor diferente do resto. O tapume no lugar enorme tinha sido lixado até o osso pelo vento, e algumas das placas precisavam de substituição. A varanda da frente estava cedendo e quando ele se inclinou um pouco, pode ver que o jardim da frente era uma selva verde que precisava ser cortado, ou melhor ainda, queimado. Resumindo o assunto, todo o lugar deveria ser demolido.

— Você não pode estar falando sério! — Ele se virou para a linda mulher loira que ele conhecia apenas como Lilly. Ela tinha aparecido na casa dos meninos há algumas semanas. No início, todos os caras tinham assobiado e feito comentários grosseiros. Todos eles, exceto Marcus. Talvez seja por isso, que ela se interessou por ele no primeiro instante.

Ela perguntou ao Sr. Everette, o chefe da New Hope Boys Home, se poderia se encontrar com ele. Fazia pouco mais de um ano, que sua mãe o deixara na porta da frente da casa para meninos problemáticos. Um pouco mais de um ano, desde que ele tentou matar um homem, se defendendo. É claro, que sua mãe não tinha acreditado no seu lado da história, nem tinha chamado a polícia naquela noite. Mike tinha alguns mandados pendentes contra ele.

Em vez disso, ela mesma costurou os grandes cortes em seu ombro e pescoço. Quando ela o pegou guardando outra faca debaixo do seu travesseiro na semana seguinte, levara menos de uma hora para abandonar seu filho.

Aliviado. Agora ele estava sob a guarda do Estado e ele gostava dessa forma. Olhando de novo para a loira, ele franziu a testa e cruzou os braços sobre o peito deixando claro o assunto.

Lilly apenas sorriu de volta para ele quando ela parou o carro no final da estrada. — O velho lugar poderia precisar de algum trabalho, mas você vai gostar dos Graytons. — Ela estendeu a mão, e deu uma tapinha no ombro dele. Ele não estremeceu com seu toque, nem se mexeu. Mulheres não o incomodavam muito.

Ele se inclinou para frente, e olhou para a casa novamente. — Eles não têm nenhum dinheiro? Quer dizer, puuuxa. — Ele balançou a cabeça. — Se você tem uma casa tão grande, não é suposto ser rico?

— Não são, — ela o corrigiu. Ela sorriu para ele e, em seguida, se inclinou para frente e olhou para a casa. — Mark e Elizabeth têm duas filhas, Karen e Julie. Elas são mais velhas, e só Julie ainda vive em casa. — Ela olhou para ele. — Eles poderiam precisar de alguém como você ao redor da casa.

Ele franziu a testa um pouco. — Como eu?

Ela riu. — Sr. Everette me disse que você tem um talento para construir e consertar coisas.

Ele deu de ombros quando ela não continuou. — Eu acho que gosto de ferramentas. — Ele pensou em todas as casas de pássaro que tinha feito ao longo dos últimos meses. Ele também estava ficando mais rápido em fazê-las.

— Bem, eu imaginei que poderíamos tentar isso. Você sabe, levá-lo para fora da cidade. Basta olhar ao redor. — Ela rapidamente abriu a porta e saiu. Ele a seguiu um pouco mais devagar.

Quando o ar fresco da primavera o atingiu no rosto, ele fechou os olhos. Ele nunca havia sentido ou cheirado algo tão maravilhoso. Ele podia ouvir o gorjear dos pássaros nas altas árvores, que rodeavam a velha casa. Olhando para o céu, ficou maravilhado com quão azul era. Viver na parte mais suja de Miami, não lhe permitia realmente apreciar o céu.

Lilly caminhou em direção à casa, mas ele não queria segui-la. Em vez disso, olhou em volta um pouco mais, e viu uma grande garagem para três carros perto da parte de trás da casa. Quando andou em direção a ela, notou uma antiga serra de fita e uma serra de mesa deixadas ao ar livre.

— Aqui estão eles agora, — disse Lilly atrás dele, o fazendo parar. Quando se virou, ele viu três pessoas saírem para a antiga varanda da frente. Todos olharam para ele com grandes sorrisos em seus rostos. Ele nunca tinha visto pessoas tão felizes em conhecer um completo estranho.

Havia duas mulheres. Uma delas era mais velha, e muito maior do que a outra. A mais jovem tinha o cabelo castanho curto, encaracolado que foi puxado para trás de seu rosto bronzeado por um lenço brilhante. Ela tinha um rosto suave e olhos bondosos.

Então, um homem mais velho deu um passo adiante. Ele parecia tão frágil que Marcus não se perguntava mais, por que ele tinha deixado o lugar ficar assim. O velho parecia que mal conseguia descer as escadas, muito menos subir em uma escada e pintar. Ele duvidava que teria dificuldade em lutar com esse cara, caso ele acabasse sendo parecido com Mike. Mas algo nos olhos do homem disse a Marcus, que aqui ele não estava em perigo. Ainda assim, era melhor ser cauteloso, pelo menos por um tempo.

— Bem, Olá, — o velho gritou quando ele acenou para eles.

Lilly se aproximou de Marcus e tomou sua mão na dela, então se ajoelhou na frente dele, até ficarem olho no olho. — Se você não gostar daqui tudo que você tem a fazer é me chamar, e eu vou levá-lo de volta para New Hope. Ok?

Ele concordou e, em seguida, olhou para as três pessoas, que pareciam mais nervosas do que ele.

Levou precisamente dois dias para decidir que ele nunca iria querer deixar os Graytons. Dois dias em que Sr. Grayton o ensinou a usar todas as ferramentas na garagem enorme. O homem ainda lhe disse que ele poderia construir qualquer coisa que quisesse. Tudo o que ele tinha a fazer era pedir, e eles teriam os materiais entregues pela loja de ferragens.

Duas semanas mais tarde, ele tinha lixado e substituiu uma grande parte dos tapumes da velha casa. Ele não queria parar por aí, então ele perguntou ao Sr. Grayton se ele poderia consertar a varanda.

O velho se sentou na cadeira e coçou o queixo. No começo, Marcus pensou que ele ia dizer não.

— Você não quer correr e brincar como as outras crianças, em vez de trabalhar?

Ele franziu a testa um pouco. — Não, eu gosto de consertar as coisas. — Ele olhou para suas mãos, notando os calos que ele ganhou do trabalho duro.

— Você decide. Você é livre para fazer o que quiser. — Sr. Grayton tinha rido. — Eu vou pedir para o madeireiro entregar a madeira, assim que puderem.

— Eu... — Tirou um pedaço de papel. — Eu tenho uma lista aqui. — Ele a entregou para ele.

Sr. Grayton olhou para ele e franziu a testa ao ler a longa lista.

— Você juntou tudo isso? — Ele olhou para Marcus. Quando Marcus apenas balançou a cabeça, ele viu um sorriso aparecer no rosto de Sr. Grayton.

— Com certeza você tem talento. — Ele riu. — Dane-se se eu vou ficar no seu caminho. Por que não vamos para a cidade amanhã, e você mesmo pode mostrar isso para o Jim na serraria. — Ele entregou a lista de material de volta para Marcus.

Julie, Mark, e ele levaram um mês inteiro para terminar a nova varanda. Julie era forte para uma mulher. Ela disse que gostava de usar macacões e ter as mãos sujas. Sr. Grayton tinha insistido em que Marcus o chamasse de Mark.

Ele rapidamente percebeu que o velho não era tão frágil quanto parecia. Ele levou a maior parte da madeira pesada até a varanda, e até mesmo ajudou a segurar os novos suportes no lugar, enquanto ele os prendia.

Quando acabaram todo o trabalho, eles a pintaram. Mesmo Sra. Grayton saiu de casa para ajudar.

No dia seguinte, a pintura estava finalmente seca, ele ficou lá fora, admirando sua obra. Ele se virou quando ouviu um carro subir a longa entrada, e franziu a testa quando viu que era o carro de Lilly. Seu coração disparou. A primeira coisa que lhe

veio à mente, era que ela estava aqui para levá-lo de volta para a casa. Talvez os Graytons não gostassem dele? Talvez tivesse feito algo errado?

Lilly saiu do carro e acenou para ele. Seu sorriso fez seu coração desacelerar um pouco. Ela não parecia estar aqui com más notícias. Então, um menino em torno de sua idade saiu de seu carro. O menino de cabelos escuros se parecia muito com ele, exceto pelo olho roxo e o nariz quebrado. Seu braço esquerdo estava em um grosso gesso branco e ele andava com um ligeiro coxear.

Lilly correu e ajudou o garoto a caminhar em direção a casa. — Bom dia, Marcus. Mark e Elizabeth estão em casa?

Ele balançou a cabeça negativamente. — Eles foram até a cidade para pagar a conta de água. — Lilly e o menino subiram as escadas que ele tinha acabado de pintar no dia anterior.

— Uau! Isso não está maravilhoso? — Ela exclamou. Então ela fez uma volta rápida, olhando para tudo. — Você fez tudo isso?

Marcus assentiu, sem tirar os olhos do menino, que estava olhando para ele como se ele fosse correr pela nova varanda e socá-lo.

— Julie está em casa? — Lilly se voltou para ele.

Marcus assentiu novamente. — Ela está lá dentro fazendo sanduíches.

— Vamos entrar. Este é Roman. — Ela se virou para Marcus, segurando a porta de tela aberta enquanto olhava para ele. — Se tudo der certo, ele vai ficar aqui com você por um tempo. — Ela sorriu para os dois, em seguida, se virou e desapareceu dentro da casa.

— Como você quebrou seu braço? — Perguntou Marcus.

Roman olhou para baixo e encolheu os ombros. Seus olhos castanhos se abriram quando Marcus falou com ele, e imaginou que o garoto estava morrendo de medo.

Ele podia se lembrar de um tempo não muito tempo atrás, que ele se sentia assim. Ao caminhar, ficou de pé no canto da varanda, e suspirou. — Ela precisa de um balanço, não é? — Ele esperou e quando não obteve uma resposta, ele se virou para Roman.

O garoto estava olhando para seus sapatos, como se fosse a coisa mais importante no mundo.

— Bem aqui. — Ele indicou o local, logo abaixo das janelas da frente. — Talvez eu possa pendurar algumas correntes naquelas vigas. — Ele acenou com a cabeça acima dele, e inclinou a cabeça para os lados. Pelo canto dos olhos, viu Roman olhar para o teto da varanda.

— Talvez algumas plantas? — Ele dobrou a mão e apoiou o queixo nos dedos, assim como ele tinha visto o Sr. Grayton fazer, quando ele pensava sobre o que Marcus tinha sugerido. — Claro, plantas poderiam ficar aqui. — Ele apontou para as janelas. — Ou aqui. — Ele caminhou até as grades que ele e Sr. Grayton tinha terminado de colocar, alguns dias atrás. Realmente, Julie quem tinha ajudado mais. Mas o Sr. Grayton tinha sentado em seu banco, e ajudou Marcus colocar cada degrau na grade.

Marcus não poderia se lembrar de rir ou se divertir com um homem, antes. Mark Grayton era um palhaço. Marcus nunca poderia dizer quando ele estava sendo sério ou puxando sua perna. Ele amou cada momento, e queria ser como aquele homem quando crescesse.

— Seu jardim precisa ser cortado, — disse Roman atrás dele. Sua voz era baixa e, num primeiro momento, Marcus questionou se ele tinha ouvido corretamente.

Virando-se sorriu para ele. — O que precisa é de algumas dezenas de cabras. — Ele riu. — Sabe, eu estava caminhando para o lago no outro dia e pensei nisso. — Ele riu de sua própria piada.

Ele pensou por um momento que, e viu um leve sorriso no rosto de Roman. — Então, você acha que gostaria de me ajudar a construir algumas caixas de flores e cortar a grama? Quero dizer, depois que seu braço estiver melhor?

Roman olhou para seu braço novamente. Marcus pensou que não ia responder, mas então sua cabeça escura assentiu. — Eu creio que sim.

— Bom. — Ele sorriu e se aproximou estendendo a mão. — Eu sou Marcus... tenho a sensação de que vamos nos dar bem.

Naquela noite, ele estava deitado em sua grande cama grande e ouviu Roman gritar em seu sono. Ele sabia que não seria bom ir até o garoto. Levou quase sete meses para parar de chorar sobre o que ele tinha passado.

O mínimo que podia fazer era manter o garoto ocupado nos próximos meses, para manter sua mente longe de sua dor.

****

Naquele verão, Roman e ele se tornaram melhores amigos. Eles eram inseparáveis. Roman tinha um bom olho para alguns dos últimos retoques que Marcus não tinha paciência. Juntos, eles terminaram o balanço e as caixas de flores e construíram mais de uma dúzia de casas de passarinhos coloridas, que eles penduraram em árvores por toda a propriedade. Eles tinham até mesmo construído uma que parecia a própria grande casa. Eles penduraram na varanda da frente em um lugar de honra.

Menos de dois meses depois, viram o carro de Lilly subir novamente. Desta vez, era um garotinho loiro que saiu. Ele não tinha um braço quebrado ou um olhar assustado em seus olhos.

Levou menos de uma semana para Roman e Marcus aceitá-lo. Julie os levou para a praia um dia, e eles se sentaram na areia assistindo Cole fazer "bodyboard". Marcus nunca vira ninguém fazer flips como esses na água antes. Era como se o garoto fosse em parte um golfinho, e isso lhe valera todo o respeito que ele precisava para ser parte da família.

Ao longo dos próximos anos, o carro de Lilly viria apenas mais duas vezes. Desta vez, em vez de meninos, ela entregara meninas.

Marissa foi a primeira; ela era muito pequena e tinha tranças loiras curtas. Mesmo sendo pequena, ela com certeza sabia como mandar nos três garotos.

No mês seguinte, o carro de Lilly subiu pela estrada, e uma menina de cabelos escuros saiu lentamente. Marcus sabia sem dúvida, que ela tinha passado por algo muito pior do que qualquer um deles. Ela estava tão magra, que ele pensou que o vento a derrubaria.

Instantaneamente, Marissa tinha tomado Cassey sob sua asa. No final daquele ano, os Graytons tornaram oficial e formalmente adotaram cada um deles.

Naquela noite, depois de assinar os papeis no tribunal, os cinco ficaram de pé junto ao lago, e fizeram uma promessa um ao outro que nada jamais iria quebrar a sua nova família.

02



Dezessete anos depois...

Shelly se afastou e tirou o pó de suas mãos. Havia uma pequena farpa no seu polegar, que ela teria que lidar mais tarde. Suas roupas estavam cobertas de poeira, e ela tinha certeza de que seus cabelos e seu rosto, também estavam. Levara quase três horas para limpar o ambiente que ela usaria como um quarto nas próximas semanas. Pelo menos esperava que fosse só por algumas semanas.

Ela franziu a testa pensando em todo o trabalho que precisava ser feito, enquanto olhava ao redor do lugar. Então ela sorriu, percebendo que era tudo dela. Ela suspirou e esfregou as mãos. Bem, ela não conseguiria nada feito se ficasse ali parada.

Saindo apressada do quarto, pegou suas chaves e desceu as escadas para começar a trazer as caixas do seu carro.

Quando abriu as portas externas, o frio ar salgado a atingiu no rosto, e ela sorriu. Ia levar algum tempo para se acostumar a viver junto à água.

Ela riu enquanto abria o carro, e começou a tirar a primeira carga de caixas. Ela sempre sonhou em viver próximo ao mar, de adormecer ao som das ondas ou acordar e ver as gaivotas voando acima.

As escadas dos fundos do seu novo lar eram largas, permitindo que ela carregasse as caixas grandes com facilidade, mesmo que pesassem mais do que ela

quisesse levantar. Suas costas iriam matá-la amanhã. Ela franziu a testa e balançou a cabeça. Era um preço que ela estava disposta a pagar.

Levou menos de uma hora para pegar todas as caixas da parte de trás de seu Jeep e do pequeno trailer U-Haul que ela havia alugado.

Quando terminou de trazer a última caixa, ela lavou o rosto e escovou os cabelos. Pegando sua bolsa, ela saiu para o calçadão apenas quando o sol estava se pondo sobre a água.

Mesmo que seu estômago havia estado rosnando durante a última hora, ela levou o seu tempo e assistiu assombrada quando o céu encheu de cores vivas. Casais caminhavam de mãos dadas ao longo da costa arenosa. Ela suspirou, e sentiu vontade de girar em círculos de alegria. Ela finalmente conseguiu chegar aqui. Para sua praia de algum dia.

Mesmo que o ar fresco gritava inverno, não se importava. Ela observou quando todas as luzes se acenderam ao longo da passarela.

Havia mais de uma dúzia de lojas, restaurantes e outros negócios ao longo do calçadão, e se tivesse alguma coisa a dizer sobre isso, ela seria uma delas em apenas poucos meses.

Se afastando do céu escurecido, ela voltou para os edifícios e sorriu para si mesma. Era um dos mais danificados, no entanto, se destacava como um farol no meio da noite. Suas paredes de estuque branco brilhante e janelas espelhadas captavam a luz morrendo. Ela podia ver cada rachadura, cada janela quebrada, mesmo que as luzes estivessem apagadas.

Seu estômago roncou alto quando um casal passou por ela. Colocando seus pensamentos e sonhos de lado, se dirigiu para o restaurante ao longo do calçadão.

Quando ela parou em frente ao Bar Boardwalk and Grill, os aromas maravilhosos de comida a atingiram, e a fez perceber que estava com muito mais fome do que pensava.

Mesmo que não era a alta temporada, o lugar estava lotado. Por um momento, ela se perguntou se não seria melhor ir em outro lugar.

Então, uma mulher de cabelos escuros sorriu e a encaminhou para uma pequena mesa perto das janelas.

— Eu vou te dar um minuto para olhar o cardápio. Nossas especialidades estão escritas na placa ali. — Ela apontou para um grande quadro acima do bar. — Se você tiver alguma dúvida, Rose não demorará a chegar.

— Obrigada. — Ela sorriu para a mulher e começou a olhar o menu.

Rose era uma bela mulher que tinha uma cintura do tamanho da coxa de Shelly. O cabelo da mulher se estendia a todo o caminho até suas pernas e foi intricado em tranças longas e finas. Só de ouvir seu sotaque fez Shelly imaginar noites quentes de Verão e alimentos picantes.

— De onde você está vindo? — Perguntou Rose com uma pitada de sotaque jamaicano, se sentando em frente a Shelly, parecendo bastante confortável.

— Acabei de me mudar para cá de DC. — Shelly sorriu. — Na verdade, eu sou uma espécie de sua vizinha.

— Oh, realmente? — Rose sorriu. — Qual lugar você comprou?

— A antiga loja de móveis, algumas portas para baixo. — Ela riu quando Rose fez uma cara engraçada. — Não é tão ruim assim, eu juro.

— Eu não sei sobre isso. — Ela franziu a testa e balançou a cabeça. — O lugar deveria ser queimado e reconstruído. Se você me perguntar.

Shelly riu. — Bem, eu estou procurando um bom empreiteiro. — Ela se inclinou para frente. — Se você souber de algum.

Rose franziu a testa um pouco e inclinou a cabeça. — Eu sei de alguém que pode ajudar. Me dê um momento. — Ela assentiu com a cabeça. — Vou colocar o seu pedido primeiro, no entanto. — Ela sorriu quando o estômago de Shelly escolheu aquele momento para deixar sair um estrondo alto.

Shelly riu. — Obrigada. Meu estômago e eu apreciamos isso.

Logo após a sua comida ser entregue, uma mulher de cabelos escuros se aproximou de sua mesa. Seu cabelo comprido estava preso bem afastado de seu rosto. Tinha os olhos prateados mais fascinantes que Shelly já tinha visto. Ela estava sorrindo para ela, enquanto estava em pé junto a sua mesa.

— Eu ouvi que você está à procura de um empreiteiro.

Shelly assentiu e pousou o resto de seu hambúrguer. — Acabei de comprar a antiga loja de móveis algumas portas para baixo.

— Me desculpe. — A mulher riu e estendeu a mão. — Sou Cassey Grayton. Eu possuo Boardwalk Bar and Grill.

Shelly instantaneamente sentiu ciúmes da roupa elegante da mulher e seus sapatos sexy, e desejou ter perdido um pouco de tempo para desempacotar algumas de suas melhores roupas.

— Oh. — Shelly estendeu a mão e apertou a mão dela. — Sou Shelly Harrison. Logo serei a proprietária da Boutique de Shelly. — Ela fez sinal para Cassey se sentar em frente a ela.

— Que maravilhoso. — Cassey sorriu e se sentou. Shelly podia ver a mulher a avaliando. — Eu queria saber quem tinha comprado o velho lugar. Uma boutique?

Shelly assentiu. — Primeiro tenho que fazer uma reforma. — Ela franziu a testa enquanto tomava outro gole de sua bebida.

— Olhando de fora, eu diria que há *um monte* de trabalho que precisa ser feito. — Cassey sorriu.

— Sim. — Shelly assentiu. — Acho que as fotos que o meu agente me enviou não fizeram justiça.

Cassey franziu a testa. — Se bem me lembro, há um apartamento acima do lugar. Você não vai ficar lá agora, não é? — Shelly assentiu. — Então, você já conversou com algum empreiteiro? — Cassey se inclinou um pouco para frente.

Shelly balançou a cabeça e tomou um gole de sua bebida. — Não, eu só cheguei na cidade esta manhã. Eu estou à procura de alguém que tenha licença e possa trabalhar rápido e barato.

O sorriso de Cassey cresceu. — Maravilhoso, apenas tenho o meu irmão para você.

****

O corpo inteiro de Marcus doía. Ele jogou as botas em cima da mesa de carvalho maciço em seu escritório e fechou os olhos. Porra, se seu irmão não estava fazendo-o trabalhar até a morte.

Bem, não era realmente culpa de Roman. Afinal, Marcus foi quem aceitou três empregos ao mesmo tempo. Mas agora que dois deles estavam em fase final, estava

ansioso para finalmente descansar um pouco. Talvez ele fosse com Cole em uma de suas viagens de surf. Seu irmão tinha se recuperado do acidente de moto que ele teve no ano passado, e dobrou seus esforços para voltar a surfar em algumas das maiores ondas ao redor do mundo.

Ele riu para si mesmo. Cole tinha tantos troféus, que nem mesmo ele poderia construir prateleiras grandes o suficiente para abrigar todos eles. Mas tinha que admitir, até mesmo o pensamento de uma praia quente e mulheres seminuas não apelaram muito para ele agora. Não, o que ele queria era um projeto com o coração. Nenhuma dessa mesmice que estivera trabalhando ultimamente.

Roman e ele tinham começado Paradise Construction pouco mais de quatro anos atrás, pouco antes de Roman ter aberto Spring Haven Home for Boys. Roman dirigia ambas as empresas, mas todos sabiam que seu coração estava realmente na casa para as crianças. Ele adorava as crianças, e cada vez que alguém se mudava para uma casa permanentemente, seu irmão agia como se estivesse andando no ar.

Balançando a cabeça, ele pensou que talvez fosse hora de começar um projeto especial para si mesmo. Afinal, ele estava com vinte e cinco anos. Talvez ele pegaria uma dica de sua irmã e se acalmaria. Ele sorriu pensando em Cassey e Luke, e como eles acabaram juntos.

Inclinando a cabeça para trás contra a cadeira de couro, ele cruzou os braços sobre o peito e gemeu ligeiramente contra os músculos que lhe gritavam.

Ele normalmente não fazia muito do trabalho pesado no emprego, mas esta manhã, o capataz que tinha contratado para o trabalho na Igreja Batista do Sul, o chamou e disse que naquele dia estava com poucos instaladores de drywall. Então, ele acordou sua bunda às cinco da manhã, e tinha transportado o suficiente de sheetrock[1] subindo dois lances de escada para fazer suas costas doerem. Quem ele estava enganando? Tudo nele estava dolorido.

Ele tinha que admitir que, apesar disso ele amava cada minuto de seu trabalho, desde criar os planos para um novo edifício, até ver o produto acabado. Cada gota de sua criatividade entrava em cada prego e parafuso. Ele nasceu para pegar algo

[1] Placas de drywall.

quebrado, algo que ninguém mais queria tocar, e transformá-lo em algo que as pessoas faziam Ooh.

Claro, que ajudava que ele estava fazendo uma boa vida a partir dele. Mas de que valia um monte de dinheiro no banco, se ele não aproveitasse de vez em quando?

Ele se mexeu na cadeira de couro e estava grato que Cassey lhe tinha convencido comprar a cadeira executiva para seu novo escritório. Era um inferno de mais confortável, do que sentar na cadeira de madeira dobrável que ele usava.

Não era que ele se opusesse a gastar dinheiro; era mais como se ele não tivesse tempo para isso. Desde que ajudou Cassey a reconstruir o bar e grill no ano passado, ele foi assumindo trabalho após trabalho, incluindo o novo hotel de seu noivo, que deveria abrir suas portas em poucas semanas. Claro, ele só tinha supervisionado esse trabalho e colocou seus melhores homens sobre ele. Ele teve de contratar a maior parte dos trabalhadores, pois seu coração estava em projetos de remodelação, não começar do zero.

Talvez *fosse* hora dele tirar alguns dias de folga? Seu negócio não sofreria se o fizesse. Tinha um bom grupo de caras trabalhando para ele. Alguns deles estavam lá desde o dia em que começou seu negócio. Além disso, Roman lhe devia uma. Ele estava certo de que poderia convencer seu irmão a cuidar de tudo, pelo menos por um curto período.

Ele sorriu para si mesmo, sabendo como persuadir seu irmão – chantagem.

Ele descansou de volta enquanto sua mente mostrou imagens dele deitado em uma praia quente na Austrália. Ou talvez ele devesse ir para o México e praticar mergulho. Imagens de mulheres bronzeadas em quase nenhuma roupa estalou em sua cabeça e ele sabia, sem dúvida que era hora de fazer uma pausa.

Fazia meses desde que ele tinha ido em um encontro. Na verdade, talvez tivesse sido um pouco mais do que alguns. Ele pensava sobre isso, quando ouviu o seu telefone tocar com uma nova mensagem.

Ele tentou ignorar o som irritante. Finalmente, pelo que parecia minutos depois, ele parou, e sabia o que quer Cassey quisesse, poderia esperar. Oh, ele sabia que era ela. Ela era a única que ainda estava acordada a esta hora. Ele abriu o olho

direito e tentou se concentrar no relógio, mas como estava muito desfocado para ler a hora, o fechou novamente.

Ele deveria ter ido para casa, mas ele sabia que Roman tinha um encontro esta noite. Dividir um apartamento com seu irmão estava se tornando mais uma dor na bunda do que jamais poderia se lembrar.

Cada um tinha seus próprios quartos, mas tente explicar que você vive com seu irmão para uma garota. Ele mudou de novo e tentou ficar confortável. Droga, por que ele não tinha comprado aquele sofá de couro para seu escritório quando Cassey tinha tentado convencê-lo?

Na primeira hora na parte da manhã, ele iria comprar o sofá. Não, melhor ainda, a primeira hora na parte da manhã ele ia procurar uma casa. Algo antigo e ao longo da praia. Algo que precisava de um monte de trabalho. Se ele estava indo para viver nela, ele iria fazer dela a sua primeira e única.

Sua mente correu sobre a pequena cidade de Surf Breeze. Era pequena o suficiente para que conhecesse quase cada centímetro quadrado do lugar. Havia várias propriedades que ele poderia olhar. Talvez a casa azul na Crystal. Ou a antiga casa amarela de três andares na mesma rua em frente à praia.

Ele estava tão ocupado mentalmente dirigindo pela cidade à procura de uma casa, que ele não ouviu sua porta abrir. Quando alguém limpou sua garganta na frente dele, ele quase pulou da cadeira.

03



Shelly estava de pé sobre o homem dormindo, e sentiu seus joelhos tremerem. Ele não parecia em nada com sua irmã. Ambos tinham cabelos escuros, mas essa era a única semelhança.

Marcus Grayton era sexy. Muito sexy. Ela tentou não se concentrar em como suas longas pernas pareciam em sua gasta calça jeans, cruzadas sobre a mesa. Ou como o seu peito largo parecia cheio de todo o tipo certo de músculos, e como a camisa esticava firmemente sobre ele.

Seu queixo estava coberto de barba com um dia sem fazer, lhe dando-lhe uma aparência ainda mais sexy. Desde que seus olhos estavam fechados, ela não poderia dizer se ele tinha olhos prateados que combinavam com os de sua irmã. Ela pensou que se o tivesse, ele seria ainda mais perigosamente bonito, do que estando com os olhos fechados.

Quando Cassey lhe dissera que seu irmão era dono de uma empresa de construção, pediu o seu contato. Ela pediu o seu número, mas Cassey sorriu, e primeiro tentou ligar e mandar SMS para ele. Em seguida, ela chamou seu outro irmão, Roman, que a informou, que era mais provável Marcus estar em seu escritório. Ela ficou feliz ao descobrir que era apenas a alguns metros de onde estava.

— Tenho certeza de que ele ainda está lá, — Cassey tinha dito. — Eu vou mandar uma mensagem avisando-o, que você voltando para casa, vai parar no escritório dele.

No começo, tentou convencê-la que ela trataria disso amanhã, mas Cassey lhe tinha assegurado que era melhor vê-lo agora, fora do horário normal do expediente.

Ela tinha encontrado seu escritório com bastante facilidade. Ficava acima da sorveteria, como Cassey tinha dito. Havia um pequeno sinal, Paradise Construction, iluminado em luz azul, pendurado ao lado da porta do escritório.

Quando ela tentou abrir à porta, ficou admirada por não estar trancada. Quando entrou e notou que ele estava dormindo atrás de sua mesa, ela pensou em se virar e sair novamente. Mas então, deu uma olhada nele, e algo a segurou no lugar.

Percebendo que estava ali de pé, olhando para ele por mais de um minuto, ela limpou sua garganta. Se ele não acordasse, ela silenciosamente viraria, e em seguida sairia, retornando amanhã cedo. Seus olhos se abriram e se concentraram nela, enquanto seu corpo sobressaltou.

— Eu sinto muito. — Ela limpou a garganta de novo, tentando não sorrir.

Ele piscou algumas vezes e, lentamente, descruzou os braços do peito. Então, sacudiu a cabeça.

— Cassey ligou para você. — Ela brincou com os dedos e, quando seus olhos azuis caíram para observar o movimento, ela os empurrou atrás das costas.

Ele balançou a cabeça novamente, enquanto seus olhos se concentravam nela. — Eu não respondi.

— Sim, bem, eu sei. Ela me disse para parar no seu escritório.

Ele baixou as pernas do alto da mesa, e assentiu com a cabeça. — E aqui está você.

Ela sorriu. — Sou Shelly Harrison. Eu comprei o lugar duas portas para baixo daqui.

Ele franziu a testa. — A velha loja de móveis?

Ela assentiu. — Eu estava jantando no restaurante de sua irmã, e ela me falou sobre você.

Seus olhos se ergueram, e um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. Ela notou a covinha sexy no canto de sua boca e, por um momento, seus olhos não puderam se concentrar em mais nada.

Quando ele não respondeu, ela piscou algumas vezes e tentou se lembrar o que tinha acabado de dizer. Percebendo que a conversa tomou um rumo o qual não prestou atenção, ela tentou se controlar.

— Eu estou precisando de um empreiteiro, — disse ela. — Meu imóvel necessita de muita reforma.

Ele balançou a cabeça, enquanto seu sorriso aumentava. — Eu imaginei que poderia ser isso.

— Sim, bem, — Ela limpou a garganta novamente e tentou como louca não brincar com as mãos. — Eu vou…

— Você não deveria estar andando por aí sem um casaco. Mesmo que ainda esteja quente durante o dia, o vento vai lhe dar calafrios depois que o sol se por.

Ela piscou algumas vezes. — Eu estou bem. — Ela tentou começar de novo, mas ele balançou a cabeça.

— Você continua limpando sua garganta. Parece que você já pegou alguma coisa. — Ele franziu a testa e se levantou. Ele caminhou em sua direção e ela deu um leve passo para trás. — Aqui. — Ele lhe entregou uma jaqueta marrom que estava jogada sobre a borda de um armário alto de arquivo. — Vista isso enquanto andamos.

— Andamos? — Ela pegou a jaqueta dele distraidamente.

— Claro. — Ele sorriu. — Para trabalhar nos seu imóvel, terei que vê-lo primeiro. — Ele a ajudou vestir a jaqueta, então, caminhou até a porta e a manteve aberta.

— Sim, bem. — Ela franziu a testa enquanto o calor da jaqueta a fez perceber que tinha estado congelando. — Eu não tinha planejado…

Ele balançou sua cabeça. — Agora é o melhor momento. — Ele esperou. Algo em seus olhos lhe disse que ficaria lá durante toda a noite, se necessário.

Ela se aproximou dele, enquanto enfiava as mãos nos bolsos da jaqueta. Ele fechou a porta atrás de deles suavemente, e quando ela se virou para dizer alguma coisa, ela esbarrou em cheio no seu peito. Suas mãos foram até seus ombros e ela deu um passo gigante para trás, enquanto suas mãos caíram para os lados.

— Desculpe, — ele murmurou enquanto se movia lentamente em torno dela, segurando a porta externa aberta para ela passar. Ela evitou seus olhos quando passou por ele para o patamar. Ela esperou enquanto ele trancava a porta.

— O que você vai vender? — Ele perguntou, enquanto desciam os amplos degraus que levavam à varanda. Ele chegou ao final e se virou para olhar para ela que estava em pé no último degrau.

— Muitas coisas. — Ela suspirou e observou as pessoas caminhando pelo calçadão. Mesmo depois de anoitecer ainda havia muita gente passeando, na fria noite de inverno. Ela se virou para ele quando percebeu que ele estava lá, calmamente assistindo, esperando por ela. — Eu planejo abrir uma boutique. Roupas, sapatos e bolsas. Os tipos de coisas que turistas e moradores poderiam desfrutar e aproveitar.

Ele balançou a cabeça, então, se afastou para o lado para deixá-la passar pelo caminho. — Eu ouço um pouco de Boston em sua voz?

Por um momento, essa pergunta a fez pensar; por um longo tempo, ela não lembrava ser de Boston. Tinha crescido lá, mas sua família se mudou para Filadélfia, quando ela tinha onze anos, pouco depois da viagem em família para Surf Breeze. Recentemente, estava vivendo em DC. Quando ela assentiu lentamente, ele sorriu.

— Há anos não vou para o norte. — Ele suspirou. — Ouvi dizer que algumas semanas atrás, teve neve. Eu só me lembro de ver neve uma vez na minha vida.

Por um momento ela pensou ter visto saudade naqueles olhos azuis profundos. Mas quando ele piscou, a emoção se foi. Ele sorriu lentamente, e começou a caminhar em direção ao seu novo imóvel.

— O que fez você decidir sobre Surf Breeze?

Ela encolheu os ombros que facilmente combinou com seu ritmo preguiçoso. — Minha família passou férias aqui quando eu era jovem. — Ela olhou em direção a água escura e se lembrou vagamente do último bom tempo que teve com seus pais, antes de toda a luta e traição terem dominado suas vidas.

— Sim, este lugar costumava ser bom. — Ele olhou para ela. — Em breve será novamente. Está começando a chegar lá. — Ele sorriu. — Claro, eu fui o grande responsável na transformação desses lugares.

Ela assentiu com a cabeça. — Isso é o que sua irmã disse. — Ela parou na frente do seu espaço e acenou para ele. — Bem, o que você acha?

****

Seus olhos percorriam seu corpo firme, e sua mente foi inundada com imagens do que ele gostaria de fazer com ela, para ela. Sacudindo a cabeça, ele forçou seus olhos e sua mente a se concentrar no edifício vazio que estava na frente deles. Precisaria de muito trabalho antes que qualquer inspetor permitisse que os clientes pusessem os pés lá dentro.

As janelas da frente teriam que ser substituídas. Talvez até mesmo ampliadas, de forma que o produto pudesse ser mostrado aos transeuntes. O toldo e o sinal velho acima teriam que sair; mesmo estando aqui ele se perguntou o que estava os mantendo de pé.

Balançando a cabeça, ele a impediu de caminhar em direção à porta da frente. — Aquelas precisam ir. — Ele acenou com a cabeça acima da porta.

Ela parou e olhou para cima, com uma ligeira careta. Quando ela acenou com a cabeça, seus olhos lentamente desceram até suas mãos juntas. Ele não tinha percebido, que a tinha segurando ou o quanto gostava de sentir sua pequena mão fria na dele.

Soltando a mão dela, empurrou sua mão profundamente no bolso para combater o ar frio e evitar que a tocasse novamente. — Existe uma porta dos fundos?

Ela assentiu com a cabeça e começou a andar para o lado do edifício. Ele a seguiu e tentou não se perguntar se o resto dela seria tão bom quanto a sua mão.

Quando eles entraram no local e ela ligou várias luzes, inundando o piso principal com a luz brilhante, sua mente mudou de marcha.

A sala estava em silêncio enquanto caminhava e tomava notas mentais do que precisaria ser feito. O tapete velho teria de ser arrancado. Uma parede poderia ser derrubada para dar a aparência de um espaço maior. Pintura. Nova iluminação.

Ao todo, era um bom espaço. Nada que ele não tivesse transformado antes. Teria que se sentar oficialmente com ela e revisar suas ideias e planos para o espaço, mas ele tinha algumas ideias nadando em sua mente.

A parte elétrica e tubulação teriam que ser verificadas e atualizadas. Ele sabia disso pela sua experiência trabalhando em outros edifícios ao longo do calçadão.

Havia uma pequena escada ao longo da parede de trás que levava para o andar de cima, o que lhe fez lembrar que havia um espaço ativo no piso superior e que ela tinha mencionado que seria necessário bastante trabalho.

Quando ele terminou de avaliar tudo, Shelly estava encostada na bancada traseira, o observando.

— Você não precisa tomar notas? — Ela apoiou o queixo nas mãos e o olhou.

— Não. — Ele balançou a cabeça e bateu na sua têmpora. — Está tudo trancado aqui.

— Bem? — Ela disse enquanto se endireitava e caminhava em direção a ele. — O que você acha?

Ele sorriu e se aproximou dela. — Eu acho que há muito a fazer aqui antes que você possa abrir suas portas.

— Eu sei disso. — Ela franziu a testa um pouco. — Mas você acha que pode lidar com isso?

Ele riu. — Senhora, eu posso lidar com qualquer coisa. — Ele olhou ao redor novamente. — Precisamos examinar exatamente o que é que você quer aqui em primeiro lugar, mas eu posso trabalhar uma estimativa e tê-la até amanhã à tarde. — Ele começou a caminhar em direção à porta dos fundos e, em seguida, se virou para ela novamente. — Use essa porta em vez da frente, até que eu mande meus homens amanhã para derrubar o sinal e o toldo na frente. É um perigo. — Ele balançou a cabeça.

— Espere, — ela o chamou e correu em direção a ele. — Eu gostaria de ver a estimativa antes de eu concordar com...

Ele parou e balançou a cabeça. — É comigo. Não se preocupe com isso. Precisam ser derrubados para a segurança das pessoas que passam. — Ele se virou para a porta. — Vejo você amanhã, — disse ele por cima do ombro.

No momento em que ele saiu para o calçadão novamente, estava desejando a sua cama. Puxando seu celular do bolso, ele mandou uma mensagem para seu irmão e ficou parado no calçadão vazio, observando as ondas escuras atingirem à praia, enquanto esperava por uma resposta.

Quando ouviu a porta abrir e fechar atrás dele, ele olhou e viu Shelly trancar a porta dos fundos. Ela olhou para ele e acenou com a cabeça, dando-lhe um sorriso nervoso, então ela subiu as escadas em direção ao que ele só poderia supor que era seu apartamento.

— Você não disse que precisaria de bastante trabalho lá em cima também? — Ele perguntou, se aproximando um pouco mais perto dela.

Ela parou, com a mão no corrimão, e acenou para ele. — Eu posso te mostrar a parte de cima, amanhã, quando tiver luz. Boa noite. — Ela se virou e começou a subir as escadas e ele a viu desaparecer. Ele sabia que sonharia naquela noite com uma mulher sexy, com olhos de avelã de lábios carnudos que imploravam para serem beijados.

04



Shelly não estava totalmente acordada quando ouviu um estrondo. No início, ela pensou que era algo persistente de seu sonho, mas então, ouviu uma série de palavrões e seus olhos se abriram. Apressando-se para a janela, ela olhou para baixo e ficou chocada ao ver o velho sinal acima de sua porta da frente espalhado por toda a passarela abaixo.

Vidro e pedaços de plástico estavam espalhados por toda parte. Havia também grandes pedaços de metal que pareciam muito afiados e perigosos.

— Que diabos! Eu disse para você esperar. — Ela procurou a voz e, quando seus olhos pousaram em Marcus, ela suspirou com o quão bonito ele parecia em seu jeans de trabalho e uma camisa de flanela de botão. — Maldito, quase caiu em cima de mim. — Ele tirou o capacete e passou um lenço na testa. Então, como se a sentisse, ele olhou para a janela e se acalmou.

Ela não podia se mover. Ela não conseguia nem respirar. Seus olhos azuis pareciam rir até que eles pegaram os dela. Então, ela jurou que podia sentir o calor deles daqui. Ele lentamente sorriu, fazendo com que o calor se espalhasse por todo seu corpo. Seus joelhos até se sentiram um pouco fracos. Como um olhar dele poderia fazer seu corpo reagir assim?

Ela sabia. Foi por causa dos sonhos que tivera na noite passada. Ela tinha caído no sono pensando sobre quão sexy ele parecia e quão gentil tinha sido, e ele tinha ficado em seus sonhos durante toda a noite.

Alguém se aproximou dele e lhe deu um tapa nas costas, enquanto ria, o que fez com que sua atenção se desviasse dela.

Ela usou essa oportunidade para correr da janela e ir para o banheiro para se preparar para o dia. Quando entrou no banheiro, ela olhou para seu reflexo e ofegou. Tinha esquecido que tinha adormecido em um top branco e sua calcinha de seda. Olhando de volta para a janela, percebeu que o peitoril era baixo suficiente para dar a Marcus uma grande visão.

Seu rosto ficou vermelho e ela fechou os olhos com um gemido.

— Ótimo! Dê a todos um show, por que não? — Ela ligou o chuveiro. Os tubos antigos gemeram e ela prendeu a respiração enquanto a água fria escorria da ducha.

O andar de cima do edifício tinha sido originalmente parte da loja de móveis. Em algum momento ao longo dos anos, as escadas tinham sido demolidas e mudadas para o exterior do edifício, permitindo a entrada apenas por fora.

O andar superior era tão grande quanto o nível inferior, e abrigava um pequeno banheiro e kitchenette. Seu colchão de ar estava ao lado da parede com uma pilha de suas caixas.

Ela se sentiu com sorte que o banheiro no andar de cima foi equipado com um pequeno chuveiro. Ela tinha grandes esperanças de adicionar uma banheira, mas sabia que se não estivesse em seu orçamento, ela teria que fazer funcionar. Afinal de contas, o andar de baixo era mais importante do que o seu próprio espaço.

Depois de um dos banhos mais rápidos e mais frios que ela tivera há muito tempo, ela prendeu o cabelo com uma presilha e vestiu um jeans mais velho e uma camiseta de trabalho. Calçando seus tênis velhos, ela pegou os esboços que tinha elaborado na noite passada e se dirigiu para fora para ver o progresso.

Quando ela chegou ao fundo das escadas externas, colocou os braços em volta de si, e viu quando Marcus e outros três homens usaram um pequeno elevador para derrubar o toldo que pendia sobre toda a loja.

Levou toda a concentração deles para remover para a calçada em frente das portas.

Quando finalmente descansou em terra firme, ela deu um passo para frente.

— Parece muito pesado, — ela disse se aproximando por atrás de Marcus. Ele se virou e assentiu.

— A coisa é velha. Eles usam um material novo, mais leve agora, mas eles costumavam ser feitos de aço. — Ele acenou para onde a placa e o toldo costumavam estar no prédio. — Se você quiser um toldo, posso lhe dar informações sobre uma boa companhia na cidade, que lhe fará um ótimo preço. Mas, por agora, pelo menos você não terá que se preocupar com isso caindo na cabeça de ninguém.

Ela sorriu. O prédio parecia melhor sem eles. Ela planejava ter uma placa acima da porta, mas algo menor e mais elegante. Quanto ao toldo, ela estava feliz que a coisa feia foi removida. O material marrom e verde rasgado era a única coisa que ela não gostava na frente do seu prédio.

Se voltando para Marcus, estendeu a pasta que trouxe para baixo com ela.

— Eu tenho algumas coisas que eu gostaria de discutir com você, caso tenha tempo.

Ele assentiu. — Me deixe apenas mandar esses caras transportar tudo isso. — Ele acenou para a bagunça, então se virou para ela e franziu a testa. — Você esqueceu do casaco novamente. Vá para dentro. Eu vou entrar em seguida.

Ela assentiu com a cabeça, pegou suas chaves, e pisou cuidadosamente em torno da confusão. Destrancando as portas da frente, ela entrou e foi direto para o que se tornaria sua área de estoque. Atualmente havia uma grande vitrine que ela tinha planos em reformar e utilizar para alguns de seus itens menores.

Ela sabia exatamente o que queria ter em sua loja e olhou ao redor do espaço, imaginado como ele seria. Ela sempre teve visão para projetos. Ela adorava olhar para um espaço e planejar o que o tornaria mais convidativo, mais pessoal, ou mais profissional.

Ela queria ter ido para a faculdade de design, mas seus pais tinham outros planos. Ela franziu a testa, pensando em seus pais, enquanto olhava para a lista crescente em seu tablet.

Esta foi a única coisa que ela já tinha feito sem a aprovação deles ou sem eles saberem. Ela lhes contou seus planos há vários anos, mas eles riram e assumiram que ela estava brincando. Ela não os tinham *encorajado* a acreditar que pegaria sua herança de Nanna e mudaria para o sul, para seguir seus sonhos. Seus pais ainda acreditavam que ela estava vivendo na casa da cidade, que tinham comprado perto da faculdade, e que ela estava terminando os últimos dois anos exigidos por eles. Afinal, nenhum Harrison jamais seria pego morto sem pelo menos um doutorado. Ela suspirou e fechou os olhos e tentou não pensar em quanto ela ia decepcionar sua família.

— Problemas? — A voz dele instantaneamente roubou sua atenção de seus problemas familiares. Desde que seus olhos estavam fechados, ela podia ouvir o quão sexy ele soava. Quando os abriu, ela tentou não deixar seus pensamentos aparecerem em seu rosto, mas ela poderia dizer que ele tinha descoberto, porque seu sorriso era rápido e potente.

Sacudindo a cabeça, não, ela tossiu e focou no que queria falar com ele.

Ele caminhou até ela e colocou o seu casaco sobre seus ombros. — Eu disse que está muito frio lá fora e aqui dentro. — Ele andou até o termostato na parede de trás. Balançando a cabeça, fez alguns encaixes e, então, virou-se para ela enquanto esfregava as mãos. — Pode estar mais quente do que você está acostumada, mas ainda está frio o suficiente para deixá-la doente.

Ela balançou a cabeça. — Eu não estou doente. — Como ela poderia lhe dizer que a tosse era um tique nervoso que ele causava nela?

— Certo. — Ele assentiu. Seu sorriso e seus olhos lhe diziam que ele não acreditava nela.

Ainda assim, ela empurrou seus braços gelados pelas longas mangas de seu casaco, e até o quarto esquentou um pouco.

— O que é tudo isso? — Ele perguntou e acenou para os desenhos que ela exibia. Ele se aproximou e começou a olhar através de seus esboços.

— Algumas ideias que eu tive. — Ela deu um passo ao lado dele e o observou folhear seus esboços. Seus olhos examinaram cada detalhe. Em seguida, eles examinaram suas notas e as listas impressas de suprimentos.

Quando terminou, ele se virou para ela e se apoiou no armário. — Nós poderíamos fazer isto funcionar. — Ele bateu em seus esboços.

— Quais partes? — Ela ansiava por revisar com ele cada detalhe, passo a passo.

— Tudo isso. — Ele riu. — Não há nada aqui que não seja realizável. Acho que tudo vai depender do que você reservou de orçamento para a reforma.

Ela pegou seu tablet e abriu a planilha que mostrava os montantes.

Ela entregou a ele, mas ele se afastou um pouco, colocando as mãos atrás das costas.

Ela riu. — É apenas um tablet. Eu tenho o meu orçamento...

Ele balançou a cabeça novamente quando ela tentou entregar para ele. — Eu... eu não sou bom com essas coisas. Me surpreende que o meu telefone celular ainda está funcionando.

Ela teria rido dele, mas a sinceridade nos seus olhos a deteve.

Ela suspirou e olhou para os números e os lançou rapidamente, o quanto ela tinha reservado para a construção, para a placa que penduraria acima da porta, o quanto ela estimava que o piso novo custaria. Ela tinha feito sua lição de casa, e tinha sido muito minuciosa.

Quando terminou, ele riu. — Quer um emprego?

Ela olhou para ele e abraçou o tablet contra o peito. — O quê?

Ele balançou sua cabeça. — Essa tem de ser uma das listas mais precisas e detalhadas que eu já ouvi.

Ela sorriu. — Obrigada.

— Não deve haver problema com esses números, se você pudesse... — Ele olhou para o tablet em questão.

— Eu posso enviar por e-mail para você?

Ele assentiu com a cabeça. — Os envie para o e-mail do meu irmão. — Ele lhe entregou um cartão. — Ele é o gênio financeiro em nossa família.

— Sua irmã me disse que havia dois de vocês. Ele só trabalha nos bastidores?

Ele assentiu com a cabeça. — Na maioria das vezes, mas às vezes eu o deixo sair e coloco um martelo em suas mãos. — Ele sorriu e ela não conseguia parar de sorrir para ele.

— Eu sempre desejei ter um irmão ou irmã por perto.

Ele se inclinou um pouco mais sobre o armário. — Filha única, não é?

Ela assentiu com a cabeça. — São só vocês três?

Ele negou com a cabeça. — Outro irmão. — Ele riu. — Se é que hoje ele ainda está vivo. E uma irmã que não vemos há algum tempo. — Ela piscou e lhe deu olhar interrogativo — Meu irmão é Cole Grayton. — Ele esperou e quando ela balançou a cabeça, ele riu. — Oh, isso é ótimo. Espere até que ele se encontre com você. — Ele riu de novo. — A cabeça de Cole poderia precisar um pouco de deflação.

— Ele é uma estrela de cinema ou algo assim?

— Ainda não. Ele é um surfista. Já esteve em muitos outdoors para contar, exibindo tudo o que Deus lhe deu com apenas suas boxers. — Ele balançou a cabeça e um pouco do seu sorriso desapareceu. — Quase se matou surfando algumas ondas gigantes. Por pouco terminou o trabalho no ano passado em um acidente de moto.

Ela vagamente se lembrava de ter ouvido algo sobre um surfista que tinha estado em um acidente de moto ruim, mas não conseguia se lembrar dos detalhes.

— Ele estará voltando de Sydney este mês. — Balançou a cabeça. — O acidente nem sequer o desacelerou. — Ele suspirou.

— E a sua irmã? — Ela inclinou-se levemente sobre o armário e viu seus olhos ficarem suaves. Ele parecia um pouco perdido. — A outra.

— Foi embora alguns dias depois de seu aniversário de dezessete anos. — Ele fechou os olhos e ela podia ver que ele estava lutando contra algumas emoções. Ele balançou a cabeça e quando e abriu os olhos, mudou de humor. — Agora é sua vez.

— O quê? — Ela se levantou novamente, colocando um pouco mais de espaço entre eles.

— Compartilhe e diga. Eu compartilhei um pouco, agora você tem que me dizer algo. — Ele sorriu e se inclinou na bancada

O sorriso dela caiu e ela sentiu seu coração saltar um pouco. Ela não gostava de falar sobre sua família. Para ser honesta consigo mesma, não gostava de pensar em sua família.

— Então, sua família é de Boston? — A pergunta ficou no ar.

****

Marcus observou toda sua conduta mudar. Ela passou de descontraída e amigável para a princesa do gelo em menos de dois segundos. Seu corpo inteiro ficou rígido.

Estendendo a mão, ele agarrou seu braço antes que ela pudesse se afastar. — Hey? — Ele disse suavemente. — Não quis assustar você. — Ele faria qualquer coisa para ver o sorriso e o riso que ele tinha testemunhado alguns minutos atrás retornar.

Ela sacudiu a cabeça e começou a recolher seus esboços. Esboços, ele teve que admitir, que igualou os que tinha elaborado para seu espaço. Ela tinha talento e, ele apostaria os dentes, educação.

O que ele não poderia entender era por que ela estava aqui, tentando abrir uma loja de nickel-and-dime[2]. Mas depois de ver sua reação à menção a sua família, ele apostaria que tinha tudo a ver com eles.

— Você não me assustou. Eu não gosto de falar sobre eles, só isso. — Ela suspirou e fechou a pasta com seus esboços. — Você pode levar estes, se precisar.

Ele os pegou dela, sabendo que ela tinha terminado efetivamente a conversa. Havia algumas ideias que ela elaborou que ele não tinha pensado. É sempre uma boa ideia seguir o que o cliente quer, de qualquer forma. Além disso, ajudariam Roman com a estimativa, que ele planejava entregar a ela mais tarde naquela noite.

— Se estiver tudo bem, eu gostaria de dar uma olhada lá em cima agora.

Ela assentiu e caminhou lentamente em direção à porta. Ele a seguiu e viu suas costas relaxarem um pouco enquanto ela andava. Então, no topo da escada exterior, ela se virou para ele.

[2] Muito barato, que é uma pechincha.

— Eu sinto muito. — Ela suspirou. — É só que eu não sou muito próxima da minha família.

— Ei, não precisa se desculpar. — Ele sorriu. — Eu conheço o sentimento.

Suas sobrancelhas se ergueram e, então, uma pequena linha se formou entre elas. — Mas, você acabou de me dizer…

Ele riu e a interrompeu. — Eu não falo sobre a minha família verdadeira. — Ele balançou a cabeça. — Fomos todos adotados pelos Graytons. — Ele sorriu. — Ótimas pessoas. Mas meus verdadeiros pais… — Ele balançou a cabeça e enrijeceu, quando as lembranças do rosto de sua mãe surgiram em sua mente, assim como aconteceu com a Shelly alguns minutos atrás. — Eles são uma história diferente, — disse ele em voz baixa.

Ele observou o entendimento cruzar os olhos dela. — Eu me perguntei quando não vi a semelhança entre você e Cassey. — Ela sorriu. — Você nunca teria adivinhado pela forma como ela continuou a falar sobre você. — Ela parou com a mão na maçaneta da porta. — Sabe, eu realmente pensei por um momento que ela estava pensando em nos arranjar?

Ele riu. — Eu não ficaria surpreso. Desde que ela e Luke começaram a viver uma vida feliz, ela está tentando me arranjar uma esposa mais e mais. — Felizmente ele tinha escapado das duas primeiras tentativas, mas estava começando a se perguntar se sua irmã não tinha conseguido em sua terceira tentativa.

Ela sorriu e abriu a porta para o que seria seu apartamento. Lá embaixo, sua mente criativa tinha se concentrado nos negócios, mas aqui em cima, sua imaginação de design começou a ficar selvagem.

Eles entraram em um grande quarto, com teto alto e ventilação exposta. Todo o lado esquerdo do edifício era de tijolos expostos que, com um pouco de trabalho, poderiam ser renovados. O piso de madeira teria que ser lixado e pintado e poderia precisar de algumas camadas de verniz para fazê-lo brilhar.

Havia uma pequena área de cozinha do outro lado com o que ele supôs ser um pequeno banheiro atrás dela. Todo o resto estava aberto e exposto, uma imensa sala para ele fazer o que quisesse.

Ele caminhou ao redor da sala em silêncio enquanto planejava tudo. Ele franziu a testa quando notou o colchão de ar encostado contra a parede perto de uma dúzia de caixas fechadas. Ela deveria estar em um hotel, ele pensou, não dormindo no chão. Melhor ainda, ela deveria estar em uma grande cama com um dossel de seda a cobrindo.

Balançando a cabeça, ele voltou para o quarto e imaginou uma grande cama king-size feita de madeira escura colocada no canto de trás de uma meia parede que separava o espaço do resto da sala, um dossel branco macio da seda drapeado para baixo de cada poste.

Ele riu interiormente. Esta não era onde sua experiência estava. Ele era um construtor. Ele remodelava coisas, não as projetava.

Caminhando para o pequeno banheiro, ele sacudiu a cabeça e pensou em um plano para expandi-lo, adicionando um armário para suas roupas e armazenamento. Ela iria querer uma banheira; toda mulher queria uma banheira. Talvez uma com jatos. Ele se virou e olhou para ela, enquanto observava as pessoas abaixo. Sim, definitivamente jatos. Ele sorriu e fez uma anotação mental para verificar algumas opções diferentes.

O velho chuveiro teria que sair. A maioria dos azulejos estavam mal colocados. Quando ele abriu a torneira, os tubos antigos chiaram, e soube que seria necessária uma modernização. Demorou muito tempo para a água quente surgir e, mesmo assim, foi morna, então ele acrescentou um novo aquecedor de água sem tanque à sua lista mental. O vaso sanitário e pia estavam tão antiquados, que imediatamente adicionou esses, também.

Voltou para a sala principal. A iluminação precisaria ser atualizada, e ele teria que adicionar fiação elétrica para novos aparelhos na cozinha. Ele olhou em volta e pensou que iria mover toda a cozinha para o outro lado, em frente às escadas de modo que a parede de tijolo ficasse completamente nua. Esse lado ele iria poupar para a sua sala de estar e uma pequena área de jantar.

— Bem? — Ela perguntou, quando ele se aproximou dela. As janelas eram altas, começando em torno de seus joelhos e indo todo o caminho para cima. Algumas das janelas teriam de ser substituídas. Seria melhor se todas elas pudessem ser

substituídas por janelas de vidro duplo, mas ele duvidava que ela tivesse orçamento para cobrir o custo.

— Você tem um espaço agradável aqui. — Ele olhou para seu ponto de vista. O calçadão estava abaixo deles e ele observou por um momento as pessoas que passeavam. Adiante havia uma longa faixa de praia e, em seguida, a água esmeralda. Era um dia calmo e quase havia onda ondulando a água, o que fez com que parecesse verde tão longe quanto o olho podia ver.

Ele se virou para ela e notou que alguns fios suaves de seu cabelo loiro tinham caído em volta do rosto. Ela tinha ou esquecido de colocar a maquiagem naquela manhã ou colocou muito pouco. Sua pele parecia tão suave, ele coçava para estender a mão e tocá-la. Seus olhos percorriam sobre ela e ele não podia negar o puxão repentino e poderoso que ele tem de olhar para suas curvas. Ela era mais alta do que a maioria das mulheres que tinha namorado. Calculou sua altura em torno de um metro e setenta e dois. Os velhos jeans que ela usava estavam confortáveis em todos os lugares certos, fazendo-o desejar que pudesse correr as mãos sobre as longas pernas.

Quando ela voltou os olhos para ele, pegando-o em sua avaliação dela, ele não conseguiu parar o sorriso.

— Bela vista, — disse ele, em voz baixa.

05



— Sim, — ela disse em voz baixa, segurando um suspiro. Seus joelhos ameaçaram ceder, e estava achando muito difícil se concentrar na respiração. Ela ouviu um zumbido leve em sua cabeça e respirou profundamente, antes que se envergonhasse ainda mais por desmaiar sob seu olhar aquecido. — Eu esperava que algumas dessas janelas se abrissem.

Ela voltou os olhos para a vista, e se esforçou para não sentir o calor que irradiava do homem em pé ao lado dela. Franzindo a testa, ela olhou para a grande parede de vidro e desejou ouvir o mar.

— Isso poderia ser arranjado. Será que você tem alguns esboços aqui?

Ela se virou para ele e balançou a cabeça. — Eu não tive tempo ainda. Eu poderia...

Ele balançou a cabeça, detendo-a. — Por que você não me diz o que você tem em mente, em vez disso.

Ela sorriu e explicou como tinha sonhado de transformar o espaço aberto em sua nova casa.

Uma hora mais tarde, ela observava pelas grandes janelas, enquanto ele caminhava de volta para seu pequeno escritório algumas portas abaixo. Ela o viu parar e conversar com algumas pessoas. Ele parecia e agia como se pertencesse aqui. Como se ele sempre esteve aqui. Ela suspirou e ansiou por esse sentimento. Fazia anos que realmente não se sentia como se encaixasse. Mesmo na faculdade, ela

sempre se sentira como uma estranha. Talvez fosse porque ela tinha vivido em uma casa na cidade grande na parte mais rica da cidade, em vez dos dormitórios com o resto dos estudantes.

Cruzando os braços sobre o peito, ela observou as pessoas apreciando as pequenas ondas e areia macia e branca.

A primeira coisa que ela fez ontem, depois de caminhar por seu prédio, foi andar até a beira da água sem seus sapatos e sentir a água fria e areia fofa. Tinha esquecido como era suave.

Suspirando, ela voltou para seu quarto e começou a desembalar suas caixas. Como ainda não tinha um armário, dobrou todas as suas roupas e as colocou na prateleira comprida, que corria ao longo da parede de trás, usando a pequena área como um vestiário improvisado, uma vez que ficava afastada das grandes janelas na frente do edifício.

Depois de passar um pouco mais de uma hora varrendo e limpando o andar de cima, decidiu que uma longa caminhada na praia era exatamente o que ela precisava.

Em algum momento, ela teria de encontrar uma mercearia para comprar alguns itens básicos, mas até se sentir um pouco mais centrada, ela queria aproveitar esses pequenos momentos e – pela primeira vez em sua vida – sua liberdade.

Ela estava agradecida que Marcus não tivesse continuado a perguntar a ela sobre seu passado. Uma vez que ela tinha deixado claro para ele que não queria falar sobre sua família, ele mudou de assunto.

Apenas saber que ele tinha sido adotado a fez querer saber mais sobre ele, Cassey e seus outros irmãos.

Ele tinha mencionado que não falava sobre seus pais verdadeiros, mas isso não a impediu de se questionar sobre eles. Bem como, ela tinha certeza, que ele estava se perguntando sobre os dela.

Ela retirou um velho par de chinelos e os deixou juntamente com muitos outros ao lado dos degraus que levavam até a praia. A longa caminhada pela areia branca para chegar à borda da água foi emocionante. Era estranho, mas de cima, não

parecia que a água estava tão longe. Quando chegou à água fria, estava quase sem fôlego.

Ela costumava estar em excelente forma, quando sua mãe a tinha matriculado em várias aulas de dança. Mas quando ela começou o ensino médio, sua mãe as tinha substituído por aulas introdutórias na faculdade.

Prometendo começar a correr todos os dias, ela caminhou rapidamente ao longo da costa, parando apenas um punhado de vezes para pegar conchas.

Quando ela conseguiu voltar para o calçadão, tinha os bolsos cheios de pedras de areia do tamanho de moedas. Seu outro bolso tinha duas conchas de tamanho médio, uma delas completamente branca.

Calçando seus sapatos novamente, ela decidiu encontrar um lugar para o almoço. Seu estômago não parou de reclamar pela última meia hora. Ela tinha visto a pequena padaria chamada Lunch Box e decidiu que um sanduíche estava em ordem.

Quando entrou, ela foi recebida por um simpático homem de cabelos grisalhos vestindo uns shorts e uma camisa de cores vivas.

— Olá, docinho. O que posso fazer para você beber hoje?

Ela olhou para o menu cuidadosamente escrito no quadro-negro atrás dele. — Chá gelado de framboesa soa maravilhoso. — Ela sorriu.

— Oh, uma nativa. — Ele sorriu e por um momento, ela pensou que ele percebeu que ela possuía o edifício uma dúzia de portas para baixo. — Boston, certo?

Ela sorriu. — Eu acho que eu simplesmente não posso esconder isso por aqui. — Quando suas sobrancelhas se ergueram em interrogação, ela continuou. — Essa é a segunda vez que me perguntam isso em dois dias.

— Oh? — Ele sorriu. — Me levou viver aqui quinze anos antes que as pessoas parassem de me perguntar. — Ele sorriu. — Eu vou pegar o chá para você. — Ele se virou para sair, mas olhou por cima do ombro. — Os especiais de hoje estão bem ali. — Ele apontou para o lado do quadro-negro. — Leve o seu tempo para decidir.

Ela estava tão absorta no menu, que não percebeu que alguém havia sentado ao lado dela, até que falou.

— Eu vi você falando com Cassey noite passada, correto?

Quando Shelly se virou, ficou surpresa com a beleza da mulher loira sentada ao lado dela. Seu cabelo comprido estava preso em uma trança arrumada, expondo o rosto e a pele mais bonita que Shelly já tinha visto. O sorriso da mulher era perfeito. Cada dente era tão branco como a neve recém caída. Os olhos de Shelly observou tudo sobre ela. Suas roupas eram leves e elegantes. Shelly se sentia pequena e simples sentada ao lado da mulher. Era tudo muito intimidante. Tudo o que podia fazer era acenar com a cabeça.

— Eu sou Wendy. Eu trabalho no bar do Boardwalk Bar and Grill. — Ela estendeu a mão, à espera de Shelly para pegá-la.

— Shelly. — Ela pegou sua mão e a apertou. — Acabei de comprar a loja de móveis algumas portas para baixo.

— Isso foi o que eu pensei. Cassey não parava de falar sobre você na noite passada. Eu estava muito ocupada para ir vê-la, mas eu estou feliz por ter encontrado você hoje.

Quando a mulher sorriu, seus olhos se iluminaram. Poderia esta mulher estar interessada nela? Seu rosto começou a esquentar de vergonha. Shelly esperou, se sentindo um pouco estranha e não sabendo o que dizer. O que poderia esta mulher, possivelmente, querer dela? Ela realmente não tinha tido nenhum amigo, exceto as crianças que os seus pais a obrigaram conviver. E ela nunca tinha sido cantada por uma mulher antes.

Wendy riu um pouco. — Eu não estou dando em cima de você. — Ela se inclinou um pouco mais perto e bateu o ombro com a dela. — Embora, você esteja muito sexy nessas roupas de trabalho. — Ela riu de sua piada.

Shelly olhou para baixo e percebeu que ela ainda estava vestindo suas calças empoeiradas e a camisa de antes. Ela realmente tinha que começar a pensar sobre como ela se vestia quando saia.

Só então, o homem mais velho entregou seu chá. — Como vai, Wendy? Eu estarei com você em um instante. — Ele sorriu e, em seguida, virou-se para Shelly. — Você já decidiu?

— Sim, eu vou querer o especial. Posso ter um acompanhamento de sopa de batata com isso?

Ele concordou e, em seguida, virou-se para Wendy. — O seu habitual?

Wendy riu. — É quarta-feira. — Ela se debruçou sobre o balcão e colocou o queixo em suas mãos quando o homem se afastou para trazer seus pedidos.

— Este é Marvin. Ele e Alfred possuem este lugar. — Ela se virou no banco do bar e se recostou no balcão para que pudesse ver as pessoas lá fora. — Cassey disse que você vai abrir um tipo de boutique?

Shelly assentiu e tomou um grande gole de chá. A doçura bateu nela quando o líquido a esfriou. Ela não tinha percebido o quão quente estava lá fora.

— Sim, espero abrir até as férias de primavera.

— Uau, — disse ela, chutando seus pés um pouco. — O lugar com certeza precisa de um monte de trabalho. Você já se encontrou com o pedaço de mal caminho número um?

— Desculpa? — Ela se contorceu para observar as pessoas caminhando lá fora, como Wendy estava fazendo.

— Você sabe, o divertido irmão mais velho de Cassey, Marcus. Pedaço de mal caminho número um dos três. — Sorriu e olhou para ela.

— Oh. — Shelly assentiu. — Sim, na noite passada e novamente esta manhã.

Wendy assobiou e sacudiu a cabeça. — Duas vezes em poucas horas. Tenha cuidado, ele pode abalar você. — Ela piscou. — Os meninos Grayton têm um jeito de irritá-la ou fazer você se apaixonar completamente por eles. — Os olhos de Wendy ficaram tristes e ela se virou rapidamente.

Esta mulher estava tentando dizer a Shelly alguma coisa? Será que ela tinha alguma coisa com o Marcus? De repente, Shelly percebeu que não sabia nada sobre ele, mas ela já tinha decidido que o relacionamento deles tinha o potencial para ir a algum lugar.

Agora, estava tudo mais claro. Foi por isso que Wendy a caçou. Para marcar seu território. Bem, Shelly não era de pisar no pé de ninguém.

— Eu só encontrei com ele porque precisava de alguém para fazer o trabalho. Eu não sabia que... — Ela parou quando Wendy girou de volta para ela, com um olhar confuso em seu rosto.

— Não percebeu o quê? — Ela perguntou enquanto se aproximava e tomava um gole da água que Marvin acabara de entregar.

Ela olhou para o chá, depois para a mulher. — Que você dois estão juntos.

Wendy riu. Não apenas uma pequena risada, mas uma risada alta, de corpo inteiro. Após cerca de um minuto de ouvi-la, Shelly não conseguiu parar de sorrir junto com ela.

— Oh, isso é bom. Espere até que eu diga a ele essa piada. — Ela fingiu enxugar uma lágrima de seu olho. — Não, Marcus e eu somos apenas amigos.

Então ficou claro para ela. Ela estava falando sobre um de seus irmãos. Sua boca se abriu e ela deixou seus lábios fazerem um "O".

— Sim, não existe nada. — Balançou a cabeça. — Embora eu gostaria de matar um deles. — Ela piscou para ela novamente. — Eu vou deixar você descobrir qual deles, no entanto.

Shelly riu. — Ainda não conheci os outros.

— Oh, você vai. Eles nunca se afastam muito.

Só então, a comida chegou e Shelly riu quando viu que Wendy tinha escolhido o especial também. O panini de peru assado parecia fabuloso. Ela mordeu e percebeu que, era melhor do que sanduíches que já tinha pago caro.

— Agora você sabe por que eu venho aqui para almoçar toda quarta-feira. — Wendy sorriu para ela enquanto dava outra mordida em seu próprio sanduíche.

Ela gostou de conversar com Wendy durante o almoço. A mulher era uma faladora. Ela tinha feito a Shelly algumas perguntas, mas quando ficou claro que ela não gostava de falar sobre si mesma, Wendy começou a falar de todas as pessoas que ela conhecia. Shelly pensou que ela estava tentando a familiarizar um pouco com os moradores. No momento em que seu sanduíche e sopa acabaram, ela sentiu como se soubesse mais sobre a pequena cidade de Surf Breeze, do que sabia sobre a cidade onde cresceu.

— Claro, Blanco Beach é a melhor praia, — disse Wendy, inclinando-se mais perto dela sussurrando: — Mas não conte a ninguém. — Ela suspirou. — As praias têm bastante concorrência entre si.

Wendy tinha dito a ela que os moradores não diziam realmente que eles eram de uma cidade específica, mas sim qual praia mais próxima eles viviam. Blanco Beach era a praia em frente da sua porta. O nome era apropriado.

— Claro, todo este trecho do Golfo tem areia branca, mas nós temos o melhor banco de areia. Basta esperar, este verão, quando você poderá ir para a água quente, você verá. — Ela sorriu, enquanto caminhavam juntas para fora do pequeno café. Wendy parou e acenou para a água. — Ali. Você pode caminhar cerca de trinta metros sentar em sua extremidade e desfrutar. Claro, algumas pessoas se queixam que as ondas não são fortes o suficiente, ou que você não pode surfar nas ondas. — Ela franziu a testa e olhou além da água.

Shelly viu a preocupação em seus olhos. Wendy sacudiu a cabeça e se voltou para ela com um sorriso.

— Agora, se você precisar de alguma ajuda com o seu lugar, deixe eu ou Cassey saber. — Ela sorriu. — Oh, você deve ir no bar e grill sexta à noite. Temos uma banda ao vivo. Os Wailers. Eles são um dos meus favoritos.

Shelly voltou a subir as escadas, sentindo como se tivesse acabado de fazer sua primeira amiga de verdade.

****

Marcus entrou no banheiro e suspirou. Tudo o que ele queria era um banho quente e algumas horas sentado na frente da TV e parar sua mente, mas ele sabia que havia uma pilha de papéis que seu irmão tinha feito para Shelly, que precisavam ser entregues em mãos.

— Certeza que você não quer que eu passe e entregue isso? — Roman perguntou quando os entregou a ele.

Seu irmão tinha uma aparência diferente da dele. Enquanto, Cole tinha a aparência de vagabundo de praia, Marcus era áspero e robusto, Roman era limpo e com aparência profissional. Mulheres adoravam o seu tipo. Ele mal conseguia se lembrar de uma época em que Roman não tivesse alguém suspirando atrás dele. Ele

e Cole não podiam reclamar nesse departamento, mas Roman tinha um jeito com as mulheres que eles nunca teriam.

Marcus não queria que ele estivesse perto de Shelly, então ele lhe disse que tinha mais algumas perguntas sobre o projeto que precisava rever com ela. Roman percebeu sua mentira, mas seus olhos escuros tinham abrandado e ele disse que estava indo passar por Spring Haven Home naquela noite.

Spring Haven Home era uma ideia que Marcus tinha falado com Roman anos atrás, quando eles ainda estavam raspando seus joelhos subindo em árvores e tentando construir a melhor casa na árvore. Ele tinha realmente esquecido sobre a ideia, até que Roman o tivesse conduzido para uma antiga casa em Spring Haven, e lhe mostrado o plano de negócios.

Levou um pouco mais de um ano para os dois reformarem o antigo lugar em algo que pudesse ser usado como um orfanato.

Eles tinham começado a Paradise Construction para ajudar a pagar o lugar, e depois que Cassey abriu seu bar e grill, ela começou a doar algum dinheiro extra também. Levou algumas arrecadações anuais e um monte de trabalho por parte de Roman para manter a casa em funcionamento, mas era o seu bebê. Marcus não esperava isso, desde que diferente das outras crianças, Marcus era o único que passara algum tempo em um lugar como esse.

Ele supunha que era porque Roman adorava crianças. Seu irmão não poderia obter o suficiente delas, na verdade. Ele passava a maior parte de seu tempo livre no local, trabalhando com as crianças. Ele planejava passeios, artesanato – você diz, Roman estava lá. Não só seu irmão tinha a melhor mente de negócios no clã, ele era o Peter Pan enlouquecido enquanto estava nisso.

Depois de tomar um banho rápido para tirar o suor e sujeira que ele ganhou ajudando seus homens a terminar o sótão renovado do McCallister, ele colocou um bonito par de calças cáqui e uma camisa de botões. Poderia também pegar uma dica de seu irmão e se vestir bem. Olhando para si mesmo no espelho, sorriu. Ele não gostava de se arrumar. Inferno, ele estaria mais confortável em shorts, uma camiseta, e sandálias. Isso ou seus velhos jeans, camisas empoeiradas, e botas de trabalho.

Ele passou o pente pelo cabelo molhado e colocou uma gota de pós-barba. Não que ele estava tentando impressioná-la. Inferno, ok, ele não poderia mentir para si mesmo. Ele *estava* tentando impressioná-la. Por que não? Ele era jovem e livre, e Shelly era linda, e, tanto quanto ele poderia dizer, livre também.

Segurando debaixo do braço, a grande pasta que seu irmão tinha lhe dado, ele pegou as chaves e correu para fora da porta. Era apenas a algumas quadras do calçadão, e o ar da noite estava quente o suficiente, então ele decidiu andar em vez de procurar uma vaga de estacionamento.

Quando ele chegou ao topo de sua escada, ele poderia dizer que ela não estava lá, e todos os nervos e excitação que tinham construído a partir do pensamento de vê-la se dissipou. Ele estava no topo da escada, à luz agora desaparecendo, e se perguntou o que fazer. Talvez ele iria para o lugar de Cassey por um tempo e voltasse mais tarde? Assim que se virou para ir embora, ele a viu começar a subir as escadas, escondida atrás de três grandes sacos de supermercado. Ela estava falando sozinha e ele se inclinou para trás e desfrutou do show.

Quando ela estava no meio da escada, ela o viu e quase derrubou o terceiro saco, que estava equilibrado entre os outros dois.

— Oh! — Ela fechou os olhos por um segundo e ele podia ouvir sua respiração acelerar.

— Desculpe. — Ele riu. — Não quis assustá-la. — Ele correu pela escada e pegou dois de seus sacos antes que ela os deixasse cair.

— Obrigada, — ela disse, um pouco sem fôlego enquanto estendia a mão segurando o corrimão para se equilibrar.

Ele notou que ela tinha colocado uma saia cor de creme longa com uma blusa cor de rosa. Ela tinha empilhado seu cabelo para cima, deixando os fios suaves caírem em volta do rosto.

— Eu absolutamente me apaixonei pela pequena mercearia a duas quadras daqui, — disse rapidamente. — Eu provavelmente comprei muito, no entanto. — Ela franziu a testa, olhando para os três sacos.

Ele riu. — Eu sempre compro. É por isso que Roman assumiu as compras um ano atrás.

— Oh? — Ela se virou ligeiramente e olhou para ele enquanto abria a porta.

— Meu irmão e eu fomos morar juntos logo após a escola. — Ele deu de ombros enquanto entrou atrás dela. — Acho que nunca vimos motivo para não vivermos juntos. — Até recentemente, ele quis acrescentar, mas não o fez.

— Isso é bom. Deve ser maravilhoso ter alguém que está sempre lá para você. — Ela colocou a bolsa para baixo na pequena bancada.

Ele podia ouvir a solidão em sua voz. Quando baixou os dois sacos, ele olhou para ela.

— Tem certeza que você tem espaço suficiente para tudo isso? — Ele parou quando ela começou a puxar itens para fora dos sacos.

Ela riu e balançou a cabeça. — Não, não realmente. Uma coisa boa é que eu não exagerei nos itens frios. — Ela se inclinou para colocar alguns itens no pequeno frigorífico. — Você já comeu? — Ela perguntou, olhando por cima do ombro.

Ele balançou sua cabeça. — Eu estava pensando em passar pelo local de Cassey, depois de deixar isso para você. — Ele levantou a pasta.

— Oh? — Ela continuou a arrumar seus itens.

— Roman terminou a proposta para você. Eu tenho algumas ideias para o projeto aqui também. — Ele se afastou e a viu rapidamente esvaziar os sacos.

— Por que você não fica? Nós podemos examinar tudo depois do jantar. Eu ia fazer um pouco de frango Alfredo. — Ela estava de costas para ele, então ela não pode vê-lo segurar a respiração atrás dela.

— Parece bom. — Ele se inclinou contra o balcão. — Posso ajudar?

Ela olhou para ele. — Há uma garrafa de vinho aqui em algum lugar. — Ela olhou para o último saco. — Aqui. — Ela entregou a ele, então, procurou em uma gaveta por um saca-rolhas. — Você pode servir. — Ela sorriu para ele. — Os copos estão lá. — Ela apontou para seu único armário ao lado da geladeira.

Pegando dois copos de vinho, ele balançou a cabeça enquanto abria a garrafa. — Ainda não sei onde você está pensando em colocar tudo isso.

Ela franziu o cenho para ele. — Eu estou tentando descobrir isso também. — Ela se inclinou para trás e suspirou. — Acho que vai demorar um pouco até que tudo comece a aparecer como uma casa por aqui.

Ele assentiu. — Poderíamos começar primeiro por aqui.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Eu não me importo de ficar no simples por um tempo. Eu prefiro começar em baixo. — Ela se virou e pegou uma grande panela. — Eu conheci Wendy hoje.

— Oh? — Ele riu. — E você ainda têm as duas orelhas pelo que eu vejo.

Ela sorriu. — Foi muito legal da parte dela me contar sobre tudo o que acontece por aqui.

— Tenho certeza que sim. — Ele lhe entregou um copo de vinho.

Ela parou e tomou um gole. — Por um momento, eu pensei que ela estava tentando me afastar.

— De? — Ele se inclinou contra o balcão e observou enquanto ela se movia ao redor da pequena cozinha. Parecia que ela sabia o que estava fazendo, então ele imaginou que não teria que fingir que gostava de seu jantar.

— Você, — ela disse enquanto olhava por cima do ombro.

Ele tinha acabado de tomar um gole de vinho, e começou a engasgar. Ela correu até ele, e começou a bater em suas costas para ajudá-lo.

06



Ela não sabia o que tinha a feito dizer isso, mas a sua resposta a fez começar a questionar seu relacionamento com a loira peituda mais uma vez.

— Meu Deus! — Disse ele, quando finalmente conseguiu respirar novamente. — Isso é apenas engraçado. — Quando ele começou a rir, ela só pode sentar e assistir. — E eles me chamam de engraçado. — Ele balançou a cabeça e rapidamente engoliu outro grande gole de vinho.

— Desculpe? — Ela se virou e começou a trabalhar no jantar novamente. Ela não tinha a intenção de bisbilhotar, mas tinha remoído isso durante todo o dia. Se Wendy não se sentia assim em relação a Marcus, ela se perguntou se Marcus se sentia assim sobre alguém. Afinal, ela realmente não sabia nada sobre ele ainda.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Wendy e eu somos apenas amigos. Na verdade, eu meio que penso nela como uma irmã. Não que eu a conheço a muito tempo, dois ou três anos, mas... — Ele deu de ombros. — Somos apenas amigos muito próximos. — Ele se inclinou para mais perto dela, e lhe deu um sorriso torto. — Agora, eu não posso dizer o mesmo do meu irmão. — Ele riu.

— Estou curiosa para saber qual deles. Ela mencionou que ela desejava que um dos homens Grayton levasse uma... como é que ela colocou? Longa caminhada fora de um cais curto?

Ele riu. — Sim, ela e Cole só se estranham. Quando ele sofreu o acidente de moto no ano passado, ela realmente o repreendeu na frente do meu pai e da minha

tia no hospital. — Ele riu. — Cole estava ligado a todas estas máquinas e coberto de ataduras, e ela estava em pé sobre ele o censurando por tentar se matar.

Ela franziu a testa, enquanto cortava o frango e o jogava na panela quente. — Isso não deve ter sido bom para a sua família.

Ele balançou a cabeça com um sorriso. — Oh, minha família adorou. Cole realmente tentou agarrá-la e beijá-la para que se calasse, o que apenas nos fez rir ainda mais. Todos nós sabíamos que eram os medicamentos que ele estava usando no momento.

— Sério? — Ela se virou e olhou para ele.

Ela não podia imaginar isso. Uma família rindo no hospital, enquanto alguém estava ferido. No ano passado, quando sua Nanna tinha sido hospitalizada, seus pais tinham aparecido com as flores padrões e desejos de melhora e, em seguida, tinham rapidamente saído. Ela era a única que tinha ficado e cuidado dela. Afinal, ela sentia mais pela velha senhora, do que sentia por seus pais juntos.

O que teria sido a vida crescendo com uma família louca, como a dele? Ela suspirou e pensou sobre isso enquanto cozinhava.

— Claro, isso foi depois que soubemos que ele estava fora de qualquer perigo. — Ele balançou a cabeça e viu seus olhos ficarem mais escuros. — Claro que desta vez, assustou o inferno fora de nós.

— Desta vez? — Ela olhou para ele. — Houve mais?

Ele riu. — Esse maldito garoto sempre tentou se matar. Desde que ele apareceu na casa grande. — Ele se aproximou e se sentou na sua mesa improvisada na cozinha. — Quando ele saiu do carro da Lilly naquele dia, não demorou dois dias para subir na casa da árvore que Roman e eu tínhamos construído meses atrás, e logo cair. — Ele riu. — Claro, que nós o provocamos. Ele teve sorte de ser apenas um pulso torcido desta vez. Então ele começou a surfar. — Ele balançou a cabeça de novo.

— Quanto a isso. — Ela parou de mexer o molho, e se virou para ele. — Surfar? Por aqui? As ondas ficam grandes o suficiente?

Ele riu e balançou a cabeça. — Wakeboarding e Bodyboard[3] são bastante comuns, e você pode surfar durante uma tempestade, mas é só isso. A primeira vez que ele surfou, foi quando tivemos uma tempestade tropical. Não era um furacão, mas lá fora havia algumas ondas grandes. Foi quando tudo mudou para ele. Ele era um aluno do colegial. Roman e eu estávamos apenas um ano acima dele. Depois disso, ele fez tudo que podia para pegar carona para onde o surf era melhor. Começou a economizar o seu dinheiro e voava para os Outer Banks na Carolina do Norte. Ele fazia viagens de fim de semana lá em cima o mais rápido que podia. Era seu último ano, quando ele assinou com seus patrocinadores, e o resto é história.

Ela sorriu enquanto apagava o fogo. — Eu pesquisei sobre ele depois que você me falou dele. — Ela balançou a cabeça. — Parece que ele é uma celebridade.

— Ele é o David Beckham na água. — Ele riu.

— Você é muito orgulhoso dele, — disse ela, derramando a água do macarrão.

— Quem não estaria? Naturalmente, Mark e Elizabeth sempre esperavam que ele parasse de tentar se matar.

— Mark e Elizabeth?

— Os nossos pais. — Ele continuou falando sobre sua família. Como Julie tinha sido uma irmã mais velha para todos eles. Como haviam perdido Elizabeth, sua mãe, alguns anos atrás.

No momento em que seu prato ficou vazio na frente dela, ela sabia tudo sobre seus irmãos e sua irmã Cassey. Ele contou história engraçada após história engraçada sobre eles crescendo juntos. Ela não se lembrava de já ter rido tanto, pelo menos não durante um jantar com um homem tão atraente.

Enquanto ele falava sobre sua família, todo o seu rosto mudou. Seus olhos suavizaram e até mesmo sua voz ficou mais quente. Ela estava hipnotizada com o quanto ele os amava.

Ele falou sobre sua família durante toda a refeição. Ela até se abriu um pouco sobre seus próprios pais. Bem, não realmente, mas ela tinha mencionado que não tinham acreditado nela quando lhes disse que estava se mudando para cá e abrindo

[3] Modalidades de surf.

uma loja. Ela disse a ele sobre Nanna, e como foi por causa de sua avó excêntrica que ela estava aqui.

— Ela era a única Harrison que sempre fez o que quis na vida. Claro, ela teve que esperar até depois que seu marido morreu em um acidente de barco, antes que ela pudesse realizar seus sonhos de se tornar uma atriz. — Ela sorriu e descansou o queixo em seu punho.

As grandes janelas estavam completamente escuras agora, e uma vez que havia apenas duas pequenas lâmpadas na sala, todo o lugar parecia muito romântico. Tinha a incomodado na noite passada, enquanto ela estava sentada na mesa tentando fazer alguns esboços, mas esta noite, estava simplesmente perfeito.

— Uma atriz, hein? — Ele derramou um pouco mais de vinho em seu copo. — Alguém que eu conheça?

Ela encolheu os ombros. — Ela trabalhou principalmente na Broadway. Ela estrelou em mais de duas dezenas de peças em trinta anos. É claro que meus pais nunca falaram dela nos círculos sociais. — Ela franziu a testa, se lembrando de quão envergonhada sua mãe se sentia sobre sua própria mãe. Ela suspirou. — Minha Nanna poderia com certeza atuar. Quando eu tinha dezessete anos, eu escapei para vê-la uma vez. Eu disse aos meus pais que estaria hospedada na casa de Whitney Jameson para o fim de semana, mas em vez disso, eu me dirigi para Nova York e a assisti. Ela era magnífica. Passamos todo o fim de semana juntas, fazendo compras, indo a boates, conhecendo a cidade. — Ela riu e descansou para trás, lembrando-se do grande momento que elas tiveram.

— Eu teria gostado de conhecê-la. — Ele se inclinou para trás e sorriu para ela.

Ela pensou sobre o que sua avó teria pensado do galã sentado diante dela. Sua avó sempre expressou seus gostos e desgostos em homens. Marcus teria estado nesta lista. Então, sua mente se voltou para o tipo de homem que seus pais queriam para ela, e franziu a testa.

Por que ela lhe contou sobre sua Nanna? Ele tinha compartilhado sua família com ela, e ela queria compartilhar alguém maravilhoso com ele. Até os membros maravilhosos da família se foram, foi isso. Seus pais estavam fora dos limites.

Ela balançou a cabeça. O vinho estava subindo a cabeça, então ela o empurrou para o lado.

— Conte-me sobre isso. — Ela apontou para a pasta que tinha esquecido.

Ele olhou para ela, e então a entregou. — É muito objetivo e simples. Se você não gostar da oferta, eu tenho certeza que Roman pode trabalhar com os números um pouco mais. Posso garantir que somos os melhores da região. Você pode ser capaz de encontrar mais barato, mas eu vou avisá-la fique longe de qualquer um que cobra muito barato. Há uma grave falta de profissionalismo por aqui entre os empreiteiros. Eu tenho em minhas mãos os melhores. Eles aparecerão quando disserem que vão. — Ele sorriu.

Ela prendeu a respiração enquanto examinava a licitação do preço final e estremeceu um pouco com a quantia.

— Isso inclui o trabalho aqui em cima, todas as autorizações e inspeções que são necessárias, e uma garantia de dois anos em todo o trabalho. Se algo não funcionar, tudo que você tem a fazer é gritar.

Ela assentiu com a cabeça e pensou em mover alguns dados financeiros para fazer funcionar. Cortaria um pouco do seu inventário, mas também poderia formar o estoque um pouco mais lento do que ela tinha planejado.

— Eu acho que isso vai funcionar. Em quanto tempo você pode começar e quanto vai demorar?

— O mais rápido possível, para obter as licenças liberadas são duas semanas. — Ele franziu a testa. — Embora o cara da cidade deva a Roman um favor, talvez o tempo poderia ser cortado pela metade. Materiais e mão de obra também poderiam estar prontos até lá. Aqui em cima... — ele acenou para a cozinha — Se quiser algo extravagante nos armários, o tempo dependerá de onde vamos encomendá-los. Alguns lugares levam até cinco semanas para entregar.

— Eu gostaria de começar no andar de baixo primeiro.

Ele assentiu. — Mas você deve escolher tudo para aqui, para que possamos tê-los prontos quando for necessário.

Ela assentiu com a cabeça. — Isso é razoável.

— Roman cuida de tudo isso, então você vai se encontrar com ele no escritório.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Ele vai orientá-la através do site do nosso distribuidor e lhe mostrar todas as suas opções. Eu realmente não uso computadores. — Ele limpou a garganta um pouco.

— É por isso que você não queria ver o meu tablet?

Ele assentiu. — Eu não sou bom com eletrônicos. Eu poderia passar fio em todo um prédio de escritórios, mas quando se trata de computadores, eu acho que você poderia dizer que eu sou analfabeto.

Ela sorriu. — Eu aposto que você conseguiria se tivesse alguém para orientá-lo. Não é tão difícil. — Ela se inclinou para trás e olhou para ele. Ele realmente estava bonito esta noite todo arrumado. Ela estava agradecida por ter tomado banho se trocado antes de sair para explorar a área e ir no supermercado pegar os suprimentos.

Ela adorava coisas legais. Ela sempre teve o melhor, mas era, além disso. Para ela, era a marca do que escolhia. Mais frequentemente do que não, ela desviava para os artigos originais e menos caros. Ela nunca gostou de ser um esnobe em qualquer coisa. Claro que, quando ela vivia em casa, ela teve de se vestir como seus pais tinham desejado, o que a tinha deixado louca.

Ela cruzou as pernas e apreciou a forma como sua saia de dez dólares sentia contra sua pele. Ela adorava caçar pechinchas. Realmente vivia para isso. Talvez seja por isso que ela sempre sonhou em abrir uma boutique.

Ele se inclinou sobre a mesa, e ela não conseguia impedir seus olhos de percorrer seus antebraços. Fortes, bronzeados, e cobertos com uma camada bem fina de pelos. Se perguntou se o resto dele seria tão bom.

— Então, me diga uma coisa, — ele disse, interrompendo seus pensamentos.

Ela os empurrou para longe, e acenou com a cabeça, sentindo um pouco de medo. Ela estava bem em contar para ele sobre sua Nanna, mas perguntas mais pessoais estavam fora dos limites, pelo menos por enquanto.

— Você mencionou que tinha vindo aqui antes. — Ela assentiu, esperando por ele para fazer a sua pergunta. — Por que uma boutique? Quero dizer, é uma excelente localização e o calçadão com certeza poderia ter algo como isso, mas o que fez você desejar abrir uma loja?

Ela sorriu e suspirou. Esta pergunta era bastante fácil.

— Quando eu tinha onze anos, meus pais tiveram que ir para a Europa por uma semana e decidiram que arrastar sua filha pré-adolescente junto não era algo que eles queriam fazer. Então eles me deixaram ficar com a minha Nanna, que na época estava visitando uma velha amiga em Emerald Isle, Carolina do Norte. Minha Nanna e sua amiga me levaram às compras, e foi a primeira vez na minha infância que eu me lembre, de ter entrado em uma loja onde algo custava menos de cem dólares. — Ela sorriu, se lembrando de como gastou todos seus trocados em pequenos brinquedos nas várias lojas ao longo da costa. — Pela primeira vez em minha vida, eu tive permissão para gastar o meu próprio dinheiro. Comprei mais lixo inútil naquela semana, do que dez turistas. — Ele riu. — Foi o mais divertido que eu tive em anos.

O sorriso dele desapareceu. — Então, você não deve ter tido uma infância muito agradável.

Ela balançou a cabeça e pegou seu vinho novamente; ela se sentiu um pouco mais nivelada, mas bebeu lentamente. — Não, não realmente. — Ela olhou para as janelas escuras. — Então, quando é que a temporada começa oficialmente? — Ela perguntou, mudando rapidamente de assunto.

Ela ficou agradecida quando ele seguiu junto e respondeu, — Nas Férias da Primavera as coisas começam se recuperar. Corre todo o caminho até o final de setembro, se for um bom ano. Embora, como você pode ter notado, janeiro pode ser ocupado também.

Ela sorriu. Ela adorava as estações do ano no Norte, mas não achava que se importaria com as mudanças mais suaves no Sul. Honestamente, estava ansiosa para ser bastante quente durante todo o ano daqui em diante.

— Então, você mencionou que sua Nanna foi a única Harrison a fazer o que ela queria, mas e você? — Ela olhou para ele sem falar. Ele balançou a cabeça ao seu redor. — E quanto a tudo isso?

Ele chegou até ela, e pela primeira vez naquela noite, ela percebeu o quanto e ele estava perto dela. Quando seus dedos afastaram uma mecha de cabelo de seu rosto, ela prendeu a respiração.

— Não é isso o que você quer?

****

Marcus observou as pupilas de Shelly se dilatarem. Seus suaves olhos castanhos o prendiam, quando ele ouviu a respiração dela engatar. Ele sabia que a estava desequilibrando, mas ela havia o desequilibrando desde que ele tinha acordado a noite passada em seu escritório, e a viu em pé na sua porta.

— Eu... — ela começou, mas parou quando ele correu um dedo para baixo na coluna de sua garganta. Com o cabelo para cima, seu pescoço delgado o tentara toda a noite. Ele tinha sonhado acordado sobre qual seria o seu gosto, se ele corresse a boca em um mergulho na sua base. Seus olhos viajaram para seus lábios carnudos e quando ela passou sua língua neles, ele quase gemeu em voz alta. — Sim, é isso que eu quero. — Saiu como um sussurro, e por um momento, ele esqueceu o que tinha perguntado a ela.

Sua cadeira arranhou quando ele a puxou rapidamente para o seu colo. — Me fala para parar, — disse ele em voz baixa.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro e, então, passou os dedos em seus cabelos, puxando-o para ela até que suas bocas se encontraram. Ele não conseguiu se impedir de desfrutar da plenitude de seus lábios, a suavidade, o gosto dela.

Seus dedos lhe arranharam o couro cabeludo enquanto ela movia sua boca sobre a dele lentamente, matando-o. Suas próprias mãos cravaram em seus quadris e ficaram lá, enquanto ele desfrutava de sua suavidade. Ela era leve e se encaixava perfeitamente em seu colo. Ele desejou que ela estivesse em cima dele, para que pudesse esmagar seu próprio desejo contra o dela.

Pequenos ruídos suaves vieram dela quando ele a puxou para mais perto. Ele podia sentir sua respiração engatar, quando moveu suas mãos sobre seus quadris e por suas costas, até que ela estava esmagada contra ele, seu peito com o mais suave dela.

Sua mente girou sobre as possibilidades. Então ouviu um zumbido e lentamente se afastou até que ela apoiou a testa na dele.

— Desculpe. — Ela riu e balançou a cabeça. — É melhor eu atender. — Ela saiu de cima dele, e ele instantaneamente a queria de volta. Seus quadris balançavam enquanto ela atravessou a sala e pegou o telefone celular.

— Alô? — Ela respondeu enquanto se virava para trás e o observava. A vinte metros de distância, ele pode sentir seu desejo deixá-la, quando a outra pessoa começou a falar. Ela virou as costas para ele, e começou a esfregar a mão sobre a testa, sem dizer uma palavra.

Poderia dizer que ela desejava que ele não estivesse na sala, mas não sabia como se desculpar. Além disso, ele não queria. Ainda não, de qualquer maneira. Ele queria ter certeza de que ela estava bem.

— Eu entendo. Não, isso não é... não, — disse, abruptamente. Ela ficou em silêncio por muito tempo, e ele pensou que quem estivesse do outro lado, teria que sumir rapidamente. — Isso não é possível, — disse ela finalmente, e então desligou o telefone e o colocou de volta na bancada. Ela se manteve de costas para ele, mas ele poderia dizer que ela estava tensa.

Movendo-se em silêncio, ele veio por trás dela e colocou as mãos em seus ombros, fazendo-a dar um salto.

— Oh! — Ela começou a se virar, mas ele a manteve imóvel.

— Não faça isso. Eu posso ver que este não é o momento, mas se você precisar de alguém para conversar... — Ela inclinou a cabeça para baixo e ele poderia dizer que ela estava prestes a chorar.

— Não, obrigada. — Ela respirou fundo e sentiu um pouco da tensão deixar os seus ombros.

Gentilmente, ele a virou, e puxou seu queixo com apenas um dedo até que ele pudesse ver a dor e medo nos olhos profundos dela. — Se você precisar de alguém, você sabe onde me encontrar. Inferno, se você precisar de qualquer um, Cassey ou Wendy, também sempre estarão próximas. — Ele passou o dedo pelo seu rosto.

Ela assentiu com a cabeça e fechou os olhos por um momento. — Eu sinto muito...

Ele a deteve. — Não sinta. Foi uma noite maravilhosa. — Ele sorriu e beijou aqueles lábios macios mais uma vez. — Olhe sobre a oferta me deixe saber se você

tiver alguma dúvida. — Ele esperou até que ela assentiu. — Boa noite, Shelly. — Ele deixou suas mãos caírem e, embora fosse a coisa mais difícil que ele já tinha feito, ele se virou e saiu, deixando-a magoada e sozinha. Exatamente como ele sabia que ela queria que fosse.

****

O ar frio da noite pouco fez para acalmar seu temperamento.

Ele tinha pego indícios suficientes durante a noite para saber que seus pais eram a causa de sua dor, mesmo que ela não tivesse vindo a público e dito isso.

Lembrou-se da última vez que ele tinha visto a sua própria mãe, e um arrepio percorreu seu corpo. Ele sabia que Shelly vinha da riqueza. Qualquer pessoa com alguma sensibilidade saberia disso. Mas havia mais na sua história do que ela deixava transparecer. Ela pode não se dar conta disso, mas ela estava fugindo de sua família, tanto quanto estava seguindo seus sonhos.

Complicações. Ele balançou sua cabeça. Por que será que todas as mulheres que valem a pena são complicadas?

Quando ele abriu a porta da frente, ficou chocado ao ver Cole de pé em sua sala de estar, com uma beleza de cabelos negros em volta dele.

— Inferno, — ele disse fechando a porta com mais força do que o necessário. — Você não pode ter sua própria casa?

Cole se separou da mulher tempo suficiente para sacudir a cabeça. — Por quê? O seu lugar está sempre vazio. — Ele sorriu e envolveu seu braço em torno da mulher esbelta. — Esta é Trilla. Trilla, meu irmão Marcus.

— Olá, — disse ela com um grosso sotaque do Leste Europeu. Marcus não conseguiu evitar revirar os olhos. Cole viu, e suas sobrancelhas se ergueram em desafio. Mostrando a língua, ele encolheu os ombros.

— Quanto tempo você vai ficar desta vez?

Cole e Trilla se aproximaram e sentaram no sofá. Seu irmão parecia muito confortável. Trilla, nem tanto. — Não mais do que uma semana. Ouvi dizer que há uma tempestade assassina se formando ao longo da costa da África.

— Assassina com certeza. — Ele balançou a cabeça.

— Trilla estava me dizendo que ela nunca esteve na Flórida antes.

— Naturalmente, — disse ele em voz baixa.

— O que é que foi isso?

Marcus balançou a cabeça. — Eu suponho que você quer que eu alimente vocês? — Ele disse em vez de responder.

— Não, eu vou levar Trilla para sair. Podemos passar pelo bar de Cassey.

Marcus riu. — Acha que você vai sobreviver desta vez? — Os olhos de seu irmão escureceram e ele sabia que ambos estavam pensando em Wendy.

— Marque minhas palavras, um dia desses, aquela mulher vai me matar. Talvez a gente consiga evitar toda aquela cena esta noite. — Ele puxou os braços de Trilla e a levantou do sofá. — Não espere, mano. — Cole sorriu e Marcus os observou saírem juntos.

— Eles já foram? — Perguntou Roman pela porta do quarto.

— Maldição! — Marcus saltou e girou. — Não faça isso! — Ele estendeu a mão sobre o coração.

— Desculpe. — Riu Roman. — Você deveria saber que eu estava aqui. Quer dizer, meu caminhão está aí em frente. — Ele riu novamente.

Marcus balançou a cabeça. Ele estava muito absorto com pensamentos em Shelly para notar qualquer coisa.

— Oh, bem, — disse Roman, entrando na sala. — Eu a ouvi rindo todo o caminho até a calçada e me tranquei no quarto para evitar de ter que lidar com isso.

— Conte-me sobre isso. — Ele revirou os olhos.

— O que essas mulheres veem nele? — Roman se sentou no sofá.

— Estrelas e cifrões nos olhos, — disse Marcus enquanto pegava o controle remoto.

— Patriots estão jogando hoje à noite.

— Malditamente certo. — Ele sorriu e mudou para o canal certo. — E já que você evitou todo esse fiasco, você estoura o milho e pega a cerveja. — Ele sorriu quando seu irmão gemeu, mas se levantou para fazer exatamente isso.

07



Shelly estava suja e suada mais uma vez, alguns dias depois. Desde que se mudara há quase uma semana, tinha se tornado um padrão para ela estar coberta de uma camada de poeira e sujeira. Ela ainda tinha que descompactar a maioria de suas roupas mais bonitas, já que ela sabia que iriam ficar arruinadas.

Ela olhou para trás e sorriu para o que tinha realizado nos últimos dias. Os homens deveriam chegar na primeira hora da manhã da terça-feira, para começar o trabalho no andar de baixo, mas isso não a impediu de deixar o andar de cima um pouco mais funcional.

Durante uma de suas caminhadas na redondeza, ela encontrou por acaso, uma venda de garagem e comprou alguns itens. Infelizmente, ela não pensou antes como levar os itens sozinha por suas escadas. Ela poderia ter chamado Marcus, mas depois do jantar naquela noite, ela simplesmente não conseguia encará-lo. Especialmente, porque ela não conseguia tirar aquele beijo da sua mente.

Ela falou com ele ao telefone, e tinha aprovado o orçamento. Ela meio que esperava que ele precisasse se encontrar com ela para assinar os papéis, mas ele tinha apenas lhe informado que Roman solicitaria todas as licenças.

Ainda nesta manhã, Roman ligou e a informou de que todas as licenças tinham sido aprovadas, e que os homens estariam aqui na manhã de terça-feira para iniciar o trabalho. Roman foi agradável ao telefone, e ela se perguntou quando iria conhecer o resto da família de Marcus.

Limpando a poeira de suas mãos, decidiu tomar um banho e jantar no restaurante da Cassey, parecia melhor do que comer sozinha. Ela abriu uma das caixas que continham suas roupas mais bonitas e colocou uma calça prata justa com um suéter branco comprido. Quando retirou seu favorito par de botas de salto alto, suspirou. Ela sentia falta de usar suas coisas legais. Logo, ela prometeu a si mesma. Em breve, ela teria todo o seu guarda-roupa de volta.

Ela colocou alguns aros de prata e pulseiras, terminou de ondular seu cabelo, e aplicou apenas a quantidade certa de brilho nos lábios. Sentia-se regenerada.

Trancando, ela caminhou um pouco rápido demais pelo calçadão em direção ao bar e grill. Eram pouco mais de oito horas, quando entrou e acenou para Wendy atrás do bar. Tinha visitado ela e Cassey várias vezes naquela semana. As duas haviam parado por um dia para verificar se ela precisava de ajuda. Naquele momento, ela não precisava, mas poderia ter usado uma ou ambas mais cedo naquele dia transportando as mesinhas de cabeceira e prateleiras que tinha comprado.

— Aí está você. — Wendy sorriu para ela. — Eu estava falando sobre você. — Ela assentiu para outra mulher que estava sentada no bar. — Esta é Rosa. Ela dirige o Rosa's Coffe descendo a rua.

— Olá. — Shelly apertou a mão da mulher mais baixa. — Prazer em conhecê-la. Ontem eu parei na sua loja. — Ela sorriu.

— Oh, eu espero que tenha gostado?

Shelly se sentou ao lado dela. — Sim, muito.

— Você vai jantar? — Perguntou Wendy, e quando ela acenou com a cabeça, ela lhe entregou um menu. — Algo para beber?

— Hmm. — Ela olhou para o menu, — Eu estou com vontade de tomar uma cerveja. — Ela sorriu. — Blue Moon[4] com e laranja, por favor.

Wendy acenou com a cabeça e se afastou para pegar o seu pedido.

— Wendy estava me dizendo que você vai abrir uma boutique?

— Sim, se tudo correr bem. A reforma começa na terça-feira.

— Oh, que emocionante.

[4] Marca de cerveja belga.

Shelly riu. — Eu não posso esperar.

— Se você precisar de alguma coisa, me avise. Pode não parecer, mas encontrar uma boa ajuda por aqui durante a baixa temporada, é difícil.

— Oh? — Shelly se inclinou para mais perto.

Rosa assentiu. — Crianças locais são muito mimadas. — Ela balançou a cabeça. — Eu tenho os nomes de algumas pessoas boas, que posso passar para você. Alguns eu ainda emprego, alguns querem diferentes tipos de postos de trabalho. — Rosa tomou outro gole de cerveja. — Na verdade, eu acho que eu sei alguém que é perfeito. — Ela inclinou a cabeça. — Você vai contratar tempo integral ou tempo parcial?

— Bem, para começar, tempo parcial. Eu acho. — Ela riu. — Eu ainda não tinha pensado nisso.

No momento em que a comida chegou, Rosa lhe deu conselhos sobre vários aspectos da gestão de uma empresa, os quais Shelly nem sequer havia pensado. Ela escreveu em um guardanapo uma lista de coisas que precisava adicionar às suas outras listas.

Quando Rosa se moveu para sair, Shelly apertou a mão dela. — Eu não posso te agradecer o suficiente por me ajudar.

Rosa sorriu. — O prazer é meu. Se você tiver alguma dúvida... aqui. — Ela lhe entregou seu cartão.

— Uau, — ela disse para Wendy depois que Rosa saiu, — estou feliz por ter vindo esta noite.

Wendy sorriu. — Rosa não apenas possui a loja de café na passarela.

— Oh?

Wendy se apoiou no bar e sacudiu a cabeça. — Você já ouviu falar de Breegee?

— A empresa de café?

Wendy concordou. — Você acabou de conhecer Rosa Breegee ela mesma. Rainha do grão de café.

— O quê? — Shelly olhou em direção à porta, mas a pequena mulher já havia desaparecido.

— Essa mulher é mais rica do que Deus. — Wendy suspirou. — Mas ainda tem uma boa cabeça em seus ombros.

— Eu não posso acreditar que eu estava tomando o conselho de alguém que dirige uma empresa de bilhões de dólares.

— E um café local. — Wendy sorriu e se afastou para pegar o pedido de outra pessoa.

Shelly sacudiu a cabeça e terminou sua cerveja. Ela estava prestes a pedir outra, quando viu Wendy endurecer e franzir a testa. Os olhos de sua amiga se transformaram em gelo. Shelly olhou para ver o que poderia ter causado tal reação e notou um casal de muito boa aparência entrar.

A mulher parecia vagamente familiar para ela, e poderia facilmente ter saído das páginas da Sports Illustrated. O homem, de GQ. Então, ela deu uma olhada no homem, e compreendeu. Este era Cole. O irmão de Marcus. Ela olhou para Wendy e não pode deixar de sorrir. Se perguntou se a mulher sabia que estava tão mal. Por fora ela parecia chateada. Além de irritada. Se a iluminação estava certa, ela teria apostado que veria o vapor saindo da pele de Wendy. Mas Shelly podia ver o desejo em seus olhos azuis. Saudade e mágoa.

Shelly se aproximou e quebrou a visão de Wendy. — Está tudo bem?

Wendy piscou algumas vezes e, em seguida, assentiu. — Claro. — Ela balançou a cabeça. — Apenas a mesma velha coisa de sempre. Será que você quer outra cerveja? — Perguntou, enquanto o casal caminhava até o bar.

Wendy nem sequer poupou-lhes um olhar, — Você ainda está aqui? Você não tem que ir se matar na África? — Quando ela não recebeu uma resposta, ela olhou para o casal. Cole estava franzindo a testa. A mulher, por outro lado, era toda sorrisos.

Shelly duvidou da mulher sabia como franzir a testa. Talvez ela tivesse tido muitas cirurgias plásticas.

— Os planos mudaram, estamos saindo amanhã. Pensei em vir e dizer adeus a Cassey. — Ele olhou ao redor da sala. — Ela está…

— Lá em cima, — disse Wendy, colocando outra cerveja na frente de Shelly. — Esta é Shelly. Ela vai abrir uma boutique no calçadão.

Cole olhou em sua direção. Seus olhos encontraram os dela e ela viu sua atração instantânea neles. Seu sorriso era lento e, ela teve que admitir, de tirar o fôlego.

— Claro. — Ele largou a mão da mulher de cabelos escuros e se aproximou para levar a dela aos lábios. — O prazer é meu. — Sua mão estava bronzeada e quente. Ela olhou de volta para a beleza por trás dele e ela podia dizer que a mulher estava acostumada com o flerte dele. Ela tinha que admitir que ele era suave.

— Seu irmão Marcus me disse muito sobre você.

— Oh? — Suas sobrancelhas loiras se ergueram. — Só acredite nas coisas boas. — Ele piscou.

Ela sorriu.

— Ele deveria nos encontrar aqui depois do jogo. Roman, também. — Ele olhou ao redor novamente. — Eu acho que chegamos um pouco mais cedo. — Ele deixou cair sua mão e sentou-se ao lado dela. A outra mulher se sentou no outro lado dele, sem dúvida, não querendo estar demasiado longe de sua marca.

— Esta é Trilla. — Ele acenou com a cabeça entre eles. Ele agarrou a mão de Wendy enquanto ela passava. — Eu vou ter o meu habitual.

Shelly observou com algum humor quando Wendy puxou a mão e olhou para a mulher. — Você?

— Oh, uma água com gás com limão, por favor. — Shelly não conseguia identificar o sotaque.

Wendy concordou e marchou para pegar as bebidas.

— Então, você se mudou para cá de... — Ele deixou a pergunta pendurada. Quando ela se virou para ele, ela percebeu que ele virou todo o seu corpo em direção a ela, deixando sua namorada em suas costas e ignorada.

— DC, — ela respondeu, sem pensar.

— Oh? — Ele olhou para Wendy enquanto ela colocava sua bebida na sua frente. — Eu tinha ouvido falar que era de Boston. — Instantaneamente, suas bochechas ficaram vermelhas e ela olhou para Wendy que apenas sorriu para ela.

— Nascida em Boston, — ela se recuperou.

— Além de abrir seu próprio negócio, o que a traz até nossas costas humildes? — Ele se inclinou sobre o bar, parecendo bastante confortável enquanto bebia sua bebida clara.

— A areia e praias. — Ela sorriu. — Existe alguma outra razão necessária?

Ele sorriu de volta para ela e levantou o copo num brinde. — Surf. — Quando ele sorriu, ela notou pequenas covinhas em ambos os lados de sua boca. Ninguém deveria ser tão bom em flertar. Ela estava fora de sua liga.

— Então, o que você faz, Trilla? — Ela olhou ao redor de Cole para a mulher, que estava tentando fazer beicinho, mas acabou parecendo que ela estava sorrindo para um comercial de clareamento de dentes em seu lugar.

— Eu sou uma modelo. — Ela decorreu uma lista de linhas de roupas com as quais Shelly estava muito familiarizada, e imediatamente, ela soube onde a tinha visto antes. E não fora em qualquer revista.

Tyler. Seu coração pulou alguns batimentos. Por favor, Deus, não deixe que ela me reconheça. Ela ficou agradecida quando nenhum reconhecimento cruzou os olhos da mulher, e relaxou um pouco.

— Que maravilha, — ela disse rapidamente e recostou-se para que a mulher não pudesse examiná-la melhor.

— Lá estão eles, — disse Cole, virando-se e levantando-se. — Pensei que você dois tinham se perdido.

Shelly se virou e viu Marcus e outro homem de cabelos escuros entrarem e abraçarem o seu irmão. Ela não achava que fosse possível, mas Roman era ainda melhor do que Cole. Então seus olhos caíram sobre Marcus, e foi impossível se afastar. Ela observou os irmãos caminhando até ela, com o sol morrendo atrás deles, e sua respiração ficou presa. Se ao menos tivesse uma câmera para capturar toda a beleza.

— Oi. — Marcus caminhou até ela, e colocou um beijo suave em seus lábios, sem dúvida, deixando sua marca para seus irmãos verem. Ela não pôde deixar de sorrir.

— Oi, logo de volta.

— Estou feliz por estar aqui. Nós apenas estamos enviando esse cara de novo. — Ele acenou para Cole.

— Sim, ouvi dizer.

— Você dois se conheceram? — Ele franziu a testa um pouco.

— Cerca de dois minutos antes de você entrar. — Ela sorriu e o viu relaxar um pouco.

— Esta deve ser Shelly. — Roman se aproximou e pegou a mão dela longe de Marcus e sacudiu-a levemente.

— E você é Roman. — Ela sorriu.

— Culpado. É bom finalmente conhecê-la.

— Meninos? — Wendy interrompeu. — O seu habitual?

Os dois assentiram. — Aqui está sua irmã e seu futuro cunhado. — Wendy acenou com a cabeça em direção à escada.

Shelly observou Cassey descer as escadas dos fundos com um muito homem bonito.

— Esse é Luke, o noivo da minha irmã, — Marcus sussurrou em seu ouvido. — Ele é dono do novo hotel fora da cidade. — Ela tinha visto o grande hotel estilo resort e sabia que a construtora de Marcus e Roman tinha feito todo o trabalho.

Depois que as apresentações foram feitas, eles se mudaram para uma grande cabine perto do fundo da sala. Ela não pretendia ser arrastada, mas Marcus tomou sua mão e ela não podia deixar de segui-lo.

No início, ela se sentiu como uma estranha no grupo, mas na hora que comida de todo mundo chegou, estava começando a se sentir mais confortável. Ela se viu rindo das piadas e histórias que todos estavam contando.

Marcus lhe pediu um grande pedaço da mais deliciosa torta de limão, depois de ter descoberto que ela já tinha comido. Ela tinha que admitir, este era o melhor momento que ela tinha tido em muito tempo.

****

Marcus estava morrendo só de observá-la. Ele tinha visto tanto Roman como Cole olhando para Shelly, enquanto ela mordiscava – um pouco sedutoramente – a torta. Ele estava agradecido por estarem sentados em uma grande cabine, ou ele teria sido tentado a ir lá, e bater a cabeça de seus irmãos juntas por estarem olhando para ela assim.

Então, novamente, ele achou difícil se concentrar na conversa.

Ele queria provar seus lábios novamente, mas em vez disso, teve de se contentar em segurar sua mão debaixo da mesa. Ele sem entusiasmo, ouviu a sua família falar sobre os bons velhos tempos, e riu de algumas das histórias. Juntou-se na narração dessas histórias, certificando-se de adicionar alguns dos momentos mais embaraçosos de seus irmãos. Mas sua mente continuava vagando para ficar sozinho com Shelly.

Finalmente, Cole se levantou, e pediu licença por ele e sua mais recente conquista, alegando que seu voo saia mais cedo, e teriam que descansar um pouco. Marcus sabia que seu irmão tinha mais do que dormir em sua mente.

Pouco depois, Cassey e Luke desapareceram, mas sabia que sua irmã também não iria encerrar a noite.

Ele apertou a mão de Shelly e sussurrou perto de seu ouvido: — O que você diria para uma caminhada na praia?

Ela sorriu e acenou com a cabeça e ele sentiu seu coração saltar apenas pensando em ficar sozinho com ela novamente.

Eles se desculparam e ele pegou a mão dela quando saíram. O ar da noite estava um pouco mais frio, mas pelo menos o vento que causara estragos no início daquele dia no trabalho tinha acabado. Ele sorriu quando viu que ela usava uma jaqueta leve.

— Você está aprendendo. — Ele assentiu.

Ela sorriu. — Hoje cedo estava absolutamente mais frio.

— Sim, temos muitos dias como esse durante o inverno. Ainda assim, eu os prefiro, ao invés de um metro e meio de neve todo o dia.

Ela riu. — Eu não sei, há algo agradável sobre uma camada fresca de neve. — Ela se aproximou dele, e descansou o seu braço no dele enquanto caminhavam. —

Estar presa em casa, assistindo-a cair à noite. — Ela suspirou. Eles pararam para tirar os sapatos na parte inferior dos degraus do calçadão e saíram para a areia ainda quente. — Então, novamente, eu não acho que qualquer quantidade de neve poderia ser melhor do que a areia quente e macia em seus pés.

Ele riu. — Viver na melhor praia no Golfo tem suas vantagens. Você está pronta para o trabalho começar na próxima semana?

— Rapaz, eu estou! — Ela riu. — Eu fiz algumas mudanças com seu irmão por telefone. Ele as mencionou? — Ela olhou para ele. Desde que o sol tinha se posto quase duas horas mais cedo, a praia estava muito escura. Mas ele ainda podia ver seu rosto com bastante clareza com as luzes do calçadão.

— Sim. — Ele assentiu. — Ele mencionou que você queria uma área maior na parte de trás.

Ela balançou a cabeça e parecia envergonhada. — Eu queria algum espaço para trabalhar nos meus próprios desenhos.

— Desenhos? Como em roupas? — Ele parou e olhou para ela.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu fiz algumas aulas. — Ela riu. — Na verdade, mais do que algumas. A maioria delas meus pais não sabiam. Se eles soubessem... — Ela suspirou e olhou em direção à água.

— Aposto que você é boa nisso. — Ele pegou a mão dela e começou a andar novamente.

Ela sorriu novamente. — Roman me enviou as mudanças e eu realmente gostei delas.

Ele assentiu. — O que você achou da minha família?

Ela riu novamente. — Eles são maravilhosos. Eu não posso acreditar quão engraçados vocês todos são juntos.

— Sim, crescendo juntos nós nunca realmente tivemos algum momento de tédio. — Ele sorriu e puxou a mão dela até que ela parou. — Eles gostaram de você. — Ele afastou uma longa mecha de seu cabelo de seu rosto. Como era suave e cheirava tão bem, ele manteve seus dedos emaranhados nas mechas suaves.

— Como você pode dizer? — Ela perguntou suavemente.

— Eu tenho os meus caminhos. — Ele se aproximou dela e sentiu seu calor ao lado dele. — Estou totalmente de acordo com eles.

— Oh? — Ela envolveu seus braços ao redor de seus ombros, empurrando seu peito contra o dele. Ele assentiu, sentindo a boca seca.

O beijo foi suave e doce, o que o deixou agitado ainda mais.

— Eu também gosto de você. — Ele ouviu um, "mas" antes mesmo que ela dissesse isso. — Mas... — ela recuou apenas um pouco — Não tenho certeza se estou pronta para explorar algo mais do que isso. No momento. — Ela olhou para suas mãos unidas.

Ele soltou a respiração que estava segurando e sorriu para ela. — Isto... é bom. — Quando seus olhos se moveram para os dele, ele viu confusão.

— Eu quero dizer...

Ele riu, parando-a. — Eu sei o que você quis dizer. — Ele puxou-a novamente. — Eu não me importo de levar lentamente.

****

Quase uma hora mais tarde, depois que ele a levou de volta para sua casa, ele entrou em seu apartamento para encontrar Cole gritando com sua namorada. Ele parou na entrada, desejando que tivesse ouvido a briga antes de abrir a porta. Sair já não era uma opção. Do outro lado da porta, seu irmão silenciosamente lhe implorou para não sair.

Era apenas após uma hora da manhã, quando ele finalmente conseguiu se acalmar para dormir, porque ele teria que estar no trabalho na manhã seguinte, antes do nascer do sol. Sem mencionar que também ele deveria deixar seu irmão no aeroporto. E agora que ficou claro que seu irmão iria sozinho para a África, ele não estava ansioso para o humor que Cole estaria durante a curta viagem de carro.

08



Marcus normalmente amava seu trabalho, mas ele simplesmente não conseguia se concentrar nele nos últimos dias. Ele não parava de pensar sobre o projeto de Shelly, e coçava para colocar as mãos em seu apartamento. A loja também seria um desafio para ele, mas havia algo mais sobre transformar um grande espaço aberto em um lugar que ela iria viver e desfrutar.

Ele chamou Susan Robinson – a melhor corretora de imóveis da região – e lhe pediu para que ficasse atenta para uma casa para ele. Ela era uma paixão antiga da escola, mas agora ela tinha uma casa cheia de crianças e um marido advogado.

Susan rapidamente lhe imprimiu uma lista de lugares que combinavam com suas exigências.

Ele não contou ao seu irmão sobre os imóveis. Ele passou pela lista por conta própria, uma casa de cada vez.

Ele encontrou algumas que colocou em sua lista de “talvez”, mas até agora, nada tinha o atingido.

Quando o fim de semana chegou, passou por todas as casas da lista. Ele achou que tinha encontrado a certa. Ele tentou como um louco ficar longe de Shelly já que sabia que ela queria levar o relacionamento lentamente. Ele realmente não se importava. Ele pensava em mulheres como se pensasse em um projeto de reforma realmente bom – quando um projeto valia a pena trabalhar, não importando a ele

quanto tempo demoraria para conclui-lo. O que ele gostara era construí-lo, trabalhando em cada pequeno detalhe e, finalmente, obter as recompensas no final.

Ele teve alguns relacionamentos que valeram a pena o esforço ao longo dos anos. Nenhuma deles duraram muito tempo, mas todos valeram a espera. Ele sabia que Shelly valeria a pena, e realmente gostaria de gastar seu tempo com ela.

Pelas dicas que ele obteve dela, ela não gostava muito de sua família. Ele sabia o que era ter uma vida familiar instável. Inferno, ele viveu durante anos com sua mãe verdadeira.

Ele não podia imaginar o que a vida teria sido sem os Graytons. Nem todos tiveram a sorte de ter tanto amor como eles tinham recebido naquela antiga casa.

Era domingo de manhã cedo, e ele tinha uma lista de casas para visitação que Susan queria que ele fosse. Embora ele já tivesse ido na maioria das casas em sua lista, ele ainda tinha de ver o interior de algumas delas, e ela tinha a opinião que isso faria toda diferença.

Por alguma razão, ele se encontrou de frente da casa de Shelly. Ele ficou na parte inferior de sua escada por dez minutos, tentando descobrir o que ele estava fazendo ali.

Quando sentiu um leve toque em seu ombro, ele se virou para vê-la ali, rindo dele.

— Bem, você vai ficar aqui o dia todo, franzindo a testa para baixo? — Ela sorriu para ele.

— Hmmm? — Ele balançou a cabeça algumas vezes. — O quê?

Ela riu novamente. — Você esteve parado aqui por um tempo. Eu te vi quando saí do Lunch Box, — Ela sinalizou para a passarela onde a lanchonete estava. — Eu pensei que talvez você fosse subir, mas você só ficou olhando para seus pés.

Ele franziu a testa. Ele ficou lá? Por que ele não tinha subido as escadas ainda? Ele sabia a razão, mas não queria dizer a ela. Suas bochechas devem ter ficado um pouco avermelhadas, porque o sorriso dela vacilou.

— Tem alguma coisa errada?

Quando ele sacudiu a cabeça, ela continuou a olhar para ele.

— Eu... — Ele piscou algumas vezes. — Estou indo procurar alguns lugares. Você sabe, para reformar. Eu estava pensando... — Ele se afastou, sentindo-se como um idiota.

— Oh, você vai comprar uma casa e reconstruí-la? — O olhar em seu rosto ajudou a aliviar sua mente um pouco. Ele tinha ficado preocupado que ela iria achar isso chato e aborrecido, o que o deixaria um pouco desanimado no relacionamento.

Ele se sentiu como um tolo, por não ter contado a ela, que a casa era para ele, não para reformar e lucrar.

— Eu adoraria ir com você, se você está pedindo. — Ela sorriu novamente e ele quase se esqueceu de respirar. A luz do sol estava pegando os destaques em seu cabelo, tornando-o brilhante. Ele queria estender a mão e tocar a suavidade, mas em vez disso, enfiou as mãos no bolso. Melhor não ir tão rápido.

— Grande. Bom. — Ele limpou a garganta e começou a se virar.

— Você já tomou café da manhã? — Ela perguntou, enquanto o alcançava.

Ele assentiu.

— Eu só comi alguns dos melhores cinnamon rolls[5].

Ele riu. — Sim, eu tento só ter cinnamon rolls da Lunch Box, uma vez por ano. — Ele sorriu. — Eles são os melhores, mas se eu não me controlar, eu os como todos os dias e acabo gordo e lento.

Ela se aproximou, e pegou a mão dele, quase fazendo com que seus passos diminuíssem.

— Eu sei o que você quer dizer. — Ela suspirou. — Eu já estou sonhando com outro, e acabei de comer dois deles. — Ela riu segurando seu estômago. Alguns quilos extras para ela, não seria tão ruim, pensou. Não era como se ela estivesse *muito* magra, mas ele tinha tido suas mãos em torno dela, e sabia que ela poderia engordar um pouco mais.

Ele gostava de mulheres de todas as formas e tamanhos, desde que elas fossem macias e o fizesse rir. Ele sorriu enquanto abria a porta do carro para ela.

---

[5] Pão com canela e açúcar.

Quando ele entrou ao lado dela, ela se virou para ele. — Então, onde vamos primeiro?

Ele lhe entregou uma lista de casas. — Escolha uma. As destacadas têm visitação hoje.

— Oh. — Ela parecia animada. — Eu sempre quis ir para uma visitação. — Ela olhou por cima da lista. — Há uma apenas alguns quarteirões daqui; vamos começar com essa.

Ele sabia o lugar que ela estava falando. — Sim, este é uma das casas na minha segunda lista, — ele disse enquanto saia do estacionamento.

— Segunda lista? — Ela fechou o cinto de segurança no lugar.

— Eu dirigi por todas elas esta semana. Aquelas com um X ao lado delas estão fora da lista. As com um cheque estão na minha segunda lista, ou seja, eu gostaria de ver o interior antes de diminuir ainda mais a lista.

Ela olhou para a lista novamente.

— Você tem doze casas em sua segunda lista. — Ela sorriu para ele.

— Uau, tantas? — Ele balançou a cabeça. — Eu pensei que tivesse reduzido mais.

— Bem, nove delas têm visitações hoje, — disse ela depois de olhar para a sua lista novamente. — Talvez eu possa ajudá-lo a reduzi-la ainda mais.

Ele assentiu. — Eu apreciaria a ajuda.

Ela colocou a lista entre eles. — Então o que você está procurando?

Ele pensou sobre isso. A certa altura, ele sabia exatamente o que queria em uma casa. Mas muito mudou no decorrer dos anos, desde que ele inicialmente havia feito a lista em sua mente. — Tem que ter pelo menos quatro quartos e três banheiros.

— Em frente à praia, em frente à baía, ou você não se importa?

Ele deu de ombros. — Não importa, contanto que tenha um quintal de bom tamanho. Eu não gosto de lugares que ficam em cima um do outro. — Ele franziu a testa. — A maioria desses lugares eu já cortei da lista.

— Ok. — Ela assentiu. — Garagem?

Ele assentiu. — Eu tenho muitas ferramentas e preciso de um depósito. Eu acho que eu tratei disso também, na primeira rodada. — Ele pensou sobre o que mais

ele iria querer em sua casa. — Eu prefiro fazer a reforma total. Alguma coisa que eu pudesse colocar meu próprio toque. Claro, eu não quero ter que demolir o lugar e começar do zero.

Ela assentiu novamente, enquanto parávamos na frente da primeira casa.

— Oh, isso é encantador. — Ela desfez o cinto de segurança e se inclinou para frente. — No entanto, está bem na estrada principal. Durante a temporada turística, você poderá ouvir um monte de tráfego.

Ele não tinha pensado sobre isso, e mentalmente começou a tirá-la da lista.

— Mas vamos entrar. Talvez você se encante com charme do interior. — Ela sorriu para ele, e percebeu que não se importava de perder tempo em uma casa que ele não iria comprar, já que ela estava lá.

O lugar era uma prisão. Ele soube no segundo que entrou e viu que tinha sido reformado recentemente. Ele ficou feliz quando Shelly rapidamente atravessou o lugar.

Enquanto se afastavam, ela colocou um X na listagem. — Eu não posso acreditar que eles queriam tanto por esse lugar. — Ela fez uma careta. — Alguma dessas casas estão na sua faixa de preço?

Ele assentiu. — Sim, eu pedi para uma amiga imprimir estas para mim. Elas são todas, pelo menos com quatro quartos, três banheiros, uma garagem e na minha faixa de preço. Este lugar teria estourado meu orçamento e agora eu sei o porquê. — Ele balançou a cabeça. — Algumas pessoas nunca deveriam fazer sozinhos o projeto de uma casa.

Ela riu. — Estou tão feliz que você disse isso. Você viu a cor que eles pintaram as paredes? — Ela suspirou e recostou-se. — Eu vou estar vendo aquela cor verde durante todo o dia agora.

Ele riu e acenou com a cabeça. — Onde é a próxima?

Ela falou um endereço na Sugar Sand Lane e ele virou a caminhonete nessa direção. Este foi um dos lugares que ele realmente gostou. Estava em uma estrada lateral, que era uma rua sem saída, então as chances de ter muito tráfego eram mínimas. Não havia nenhum acesso direto à praia, mas o lugar estava em uma pequena colina, então ele poderia olhar a água da mesma forma.

Quando estacionaram na frente, ela se inclinou para frente e suspirou.

— É linda.

Ele assentiu. — Tenho a mesma opinião. Espero que o interior não esteja muito ruim. Se bem me lembro, o preço estava um pouco baixo. — Ele franziu a testa e olhou para a lista. — Sim, muito baixo para esta área.

— Bem, vamos descobrir o porquê. — Ela sorriu e pulou de sua caminhonete.

Quando entraram no local, Marcus sabia que havia encontrado o que ele estava procurando. O lugar precisava de muito trabalho. Sua estrutura era boa, mas tudo, desde o piso até os ventiladores de teto berrantes precisavam ser substituídos.

— Hmmm, — ela disse, enquanto caminhavam para o banheiro principal. — Talvez você possa tirar tudo, e colocar uma agradável banheira de hidromassagem, combinando com uma ducha do outro lado.

Ele sorriu. — Era o que eu estava pensando.

A medida que eles avançavam pela sala, ela expressou suas opiniões e achou muito interessante que eles compartilhavam as mesmas ideias.

Quando eles saíram para a varanda na parte de trás, ambos suspiraram. — Isso faz com que todo o trabalho valha a pena. — Ela se apoiou no corrimão e suspirou novamente. — Quero dizer, você pode se imaginar sentado aqui, todas as noites e ter uma cerveja gelada, observando o pôr do sol?

Ele deve ter ficado quieto por muito tempo, porque ela olhou para ele e franziu a testa. — O quê? — Ela perguntou, voltando-se para ele.

Ele balançou sua cabeça. — É como se você estivesse lendo minha mente. — Ele sorriu.

— Bem, agora sabemos por que o preço é baixo. Há muito a fazer, mas eu acho que poderá ser ótimo.

Ele balançou a cabeça novamente.

— A pergunta é... é muito para você?

Ele se aproximou dela. — Você fica me perguntando isso. Nada é demais para mim. — Ele baixou a cabeça, e a beijou levemente. — Obrigado por ter vindo comigo.

Ela se afastou um pouco. — Você não quer olhar as outras casas?

Ele balançou a cabeça negativamente. — Eu sei quando vejo algo que eu quero. — Ele sorriu para ela. — Mesmo que isso signifique esperar e trabalhar um pouco mais para isso.

Ele observou a constatação atravessar seus olhos, então, suas bochechas inundaram de calor. Enquanto ela sorria, ele sabia que estava certo sobre ela. Ela valeria a pena a espera.

****

Shelly sentou-se na caminhonete em silêncio. Ela não conseguia entender quão certo ele estava. Não só sobre a propriedade, mas sobre ela.

Ela realmente gostava de passar o tempo com ele. Mas ela não gostava de se precipitar nos relacionamentos. Especialmente, porque o conhecia por tão pouco tempo. Mas ele deixou muito claro que estava disposto a esperar, para melhorar nossa relação.

Ela balançou a cabeça e olhou para fora da janela. Relação. Essa era uma palavra que geralmente ela se encolhia. No passado seus relacionamentos não tinham necessariamente funcionado para ela.

Ela realmente gostou de olhar as casas com ele. Era difícil não sonhar em um dia comprar sua própria casa. Mas quando se tratava de ter sua própria família, é aí que ela costumava parar de sonhar.

Desde que ela era pequena, sempre soube que não queria filhos. Não que ela não gostasse deles, mas ela não queria arriscar se tornar um pai como o dela, enquanto crescia. Ou mesmo, qualquer um que ela havia conhecido em sua infância.

Até mesmo sua Nanna tinha lhe dito que ela tinha sido uma mãe terrível para sua própria filha. A mãe de Shelly tinha sido filha única, e sua Nanna havia lhe dito que era porque ela tinha percebido logo após sua filha ter nascido, que não estava talhada para ser mãe.

— Bem, uma vez que temos o resto do dia de folga, o que você acha de passar pela casa dos meus pais? Eu deveria deixar algumas coisas para meu velho. — Ele

acenou para uma grande caixa que estava colocada na caçamba da sua caminhonete. — Eu estava dirigindo aquela coisa em torno de quase uma semana agora.

— Eles vivem longe? — Perguntou ela.

— Do outro lado da baía. Está a cerca de 20 minutos de carro.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu não tenho nada melhor para fazer, até que sua equipe chegue na terça-feira. — Ela sorriu pensando que um passeio seria bom. Ela realmente ainda não tinha tido a chance de ver grande parte da área. Ela estava planejando ir explorar neste fim de semana, mas ficou envolvida no planejamento do seu negócio.

— Minha mãe, Elizabeth, faleceu há alguns anos atrás.

— Oh, me desculpe.

— Meu pai... — Ele balançou a cabeça e riu. — Mark ainda está forte. — Ele riu. — Eu me lembro de pensar quão frágil ele me pareceu, quando o vi pela primeira vez, anos atrás. Inferno, se agora ele não parece exatamente o mesmo.

Ela sorriu. — Você disse algo sobre uma irmã mais velha?

Ele assentiu. — Julie ainda vive lá. Ela se aposentou há alguns anos da escola, e acabou de abrir alguns dos quartos como uma espécie de pousada. — Ele riu novamente. — Agora vou te preparar. Ela é um... espírito livre. — Ele sorriu para ela e suas sobrancelhas se ergueram. Ele balançou sua cabeça. — Você verá. Eu acho que você vai gostar dela, — disse ele enquanto se dirigiam ao longo da ponte que iria levá-los para o outro lado da baía.

— Deve ter sido bom crescer tão perto da praia.

Ele assentiu. — Claro, costumávamos passar mais tempo na baía do que qualquer coisa. Todos, exceto Cole, na verdade. Tivemos um pequeno barco que saíamos para pescar. Nós sempre passávamos os fins de semana acampando, tentando ver quem poderia pegar o maior peixe.

Ela sorriu. — Parece que você teve uma infância maravilhosa.

Ele concordou e, em seguida, olhou para ela. — Viver com o Graytons foi a melhor coisa que já me aconteceu. Para todos nós. — Ele balançou a cabeça e observou a estrada à medida que passava.

Ele ficou em silêncio por um tempo, mas quando saiu da estrada principal, ele olhou para ela e perguntou: — E você?

— Eu? — Ela observou a paisagem passar. Ela estava pensando em sua infância, como tudo tinha mudado.

— Certo. Eu posso dizer que você não quer falar sobre seus pais, mas certamente você teve alguns bons momentos?

Ela assentiu e, em seguida, virou-se para ele quando percebeu que ele estava prestando atenção à direção e, sem olhar para ela. — Eu acho que eu tive bons tempos normais. — Ela encolheu os ombros.

— Foi seus pais? — Ele perguntou e ela sabia que ele estava perguntando.

— Sim e não. — Ela olhou para fora quando eles passaram para outra estrada. — Ambos tinham altos postos de trabalho, e quando meu pai... — Ela suspirou. — Digamos que seu trabalho atual tem precedência sobre a vida familiar.

— Nenhum trabalho deve vir antes de sua família, — disse ele, franzindo o cenho para ela.

— Eu concordo, mas papai não vê dessa forma, e nem minha mãe. — Ele desacelerou em uma curva difícil.

— O que exatamente seu pai faz? — Ele perguntou, enquanto saíam da estrada e chegavam em uma estrada de terra. Ela estava tão ocupada olhando a maravilhosa casa antiga à sua frente, que não se concentrou em sua resposta.

— Ele é um político, — disse ela distraidamente enquanto entravam na bela casa. — Oh! Isso é maravilhoso. — Ela sorriu e olhou para ele. Se ela tivesse prestado atenção, teria visto sua leve frustração quando ele parou a caminhonete. — Eu não posso acreditar que você cresceu aqui. — Ela saltou da caminhonete e tentou observar tudo.

A casa era enorme, três andares em estilo Vitoriano, pintada de um tom claro de azul. A varanda da frente era enorme, e percorria todo o comprimento do lugar. As janelas brilhavam à luz do sol.

— É como em um conto de fadas, — disse ela, virando-se para ele.

Ele riu. — É um pesadelo para pintar.

Ela balançou a cabeça. — É maravilhoso.

— Bem, vamos lá. — Ele pegou sua mão e a levou para a varanda da frente. Julie estava parada na entrada, sorrindo para eles, enquanto se aproximavam.

— Oi. — Ela acenou para Shelly quando eles ficaram na frente dela.

Shelly podia ver o que Marcus quis sobre sua irmã. Ela tinha longos cabelos escuros, que estavam repartidos ao meio. Ela usava um vestido solto com estampa de flores. Ela não estava usando sapatos ou meias, e parecia para Shelly, que a mulher estava acostumada a andar descalça. Marcus se aproximou e deu um abraço na mulher.

— Julie, esta é Shelly Harrison. Ela está abrindo uma loja a algumas portas de Cassey.

Julie assentiu novamente. — É tão maravilhoso conhecê-la. Eu já ouvi muito sobre você de Cassey. — Julie deu a Marcus um olhar severo, que rapidamente desapareceu quando Marcus sorriu. — Bem, vamos lá. Eu estava fazendo um almoço. Eu tenho convidados, por isso não vamos comer sozinhos.

Os convidados de Julie era um simpático casal de Nova York que estavam visitando a Flórida pela primeira vez. O jovem casal não só parecia muito apaixonado, mas muito ansioso para estar passando o seu tempo sozinhos.

Ela conheceu Mark Grayton, o homem que Marcus chamava de pai. Dizer que o homem era frágil era um eufemismo. Shelly pensou que ele parecia mais fraco do que sua avó, um pouco antes de falecer. Mas Marcus tinha dito a ela que ele sempre pareceu dessa maneira. Sr. Grayton parecia ser um bom homem. Ele apertou a mão dela, e fez uma piada, fazendo-a rir, enquanto se sentavam para almoçar em uma grande sala de jantar.

Eles comeram sanduíches e uma maravilhosa sopa de frango caseira, enquanto Marcus e sua família conversaram e brincavam com os convidados de Julie.

— Nós decidimos fazer parapente, hoje, — o convidado de Julie, Steve, falou abruptamente, enquanto pegava a mão da sua namorada Lori na dele. — Nós nunca fomos. Você pode recomendar algum lugar para ir? —Perguntou a Marcus.

Marcus riu. — Nunca fui, mas eu ouço que em SeaBreeze é bom. Eles estiveram no negócio desde que me lembro. Eles têm um pequeno estande instalado em Sea Side. Você não pode perder isso.

— Obrigado, — disse Steve novamente e apertou a mão de sua namorada.

Após o almoço, o jovem casal saiu, sem dúvida, indo para a praia. Marcus e seu pai saíram para descarregar os itens da sua caminhonete, que ele tinha vindo entregar, enquanto Shelly ajudou Julie a limpar a mesa.

— Foi maravilhoso conhecê-la, — disse Julie, tirando os pratos de Shelly. — Faz um tempo desde que Marcus trouxe alguém em casa. — Julie sorriu para ela.

Shelly instantaneamente sentiu que ela deveria explicar. — Oh, Marcus é um bom amigo. — Só de ouvir as palavras que saíram da sua boca a fez estremecer.

Julie riu quando viu. — Marcus é muitas coisas.

Shelly concordou, e decidiu manter a boca fechada pelo resto do dia.

— Cassey e Roman consideram muito você.

— Oh? — Shelly não conseguiu evitar, ela sorriu. — Eu simplesmente adoro os dois. Cassey é uma inspiração e Roman também, com a sua casa para as crianças.

Julie assentiu. — É tão maravilhoso ver o quão longe todos eles vieram. — Julie se afastou da pia desarrumada. — Eu posso limpar isso mais tarde. Vamos sentar na varanda, já que o dia está tão bom.

Shelly assentiu, e a seguiu para fora. Marcus e seu pai estavam terminando de descarregar a grande caixa de sua caminhonete, e ela podia ouvi-los na garagem batendo em alguma coisa.

— Aqueles dois sempre desaparecem na oficina. — Julie riu.

— Você tem uma bela casa, — disse Shelly sentando ao lado de Julie em um grande balanço.

— Obrigada. Devemos sua beleza a Marcus e Roman. — Ela sorriu. — Quando eles chegaram para nós, a casa estava em mau estado. Marcus sempre estava procurando algo para fazer por aqui. — Ela balançou a cabeça e, em seguida, tomou um gole de sua bebida.

Shelly sorriu. — Hoje fomos a procura de casas para ele reformar.

Julie riu e concordou. — Esse menino gosta de ficar ocupado. — Seu sorriso vacilou. — Ele nunca gostou de ficar parado por muito tempo. — Ela balançou a cabeça.

— Ele mencionou a necessidade de férias.

Julie riu. — No momento em que esse menino tirar férias de verdade, me avise, porque então, eu vou saber que o inferno congelou.

Shelly franziu a testa levemente.

— Claro, houve aquela vez que ele quebrou o pulso. — Julie riu. — Quase o matou não ser capaz de consertar alguma coisa.

— Como ele quebrou? — Perguntou Shelly, sentando-se a ouvir.

— Bem, esse foi o verão que Roman e Marcus decidiram que qualquer um poderia fazer o que Cole faz. Surf e bodyboard como ele faz. — Julie olhou para ela para se certificar de que ela tinha entendido, então, Shelly assentiu, para que ela continuasse. — Marcus pegou a prancha, e na primeira vez que ele a jogou para baixo e saltou sobre ela, seus pés voaram para um lado e seu corpo do outro. — Ela riu novamente. — Caiu sobre seu pulso com um estalo. Ele nunca tentou surfar novamente.

Shelly sacudiu a cabeça. — Eu também não sou grande coisa nos esportes. Eu fiz dança por alguns anos, mas nunca consegui grande coisa.

— Minha irmã Karen é a quem sempre foi boa em tudo. — Julie olhou em direção a garagem quando um barulho alto veio de lá. Houve uma explosão de risos e ela sorriu. — Esse menino o salvou. Ele salvou a todos, na verdade.

Shelly esperou, observando Julie, que sacudiu a cabeça, quando o sorriso desapareceu.

— Eu não contei isso a mais ninguém... — Julie olhou para ela- — mas eu tive um filho da idade de Marcus. Stephan morreu menos de um ano antes de Marcus vir até nós. — Os olhos de Julie pareciam tão tristes. — Foi mais difícil para mim e para meu pai. — Ela sorriu quando uma nova explosão de gargalhadas veio das portas da garagem abertas. — Eu acredito mesmo que nenhuma das crianças souberam sobre Stephan.

— Por que não? — Shelly deixou a pergunta pairar.

Julie deu de ombros. — Nenhuma razão real. Cada uma das crianças estavam passando por seu próprio inferno pessoal, assim como nós. Nós não perguntamos sobre as suas vidas. — Ela deu de ombros novamente. — Nós não falamos sobre a nossa.

Só então os homens saíram da garagem. O braço de Marcus estava jogado sobre os ombros do homem mais velho de uma maneira amorosa. Eles pareciam bem juntos, como eles pertenciam, fazendo Shelly desejar que ela experimentasse algo parecido, pelo menos uma vez em sua vida.

09



Marcus poderia dizer que Shelly estava pensando no caminho de volta para casa. Seus olhos estavam um pouco nebulosos e ela os manteve fixados na janela lateral em vez de à frente.

— Será que Julie disse alguma coisa que te incomodou? — Ele perguntou quando eles começaram a dirigir sobre a ponte da baía.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Ela é uma mulher maravilhosa. Eu gostei de ambos. — Ela sorriu para ele.

Quando atravessaram a ponte, ele entrou em uma estrada lateral, e seguiu para um dos seus pontos favoritos de pesca escondido, e estacionou. Aqui não havia trânsito, nenhum barulho para tirar a atenção da conversa que ele queria ter.

— Shelly? — Ele apertou o botão soltando seu cinto de segurança, e se virou para ela. — Alguma coisa está incomodando você. Fale comigo.

Ela suspirou e fechou os olhos por um momento. Ele sentou-se lá esperando.

— Eu... — ela começou, mas depois sacudiu a cabeça antes de continuar. — Como você já deve ter percebido, não tive uma grande família, enquanto eu crescia. Como eu mencionei, meus pais estavam muito envolvidos em suas carreiras para se preocuparem na criação de sua filha. Só quando atingi a adolescência, finalmente percebi que eu era apenas uma ferramenta para eles. Algo para ser usado quando precisavam de uma de foto de família, para uma ocasião ou um evento. Eles me

arrastavam para eventos de caridade para impulsionar a carreira de meu pai. — Ela fechou os olhos novamente e ele poderia dizer que ela estava lutando contra a dor.

— Seu pai é o Congressista Gerald Harrison, não é? — Ele a viu se encolher ao ouvir o nome de seu pai e, então, seus olhos se encontraram com os dele, e ele pode ver ainda mais dor.

— Sim. — Ela olhou para suas mãos. — A única vez que ele esteve por perto, enquanto eu estava crescendo era quando havia câmeras de televisão nos observando. — Ela suspirou. — Para a minha mãe, eu era alguém que a impediu de ser a socialite que ela precisava ser, para promover a carreira do marido.

Ele estendeu a mão e pegou a sua, aproximando-se dela. Ela olhou para ele. Ele pensou que haveria lágrimas em seus olhos. Em vez disso, havia apenas um olhar aborrecido e vazio. Ele poderia dizer que anos de dor tinham cobrado um preço, e duvidava que ela chorasse mais com a dor, que seus pais haviam causado.

— Chegou ao ponto, que eu apenas ia junto em tudo que eles exigiam. Tudo o que eles queriam. Então, um dia, o dia em que Nanna morreu, algo quebrou e eu acordei. Sempre sonhei em voltar aqui, algum dia à minha praia, de abrir uma loja, de viver aqui para sempre. — Ela olhou para ele. — Eu comprei meu prédio e, pouco depois, arrumei tudo o que podia, entrei no meu carro, e não parei até chegar aqui. — Ela sorriu.

Ele sorriu para ela. — Você é uma pessoa forte. — Ele a puxou para perto e deu um beijo no topo de sua cabeça.

— Já não sei. Eu não menti quando disse que falei aos meus pais que estaria mudando para cá, sobre abrir minha própria loja. — Ela se afastou um pouco e olhou para ele. — Mas a verdade é, que eu realmente não lhes falei cara a cara. Eu deixei um recado no correio de voz para eles. Então, no outro dia, minha mãe ligou e me disse que a brincadeira havia acabado, e que era hora de eu voltar para casa. Você sabe, eles realmente acham que eu estou aqui de férias? — Ela riu amargamente.

— O que você disse a eles? — Ele brincou com uma mecha de seu cabelo que tinha caído sobre sua mão.

Ela suspirou. — Eu disse a ela que não voltaria para a faculdade. Que eu tinha oficialmente desistido, e iria abrir minha própria loja aqui, e nada que pudessem dizer ou fazer, me faria mudar de ideia.

— E? — Ele esperou, prendendo a respiração.

Ela riu. — Ela me disse que estava muito ocupada para continuar essa conversa inútil, uma vez que tinha acabado de chegar ao clube de campo, e iria encontrar várias mulheres para o almoço. Então, ela me disse para chamá-la de volta mais tarde, nesta semana, depois que eu voltasse aos meus sentidos.

Ele balançou a cabeça em descrença.

— Então, o que te deixou triste hoje? Será que a minha tia disse alguma coisa que te incomodou?

Ela olhou para ele e balançou a cabeça negativamente. — Foi só... te ver, com eles. Tão felizes juntos. — Ela suspirou.

Ele sorriu. — Minha família tem muito espaço em seus corações. — Ele a puxou para mais perto, e deu um beijo suave em seus lábios macios. Ele sentiu o golpe rápido do desejo, mas o empurrou-o para trás, sabendo que não era o que ela precisava no momento.

Quando ela se afastou, ele ficou feliz em ver que seus olhos estavam brilhando novamente. Então, ela franziu a testa levemente. — Você sabia que sua tia tinha um filho de sua idade que morreu?

Ele assentiu. — Descobri logo depois que eu cheguei lá. Por quê?

Ela balançou a cabeça e sorriu um pouco. — Ela me disse que você os salvou. Mas, ouvindo você falar, eles que te salvaram.

Ele sorriu e acenou com a cabeça. — Foi um resgate mútuo.

Ela riu, e então ficou um pouco séria. — Como Stephan morreu?

— Acidente de carro. Levou ele e seu pai ao mesmo tempo. — Ele balançou a cabeça. — Cerca de uma semana depois que eu cheguei lá, encontrei uma foto deles, juntamente com um artigo de jornal. — Ele franziu a testa e soltou sua mão. — Os dois primeiros meses que estive lá, vi minhas irmãs mudarem, se tornarem mais felizes.

Ela sorriu para ele. — Eles tiveram muita sorte de encontrá-lo.

Ele balançou sua cabeça. — Eu fui o sortudo. — Ele suspirou. — O que você diria para iniciar seu projeto um pouco mais cedo?

Suas sobrancelhas se ergueram. — Eu pensei...

— Desde que eu sou o chefe, eu posso definir a programação, — ele interrompeu. — Além disso, tenho vontade de bater algo com uma marreta. E você?

Ela sorriu. — Parece divertido. O que vamos bater e destruir?

Ele riu. — Eu estava pensando em começar na parede de trás que precisa ser derrubada. Mas, primeiro, uma parada na minha casa, para pegar algumas ferramentas.

Depois que ele carregou algumas ferramentas, que ele sabia que seriam necessárias, na parte traseira da sua caminhonete, eles voltaram para sua loja. Ela o deixou entrar, e ele começou a trabalhar certificando-se que a energia e a água estavam desligadas, enquanto ela correu para o andar de cima para se trocar.

Quando ela voltou para baixo em suas roupas de trabalho, ele lhe entregou uma marreta, luvas e um óculos de proteção. — Pronta? — Ele pegou o seu próprio martelo, e ficou a poucos metros de distância dela.

— Eu nunca fiz isso antes. Eu só...

Ele riu. — Você não precisa pensar sobre isso. Basta impulsionar e bater em alguma coisa. Oh, certifique-se de impulsionar com força. Eu não quero ver coisa de garota aqui. — Ele sorriu para ela.

— Garota? — Ela fez uma careta. — Eu não faço coisas de garota. — Ela fez um pequeno beicinho.

Ele riu. — Prove isso. Na contagem de três? — Ela concordou e ele contou e girou com ela. Ele ficou impressionado. Ela pode nunca ter feito isso antes, mas ela colocou tudo o que tinha em cada balanço.

Levou pouco menos de uma hora para ter a parede de trás derrubada.

— Isso foi bom. — Ela sorriu para ele, e ele podia ver um leve brilho de suor em sua testa. — O que mais precisa destruir? — Ela olhou em volta.

— Espera um pouco, Xena[6]. — Ele riu. — A parte destruída precisa ser limpa. — Ele acenou para a enorme pilha de placas e drywall que estavam aos seus pés. — Nós temos que transportar tudo isso para a lixeira lá fora, que será recolhida na sexta-feira. — Ela franziu a testa, mas então, colocou a marreta no chão, e puxou o carrinho de mão mais perto para que pudéssemos carregá-lo.

Ele nunca namorou uma mulher que não se queixava quando o trabalho duro era necessário. Shelly era exceção à regra. Ela se empenhava cem por cento em tudo o que fazia. No momento em que a confusão desapareceu completamente, ambos estavam cobertos de poeira, sujeira e suor.

Ele ficou totalmente chocado que ela ainda tinha um sorriso no rosto. Ela amarrou o cabelo em uma trança, e alguns dos fios tinham escapado caindo em torno de seu rosto. Ela o olhou, e ele sentiu algo mudar por dentro, algo que ele nunca tinha sentido antes. Sem fôlego, ficou sem palavras por quase um minuto inteiro.

— Está tudo bem? — Ela perguntou, olhando engraçado para ele.

Tudo o que pode fazer foi acenar com a cabeça. Ele tentou desviar o olhar dela, mas ela estava de pé na luz fraca das grandes janelas com o sol atrás dela. Ela era a coisa mais linda que ele já tinha visto. Mesmo coberta de poeira, ela era linda.

Então, ela caminhou em direção a ele lentamente, e ele perdeu o resto de sua respiração enquanto observava seu movimento. Seus quadris balançavam no jeans apertado que ela usava. Até mesmo a grande camisa que ela estava vestida, parecia muito atraente.

Ela não parou de andar até que bateu em seu peito com o dela. Então, seus braços envolveram seus ombros, e ele não conseguiu impedir que suas mãos fossem até seus quadris, puxando-a para mais perto.

— Eu simplesmente não consigo parar de querer isso, — disse ela, antes de se levantar na ponta dos pés e colocar seus lábios contra os dele.

****

[6] Personagem do seriado Xena, a princesa guerreira.

As mãos de Shelly tremiam, enquanto ela puxava seu cabelo para trazer seus lábios para os dela. Ela testemunhou o calor em seus olhos do outro lado da sala, e sabia que seu humor tinha mudado. Ela não conseguiu impedir que seu corpo respondesse ao dele, enquanto seus dedos cravavam em seus quadris. Ela o queria, e imediatamente se sentiu rasgada.

Ela nunca chegou tão perto de alguém antes. Nunca sonhou que fosse possível.

Quando sua boca se moveu sobre a dela, ela suspirou e desfrutou do calor que se espalhava até os dedos dos pés. Então ele deu um passo mais perto, fazendo-a andar até que seus ombros bateram contra a parede externa. Ela se arqueou puxando-o, enquanto suas mãos corriam sobre ela, e tirou sua camiseta grande para fora de suas calças jeans, até que, finalmente, ela sentiu suas mãos calejadas sobre sua pele nua. Ela gemeu de prazer quando seu corpo respondeu ao seu toque.

Quando a cabeça dele se afastou da sua boca e se espalhou por sua pele exposta, ela fechou os olhos e suspirou pela maravilhosa sensação de seus lábios quentes em seu seio.

Anos, tinha sido anos, desde que ela tinha sentido algo assim. Ela balançou a cabeça. Ela nunca tinha sentido nada tão maravilhoso como a boca de Marcus sobre ela. Sua língua a tocava, causando pequenos arrepios em todos os lugares.

Os dedos dela estavam emaranhados nos cabelos dele, puxando-o mais perto enquanto ele gemia e desfrutava do gosto dela. Ela percebeu que estava completamente suada e, provavelmente, coberta de pó, mas ele não parecia se importar. Em vez disso, ele a lambeu como se ela fosse o melhor creme que ele já tinha experimentado.

Ela empurrou seus quadris para ele e gemeu novamente enquanto seus dedos escovaram através da base de sua barriga. Arrepios correram através dela, enquanto seu dedo mergulhou logo abaixo de seu jeans.

— Por favor, — ela implorou, realmente não se importando se ela parecia desesperada.

Sua mente continuava gritando com ela para parar, que tudo isso era muito cedo. Mas seu corpo estava tão aquecido pelo seu toque que todo o resto sumiu.

— Marcus, por favor, — ela implorou novamente, não tendo certeza do que ela estava pedindo. Tudo que ela sabia era que ele estava tocando-a como se ela fosse um pedaço de vidro. Tão gentil. Ele não poderia dizer que ela estava queimando? Que ela precisava dele?

Ao ouvir o seu nome ele se deteve. Ainda o sentiu próximo a ela, então, ele descansou sua cabeça contra o seu peito, e ela pode sentir sua pulsação disparada. Estava tão rápida quanto a dela. Quando ela tentou levá-lo a se mover um pouco mais, ele sacudiu a cabeça.

— Eu preciso de um momento, apenas um momento para pensar, — ele sussurrou próximo a sua pele.

Ela balançou a cabeça e fechou os olhos. — Não, não vamos pensar. Não agora. — Ela puxou a cabeça dele para trás até que ele olhou para ela. — Por favor.

Ele fechou os olhos e suspirou. — Você merece mais.

Ela sentiu como se ele a tivesse queimado com suas palavras.

Então, ele olhou para ela, e pode ver que ele estava lutando uma batalha consigo mesmo. — Deus, eu quero você, — ele deixou escapar, — mas não assim. — Ele fez um gesto ao redor deles.

Pela primeira vez em vários minutos, ela percebeu o quanto eles estavam sujos. Ela riu. Ela não conseguia evitar, o riso apenas explodiu.

— O que é tão engraçado? — Ele perguntou, afastando-se dela.

— Tudo, — ela disse bruscamente.

Aqui estava ela, quase pronta para ter relações sexuais com um homem que conhecia a menos de um mês, no que era sem dúvida um dos lugares mais sujos que já tinha estado. E o fato era que, ela não se importava. Ela parou de rir e olhou para ele.

Ele estava passando as mãos pelos cabelos, fazendo com que alguns fios ficassem em linha reta. Havia uma grande mancha que parecia ser de graxa na sua bochecha, e uma leve camada de sujeira por todo seu rosto. Ela olhou para si mesma e franziu a testa. Ela não parecia melhor.

— Eu acho que preciso de um banho, — disse ela. Quando ele gemeu, ela olhou para ele. Seus olhos estavam fechados e sua cabeça caiu para trás.

— O quê?

— Agora eu estou imaginando você nua e molhada, — disse ele entre os dentes. — Estou tentando ser bom aqui.

— Por quê? — Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Porque você me pediu. — Ele imitou sua pose. — Ou não se lembra?

Ela inclinou a cabeça e pensou sobre isso. Ela havia dito a ele que gostava das coisas do jeito que estavam. Mas, vendo quão sexy ele parecia olhando para ela, não conseguia evitar de desejá-lo.

— Uma mulher tem o direito de mudar de ideia. — Ela sorriu.

Ele balançou sua cabeça. — Você está cansada e provavelmente com fome. — Ele se esquivou quando ela estendeu a mão para ele. Ela riu e ele riu com ela.

— O que você diria de pegar uma pizza? — Ele olhou para si mesmo. — É o único lugar na cidade onde não seremos expulsos por estarmos tão sujo enquanto nós comemos.

Desde que seu estômago preferiu aquele momento, para soltar um grunhido alto, ela balançou a cabeça. — Parece bom.

****

No momento em que Marcus a deixou no seu apartamento, ela voltou para o seu velho eu. Enquanto ela estava no seu pequeno chuveiro, tentando não sonhar em ter água quente, ela examinou os motivos em sua cabeça, porque seria uma má ideia para ela, dormir com Marcus.

Na hora que se arrastou para o seu colchão de ar, ela estava completamente convencida de que ele tinha feito um favor a ambos.

Afinal, o que ela realmente sabia sobre aquele homem. Ela havia confiado em alguém como ele antes, e olha o que tinha acontecido com aquela relação.

Quando ela adormeceu, sua mente a corrigiu. Não, Marcus era nada como Tyler.

10



Havia só algumas coisas na vida, que Marcus gostava mais do que o sexo. Demolição era uma delas. No final da noite de terça, cada músculo de seu corpo doía.

Shelly e ele derrubaram uma das principais paredes que precisava sair em sua loja, mas ainda havia outras duas. Para não mencionar o revestimento de pedra que cobria a parede lateral, e que eventualmente seria substituído por drywall. A pedra não só era pesada, mas uma cadela de remover. Levou quatro deles para quebrar tudo e remover. No final do dia, toda a demolição tinha sido completada. Agora, o trabalho duro poderia começar.

Ele estava sentado em sua sala de estar e tomando uma cerveja morna, enquanto ele observava o jogo com seu irmão. Em vez disso, desejava mais do que qualquer coisa, poder estar com Shelly.

Naquela noite, dormiu pouco, e na manhã seguinte, estava de mau humor, o que só aumentou quando teve que ajudar a descarregar toda a madeira do caminhão de entrega. Para piorar, ele machucou o polegar e bateu as canelas no elevador do caminhão.

Na hora do almoço, ele estava pronto para encerrar o dia. Não só seus homens não cooperavam, mas também o prédio. Ele tinha agendado Tom, um de seus melhores eletricistas, e Joe, seu melhor encanador, para estarem lá na primeira hora daquela manhã.

Ambos os homens chegaram na hora, mas os dois homens tinham encontrado problemas atrás de problemas, que atrasou todo o resto.

Ele esperava ter as novas salas emolduradas, até ao final do dia, de modo que a canalização, a eletricidade, e o encanamento poderiam serem concluídos até o final do mês. Mas depois de todos os problemas que encontraram, eles teriam sorte se tudo acontecesse no próximo ano.

Jogando o martelo para baixo, ele foi em direção ao que seria o escritório de Shelly, e saiu pelas portas da frente para se refrescar.

Às vezes, um projeto só precisava de um pouco TLC[7]. Mas com a falta de sono, somado a frustração sexual, ele duvidava que tivesse qualquer TLC para oferecer no momento. Pelo menos não até que ele tivesse um boa noite de sono.

Quando ele saiu no calçadão para a chuva leve, ele imediatamente se sentiu melhor. Ele se encostou na grade, e observou as ondas baterem contra a areia.

Esta era sua vida. Ele adorava trabalhar com as mãos. Sempre gostou. Ele constantemente usava isso como uma fuga da realidade. Por que agora ele estava pensando nisso como uma distração?

Ele se virou quando ouviu alguém chamando seu nome. Cassey estava caminhando em direção a ele, carregando um grande saco sob um guarda-chuva ainda maior.

— Ei, eu pensei que era você. — Ela sorriu para ele. — Fazendo uma pausa? — Ela perguntou, tentando espreitar pelas janelas da frente. Não lhe faria nenhum bem; eles tinham tampado, no dia anterior, para que as pessoas não pudessem ver até que estivesse pronto.

— Sim. — Ele passou a mão em seu pescoço.

— Dia difícil? — Ela franziu a testa para ele.

Ele deu de ombros. — Acho que sim.

— Alguma coisa que eu possa ajudar?

Ele olhou para ela. Seu longo cabelo escuro estava preso em duas tranças, lembrando-o da garotinha assustada que tinha saído do carro de Lilly e para seu

[7] Abreviação para “Tender, Lovins, Care” = Atenção, amor e carinho.

coração. Ele não conseguiu evitar de sorrir. — Não. — Ele balançou a cabeça enquanto puxava o final de uma das suas tranças. — Eu sou crescidinho, vou lidar com isso.

Ela assentiu com a cabeça e sorriu. Quando ela se virou para ir, fez uma pausa. — Não tem nada a ver com Shelly, não é?

Ele mentiu. — Não.

— Bom. — Ela relaxou um pouco. — Porque eu realmente gosto dela. — Então Cassey se virou e desapareceu na névoa.

— Sim, eu também, — disse ele baixinho, percebendo que era a verdadeira raiz do problema dele.

Voltando para dentro do prédio, ele deixou de lado seus pensamentos sobre Shelly e voltou ao trabalho. Depois que todos os seus homens saíram, ele ficou para trás para terminar uma parte do trabalho.

Ele não a ouviu entrar, até que ela disse seu nome atrás dele. Ele deixou cair o martelo sobre o seu pé.

— Oh! — Ela correu para frente, — Você está ferido?

Ele riu. — Não, eu estou bem. Botas de bico de aço. — Ele acenou para suas botas de trabalho.

— Oh. — Ela franziu a testa para o pé.

— Existe algo que você queira? — Ele perguntou, se sentindo um pouco frustrado, pelo fato dela estar em pé na frente dele, parecendo muito sexy, em leggings pretas com um top verde decotado, que abraçava cada centímetro dela. Seu cabelo estava enrolado e fluindo ao redor de seus ombros, fazendo-o desejar que pudesse enterrar as mãos e o rosto nele. Ele apostava tudo que cheirava como mel.

— Não. Sim. — Ela voltou seus olhos para ele. Eles estavam vagando pelo espaço, observando tudo o que tinha mudado nos últimos dois dias. Ela encolheu os ombros. — Eu só queria ver... — Ela se virou novamente e começou a andar. — Você já fez muito.

Ele suspirou, quando percebeu que estava olhando sua bunda, em vez de ouvi-la. Forçando seus olhos de volta para onde os olhos dela estavam, ele tentou se concentrar em manter seus desejos sob controle.

— Na verdade, eu sinto que estamos indo mais devagar do que o normal. Tivemos alguns contratempos hoje.

— Oh? — Ela se virou e cruzou os braços sobre o peito.

Ele assentiu, com os olhos colados no movimento causado em seus seios.

— Alguma coisa importante? — Perguntou, dando um passo em direção a ele.

Ele balançou a cabeça negativamente, os olhos ainda colados aos seus seios. Ele sabia que não era educado, mas ele se perguntou se ela realmente sabia o que estava fazendo? Ela tinha que, depois de tudo, descer aqui vestida desse jeito.

— Bom. — Ela suspirou e se virou. Quando ela começou a entrar na sala dos fundos, ele a deteve.

— Cuidado. — Ele correu para segurar o braço dela. — Ainda há uma grande quantidade de pregos expostos naquela sala.

— Oh, — ela disse em voz baixa. Então ela piscou algumas vezes e se afastou dele. — Escuta, eu queria falar com você sobre o outro dia.

Ele assentiu e enfiou as mãos nos bolsos do jeans. — Tudo bem?

— Eu... — Ela suspirou. — Eu queria te agradecer. Você sabe, por parar. — Seu coração desinflou. — Quer dizer, eu ainda não estou pronta para voltar a um relacionamento tão cedo. — Ela começou a andar na frente dele, balançando as mãos enquanto falava. — É só que eu não estou pronta para me entregar totalmente dessa maneira. Quero dizer, tão íntimo, depois do fiasco da última vez.

Ele não entendeu metade do que ela estava dizendo, mas ele a ouviu e assentiu, enquanto ela olhava para ele. Finalmente, ela se virou com um leve sorriso.

— Eu espero que você entenda.

Ele balançou a cabeça novamente, mas, em seguida, começou a balançar a cabeça negativamente. — Eu sinto muito. Sobre o que você está falando?

Ela deixou escapar um grande suspiro. — Você sabe, eu só não quero entrar em outro relacionamento, logo após romper o meu noivado.

Isso o despertou. Ele deu um passo para trás como se tivesse sido atingido na cabeça. — Noivado?

Seu queixo caiu, enquanto ela assentiu. — Eu... eu pensei que você sabia. Quero dizer... — Ela deu um passo mais perto. — Depois que você descobriu quem era meu pai, eu achei que você sabia sobre isso. Você sabe, juntando tudo.

Ele balançou sua cabeça. — Eu sei quem é seu pai. Eu não disse que já sabia sobre você.

— Oh. — Ela gemeu. — Eu confundi tudo. — Ela começou a andar novamente. Então ela parou, e se virou para ele abruptamente. — Eu estava noiva de um filho de amigos dos meus pais. Era uma espécie de uma coisa arranjada entre os nossos pais. Bem... — Ela olhou para suas mãos em vez de seus olhos. — Eu liguei para ele quando me mudei para cá, — disse ela rapidamente.

— Você ligou, ou você deixou uma mensagem de voz, como você fez com seus pais?

Seus olhos se precipitaram para ele, e ele viu a resposta neles. Balançando a cabeça, ele se abaixou para pegar seu martelo. — Eu acho que foi bom eu ter parado na outra noite. — Ele se aproximou e colocou o martelo em sua caixa de ferramentas.

— Não era assim, — disse ela atrás dele. — Eu nunca fui...nunca... — Ele se virou para ela. — Eu não me senti dessa maneira pelo Tyler. Quero dizer, ele nem sequer me pediu. Ele era apenas uma espécie de arranjo.

Ele se recostou na mesa de trabalho. — Não era como o quê?

Ela parou de olhar para as mãos e olhou para ele.

****

Meu Deus será que ele quer tudo soletrado? Ela soltou uma respiração profunda e deixou escapar: — Atração natural.

Ele riu. — É isso o que isso é? — Ele cruzou os braços sobre o peito e por um momento ela esqueceu tudo, exceto a visão dos músculos em seus braços, lutando contra o material fino.

— Eu... — Ela balançou a cabeça. — Eu não tenho certeza. — Ela prendeu em seus olhos novamente. — Você pode rotular?

Ele balançou sua cabeça. — Justo. Eu acho que também não tenho certeza o que é isto.

Ela assentiu uma vez. — Então... — Ela esperou.

— Então... — ele disse, sorrindo. — Noiva, hein?

Ela fechou os olhos e gemeu. — Não mais, eu espero.

Ela ouviu sua risada se aproximar e abriu os olhos para vê-lo vindo em sua direção. — O que você acha de jantar comigo?

Ela sorriu. — Soa maravilhoso.

— Bom. Eu posso correr em casa e tomar banho, então...

— Por que você não sobe? Já tenho costeletas de porco no forno.

Ele franziu a testa. — Eu gostaria de tomar banho primeiro.

Ela sorriu. — Eu tenho um chuveiro que você pode usar, se você insistir.

Ele inclinou a cabeça. — Eu tenho uma muda de roupa na minha caminhonete. Vou pegá-la, e subir em um minuto.

Ela assentiu e sorriu, então, se surpreendeu, colocando os braços sobre os ombros dele. — Eu quis dizer o que eu disse.

Suas mãos foram para seus quadris. — O quê?

— Que eu estou muito atraída por você. — Ela se inclinou e deu um beijo quente em seus lábios e, então, se virou rapidamente e saiu. Ela podia sentir seus olhos em suas costas enquanto ela gingava.

No momento que ele bateu na porta, ela se sentiu completamente no controle de si mesma novamente. Vendo-o suado fez ela sentir alguma coisa. Talvez fosse química? Afinal, ela tinha lido um artigo em algum lugar, que o odor de um homem suado era altamente atraente para as mulheres.

Ela tentou ficar longe dele, enquanto ele se desculpava e desaparecia em seu banheiro. Ela tinha estado tão ocupada lhe evitando, que ela esqueceu de mencionar a água fria.

Ela o ouviu ofegar da cozinha, e tentou não rir. Talvez isso ajudaria a acelerar o longo processo do aquecimento da água.

No momento em que ele saiu de seu banheiro, com o cabelo úmido e parecendo ainda mais sexy do que antes, em uma camiseta cinza e jeans desbotados, o jantar estava pronto.

— Cheira bem. — Ele colocou sua bolsa no chão ao lado da porta e caminhou até ela. — Posso ajudar em alguma coisa?

Ela balançou a cabeça. — Não, você teve um dia ocupado trabalhando. Aqui. — Ela lhe entregou uma cerveja e acenou com a cabeça para a mesa. — Vai, sente-se. Eu vou demorar só mais um momento.

Ele sorriu e pegou a cerveja. — Meu tipo de mulher. — Tomando a cerveja, ele caminhou até a janela e olhou para fora. O céu estava escuro, uma vez que as nuvens ainda não tinham ido embora, e ainda estava muito nublado.

Retornando para a comida, ela mexeu a salada, e tirou as costeletas de porco do forno.

— É engraçado como muitas pessoas param e olham para o seu letreiro. Isso foi realmente uma boa ideia. — Ele tomou outro gole de cerveja.

Ela sorriu, lembrando como ela usou suas tintas para fazer um grande cartaz que ela colou na janela da frente, deixando todos os que passavam saber o que estava por vir. — Eu me diverti muito desenhando-o. Eu mal posso esperar até que o grande esteja pendurado sobre a porta e o lugar terminado.

Ele concordou e, em seguida, se aproximou para ajudá-la levar os pratos de comida à pequena mesa.

— Falando em coisas terminadas, vou ver sobre ter o seu aquecedor de água instalado esta semana.

Ela riu. — Mais um motivo que eu te convidei para tomar banho na minha casa.

Ele sorriu. — Jogada inteligente. Qual foi o primeiro motivo?

Seus lábios tremeram quando ela pegou sua própria cerveja e tomou um gole. O sabor picante fez pouco para acalmar seus desejos.

— Então, eu poderia imaginar você, como você colocou... nu e molhado. — Ela sorriu e pegou o garfo.

— Você não joga limpo. — Ele franziu a testa quando pegou o garfo.

— Eu nunca prometi. — Ela sorriu e mordiscou sua comida. Ela ficou emocionada quando seus olhos se aqueceram, observando seus lábios enquanto desfrutava da sua refeição.

No momento em que o prato dele ficou vazio, ela teve certeza que ele podia ver sua excitação fluir de sua pele. Eles conversaram um pouco sobre a comida, mas no geral, seus olhos permaneceram bloqueados, enquanto o nível de calor continuava a aumentar.

Quando ela se levantou para colocar os pratos na pia, ele balançou a cabeça e pegou seu braço. — Não, sente-se comigo por mais um tempo.

Ela assentiu e puxou a cadeira para mais perto dele.

— Você realmente precisa de alguns móveis aqui em cima. — Ele franziu a testa olhando ao redor.

Ela riu. — Não até que você termine com isso. Se eu carregar qualquer coisa agora, teremos que levar de volta para baixo quando iniciar a construção.

Ele assentiu. — Talvez podemos primeiro começar aqui em cima. Quer dizer, não há nenhuma razão que não posso ter duas equipes trabalhando ao mesmo tempo. Eu tenho homens suficientes. Eu tenho alguns caras acabando outro projeto nesta sexta-feira. Eu poderia tê-los começando aqui na segunda-feira de manhã.

— Sério? — Ela mordeu o lábio inferior. — Eu... — Ela olhou ao redor, — Eu não tenho certeza que estou pronta.

Ele riu. — Assustada?

Ela projetou o queixo. — Claro que não.

Seu sorriso cresceu. — Bom, então está resolvido. Quanto mais cedo você tiver um sofá, mais cedo eu poderia fazer isso com você nele. — Ele a puxou para mais perto até que ela estava praticamente sentada em seu colo, e, então, a beijou até que ela se derreteu contra ele.

11



Nos próximos dias, ela acordou com os sons de construção abaixo dela. Toda noite, ela e Marcus jantaram juntos. Eles comiam em seu apartamento ou ele a levara para algum lugar na cidade que ela ainda não tinha estado.

Todas as noites ele a deixava sem fôlego com seus beijos, e desesperadamente querendo mais. Ela estava feliz que ele não estava a empurrando muito rápido para uma relação, mas parte dela desejava que tivesse coragem de saltar nele.

Eles passaram esse fim de semana deixando seu apartamento pronto para a demolição. Ela embalou tudo o que possuía, e empurrou tudo ao longo da parede de tijolos. Até mesmo seu colchão de ar teria que ser esvaziado a cada dia e enrolado.

— Você pode ficar sem chuveiro por um tempo. Se você quiser, você pode ficar na minha casa, — disse ele enquanto colocava uma caixa pesada dela para baixo.

A declaração a desequilibrou. — Ficar na sua casa?

— Claro. — Ele se abaixou e pegou outra caixa. — Quero dizer, seria mais fácil você não estar no meio de tudo isso. — Ele olhou ao redor da sala quase vazia.

— O que... e Roman?

Ele riu. — Ele vai ficar bem com você ficando.

— Quero dizer... — Ela mordeu o lábio inferior. Ele parou de andar com a caixa e olhou para ela como as sobrancelhas se ergueram.

— Oh Deus. Eu não quis dizer... — Seu rosto ficou um pouco de rosa. — Quer dizer, eu ia dormir no sofá. — Ele riu nervosamente.

Ela riu. — Eu não posso fazer isso com você.

Ele sorriu. — Confie em mim, eu provavelmente irei dormir muito melhor sabendo que você estará confortável no quarto ao lado, do que eu faria se estivesse dormindo em algum lugar que não tivesse água corrente e possivelmente até mesmo eletricidade.

— Sério? — Ela olhou em volta. — Você acha que eu não vou ter eletricidade? — Isso fez mudar as coisas. Ela contava com a eletricidade para fazer o seu trabalho durante o dia, enquanto eles estavam martelando lá embaixo.

Ela ainda tinha o estoque para comprar, os expositores para organizar. Ela ainda tinha que fixar o preço de algumas das peças que já tinha comprado, que estavam em um depósito fora da cidade. Sem mencionar todas as outras contas de fornecedores que ainda tinha que cuidar.

Suspirando alto, ela assentiu. — Eu acho que eu poderia ficar lá durante as piores partes. Se estiver tudo bem para o Roman.

Ele riu. — Confie em mim, Roman não terá problema em compartilhar o apartamento com uma bela mulher.

Com a ajuda de Marcus, o fim de semana voou e antes que ela percebesse, a segunda-feira chegou, e os trabalhadores estavam batendo à sua porta.

No começo, ela ficou ao redor, sem saber o que fazer, mas, então, Marcus apareceu e lhe entregou a chave de seu apartamento. — Se você quiser, pegue suas coisas agora. Você pode fazer algum trabalho, enquanto nós fazemos esse. — Então ele sorriu. — Confie em mim; você só vai sentir como se estivesse no caminho. A menos que você deseja colocar sua roupa de trabalho e...

Ela balançou a cabeça negativamente. — Eu tenho muita coisa para fazer hoje. — Ela franziu a testa e mordeu o lábio inferior. Demasiada.

Quando os homens começaram a trabalhar, ela recolheu suas coisas e se dirigiu para o seu apartamento. Tinha visto-o brevemente no dia em que eles passaram para pegar suas ferramentas. Ela estacionou o carro e caminhou até a porta, batendo, antes que de usar a chave que ele lhe dera, uma vez que, ela não sabia se Roman tinha saído ou não. Ela agradeceu pela casa estar escura.

Colocando suas coisas lá dentro, ela demorou alguns minutos para olhar ao redor. Havia dois quartos. Um deles era tão limpo e organizado, que estremeceu com o quão limpo estava. O segundo quarto, ela soube imediatamente que era de Marcus. Estava limpo, mas nada como o quarto de Roman. Ela relaxou um pouco. Não era que ela não gostava de pessoas limpas, só que ambos os seus pais e Tyler tinham sido muito organizados. Ela tinha conhecido muitas pessoas como essas em seu passado.

Sacudindo algumas velhas lembranças para fora, ela montou uma estação de trabalho para si mesma na mesa da sala de jantar e começou a fazer as chamadas. No momento em que seu estômago lhe disse que era hora do almoço, ela tinha adquirido duas das três novas contas que ela precisava.

Seu telefone zumbiu com uma mensagem, e ela ficou animada quando um texto de Marcus apareceu.

Chegando aí, com algum almoço e meu irmão a tiracolo.

Ela não conseguiu evitar, ela sorriu. Ela realmente gostava dele e, apesar de sua cabeça lhe dizer que ela estava à beira de gostar muito dele, afastou todos os seus medos para o lado.

Quando os dois homens chegaram, ela já tinha limpado todos os seus itens da mesa. Ela tinha encontrado com Roman várias vezes no bar e grill, mas na verdade, não tinha tido a oportunidade de falar com ele.

No momento em que eles terminaram de almoçar, ela percebeu que ele não era nada o que ela tinha imaginado que seria. Ele era quase tão engraçado quanto Marcus. Embora ele estivesse vestido com roupas de negócios, ela tinha a sensação de que ele poderia arregaçar as mangas, e se sujar, caso a situação exigisse.

— Eu ocasionalmente trabalho lado a lado com Marcus, mas hoje eu tive algumas reuniões sobre a Spring Haven Home.

— Marcus me falou muito sobre o seu lugar. Eu adoraria vê-lo por mim mesma.

Ele sorriu. — Posso lhe dar um passeio no final desta semana, se quiser.

— Eu posso lhe mostrar ao redor, — Marcus saltou, passando o braço ao redor dela.

Roman riu e disse: — Mensagem recebida. — Então ele piscou para ela, e ela não pode deixar de sorrir.

Depois que eles saíram, ela fez mais algumas chamadas, e fechou mais alguns pedidos. Então ela foi para o Centro e obteve uma cópia de sua licença comercial, que, finalmente, foi aprovada pela Prefeitura. Era oficial. Shelly era uma empresária. Ela mal podia esperar para ter seu espaço de volta, e começar a receber os pedidos.

Quando ela se dirigiu para o prédio, se surpreendeu ao ver a agitação da atividade. Os homens estavam indo e vindo, transportando madeira para dentro, e carrinhos de lixo para fora. Ela não queria incomodá-los, mas estava curiosa como tudo estava indo.

Ela podia ver dentro, parada na porta da frente, que a parede de trás foi erguida, e o eletricista estava trabalhando para instalar as luzes do teto.

Quando ela começou a subir as escadas, encontrou um obstáculo.

— Não, você não vai. — Marcus sorriu para ela. — Ainda não. No momento está muito louco lá em cima. Espere até que os meus homens saiam. — Ele pegou sua mão, e começou a caminhar de volta para baixo das escadas.

Ela franziu a testa, mas o seguiu de volta para baixo.

— Aqui. — Ele abriu a porta da frente para ela. — Eu queria discutir algumas coisas na sala dos fundos com você.

Quando entraram na sala dos fundos, ela ficou surpresa, por estar tranquila e quase terminada. Virando-se, ela viu tudo.

Ela podia imaginar sua mesa de desenho contra a parede de trás, sua máquina de costura ao lado, talvez ali, uma prateleira de roupas, debaixo da janela.

— O que você vê? — Marcus perguntou, enquanto se apoiava no batente da porta.

Ela sorriu, e então lhe contou exatamente o que planejava para a sala.

Quando ela terminou, ele assentiu, inclinando a cabeça enquanto olhava ao redor. — Que tal colocar um desses espelhos triplos lá? Sabe como é, para que você possa experimentar e conferir seus projetos. — Ele apontou para o canto. — Você sabe, como eles têm em vestiários?

Ela assentiu. — Eu tinha planejado ter um na frente. — Ela pensou sobre isso. — Suponho que um aqui iria funcionar também.

— Você tem uma mesa em mente para desenhar?

Ela sacudiu a cabeça, não. — Eu esperava encontrar uma mesa de desenho nos arredores.

Ele sorriu. — E se eu te construísse uma? Eu espero que seja como uma mesa de desenho? — Ele olhou para ela e esperou.

— Sim, mas eu gostaria que fosse um pouco maior, para que pudesse funcionar como uma mesa de corte.

Ele assentiu, e se aproximou para pegar um lápis e papel da sua prancheta. Nos dois minutos seguintes, ele passou a desenhar algo, enquanto eu o observava.

Sua cabeça estava inclinada sobre a prancheta completamente focado. Ela tomou esse tempo para admirar quão verdadeiramente bonito ele era. Seus cílios escuros cobriam seus olhos azuis. Ele não tinha se barbeado naquela manhã, e o crescimento do dia, o fazia parecer um pouco perigoso, e muito mais sexy. Ela sabia que provavelmente arranharia seu rosto, mas ela achava que não se importaria das marcas com a sensação de seus lábios nos dela.

— Isso funcionaria? — Ele virou o papel e lhe mostrou uma mesa que poderia ser usada para desenhar e como uma superfície plana para cortar tecido.

— Isso são gavetas? — Ela apontou para as caixas acima.

— Gavetas ou nichos para canetas, tesouras, não importa. — Ele deu de ombros.

Ela nunca teria pensado nisso. Vendo o desenho, ela imediatamente queria isso. Sorrindo, ela concordou. — Está perfeito.

Ele sorriu para ela. — Nós podemos construi-la imediatamente. — Ele se aproximou e tirou uma fita métrica pequena do bolso e começou a medir.

— Esse é um local perfeito. Eu pensei em ter a minha máquina de costura aqui. — Ela apontou para o local. — Eu tendo uma mesa neste tamanho, já é muito importante. — Ela mostrou o tamanho.

Ele assentiu. — Haveria espaço suficiente aqui. — Ele se aproximou e inclinou a cabeça. — Talvez para alguns ganchos ou...

— Que tal um armário de roupa? — Ela estava ao lado dele.

— Sim. — Ele pegou o lápis novamente. — Como este. — Ele o virou.

Ela sorriu para ele. — Perfeito.

Cerca de uma hora depois, eles saíram da sala dos fundos para descobrir que eles estavam sozinhos. Eles ainda podiam ouvir trabalhadores se deslocarem no andar de cima, mas o andar de baixo estava vazio.

— Parece que todos estão arrumando as coisas do dia. — Ele olhou para o relógio e assentiu. — Está na hora. Podemos subir em alguns minutos.

Ela assentiu e, em seguida, caminhou ao redor da sala maior, sonhando com onde tudo ficaria.

— Os vestiários estão quase terminados, — disse ele. Ela se aproximou e sorriu para as duas pequenas salas. — Em breve estaremos colocando as portas, para que tudo possa ser pintado. — Ele sorriu.

— Eu não posso acreditar o quão rápido tudo está acontecendo. — Ela se virou em um círculo.

Ele riu. — Agora, se pudéssemos dizer o mesmo sobre andar de cima. — Ele balançou a cabeça.

— Oh? — Ela se virou para ele.

Ele assentiu. — Hoje tivemos alguns contratempos lá em cima. A demolição não demorou muito, exceto no banheiro. Quem colocou aquele azulejo deve ter usado cimento para mantê-lo lá. Levou quatro horas para derrubar tudo.

Ela queria desesperadamente ir olhar, mas ainda podia ouvir os homens andarem ao redor lá em cima.

— Nós podemos subir. Tenho certeza de que agora eles estão apenas limpando.

Ela sorriu e assentiu.

****

Marcus observou Shelly percorrendo pelo que costumava ser seu apartamento. Havia uma expressão de desaprovação em seus lábios. Ele sabia que agora o lugar parecia ruim, e queria explicar que ficaria melhor.

Ele abriu a boca para falar, mas ela apenas balançou a cabeça para ele. — Eu não preciso de explicação. — Ela sorriu. — Eu posso dizer que vai ficar ótimo.

Seu sorriso era rápido. — Bom. Algumas pessoas não conseguem ver o potencial através da bagunça.

Ela riu. — Eu não sou uma dessas pessoas. E o banheiro? — Ela se dirigiu para trás e ele a seguiu.

— Está destruído, e acabamos de derrubar a parede, para que possamos ampliá-lo. — Ele entrou, e percebeu que o espaço estava muito melhor do que antes.

— Olhe o quão grande será. — Ela sorriu para ele. — A banheira vai ser aqui? — Ela ficou no lugar.

— Sim, o box do chuveiro será aqui. — Ele apontou para o local.

— Pias? — Ela apontou, e quando ele assentiu, ela se virou para onde o velho vazo verde costumava ficar. — Vazo? — Ele balançou a cabeça novamente. — Vai ser muito maior do que antes. — Ela caminhou em direção a parte de trás e gritou. — Oh, olha para o meu armário. — Ela girou no espaço.

Ele a seguiu e riu. — Eu não posso acreditar em como as mulheres respondem a um grande armário.

Ela riu e correu para abraçá-lo. Ele riu com ela, e começou a girá-la. Então ele não pode deixar de beijá-la. A maneira que ela respondeu a ele, tinha sua mão tremendo em seus quadris quando ele a puxou para mais perto.

Quando eles finalmente se afastaram, ele sorriu, notando que ambos estavam um pouco sem fôlego.

— Eu... eu acho que não se pode negar o que há entre nós, — disse ela, com os olhos colados em seus lábios. Seus olhos foram para os dela em resposta.

Ele balançou a cabeça negativamente. — Por que estamos sequer tentando?

Ela deu um passo para trás e respirou fundo. Ela enfiou as mãos nos bolsos e deu de ombros. — Eu acho que não há nenhuma razão real. — Ela olhou para ele

novamente. — Eu... eu acho que não estou pronta para nada muito sério no momento. Não depois de Tyler...

Ele caminhou até ela, e pegou seus ombros até que ela olhou para ele. — Por que não podemos apenas continuar a levar as coisas devagar, como temos feito. Você sabe, ver onde vai dar. — Ele ficou aliviado quando ela sorriu e assentiu. — Bem, agora o que você diria de irmos jantar?

Ela sorriu e assentiu. — Parece bom.

— Bom. Acho que preciso de um banho primeiro. — Ele olhou para si mesmo e franziu a testa.

— Não se esqueça que você precisa fazer a barba, também. — Ela estendeu a mão e a passou pelo queixo barbudo.

Uma hora depois, eles saíram juntos de seu apartamento. Ele tinha tomado banho e se trocado com uma de suas melhores roupas, e ela tinha colocado um vestido preto simples que abraçava suas curvas. Finalizando o vestido com um lenço de cores vivas sobre os ombros. Ele tentou convencê-la a levar um casaco com ela em vez disso, mas ela apenas balançou a cabeça e sorriu.

— Há um preço para a boa aparência. — Ela riu de seu olhar carrancudo. Ele tinha que admitir, ela parecia bem. Especialmente quando ele a viu caminhar em direção a ele em saltos de sete centímetros.

Ele os levou para Sea Side, uma pequena Cidade a cerca de meia hora de distância. Ali, os preços eram mais elevados devido ao grande número de turistas que invadiam a pitoresca cidade durante todo o ano.

Ele estacionou a caminhonete e a ajudou a descer, apreciando a sensação dela em seus braços. Então, eles caminharam pela calçada até que ele a conduziu para o Marina´s, um dos melhores restaurantes italianos ao longo da costa, e um dos lugares mais românticos para comer. Eles se sentaram em uma mesa pequena ao longo da grande parede de vidro com vista para a praia abaixo deles. Eles tinham quase uma hora antes do pôr do sol.

Ele pediu uma garrafa de vinho, enquanto esperavam por seus pratos.

— Eu simplesmente não consigo me cansar dessa vista. — Ela suspirou e descansou o queixo nas mãos. — Você já se cansou? — Ela olhou para ele.

Ele balançou a cabeça, sem ver a beleza fora de sua janela, mas colado à uma sentada a sua frente. Não, ele duvidava que algum dia se cansaria de sentar ao lado dela. Ela sorriu, e ele tinha certeza de que ela podia ler seus pensamentos.

12



Ela não conseguia parar de olhar para Marcus enquanto eles comiam. Mesmo o sol se pondo sobre a água, despertava pouco interesse nela.

— Como está a comida? — Ele perguntou em voz baixa.

Ela assentiu. — Boa. — Mas, verdade seja dita, ela mal percebera o gosto. Sua boca molhou com o pensamento dele perto dela, beijando-a novamente.

Ele acariciou a sua mão com a dele do outro lado da mesa. Ela decidiu ser um pouco descarada, desde que ela tinha se decidido sobre ele, e estendeu o pé para esfregar a sua perna com os seus dedos. Ela observou seus olhos aquecerem, então ele pediu a conta e rapidamente colocou dinheiro suficiente para cobrir o custo.

— Vamos sair daqui, — disse ele em voz baixa. Tudo o que podia fazer era acenar e acompanhá-lo enquanto ele a puxava através da sala lotada.

Quando chegaram na sua caminhonete, ele a puxou para perto dele enquanto sua boca cobriu a dela. Ela estava de costas contra a sua caminhonete enquanto suas mãos percorriam seus quadris.

Quando ele se afastou, ele sorriu. — Roman vai ficar em Spring Haven esta noite. Temos a casa toda para nós.

Ela sentiu sua respiração rápida, enquanto sorria e assentia de volta. Ela estendeu a mão para a maçaneta da porta e ele a ajudou a subir em sua caminhonete. Seguiram em silêncio por um tempo, até que finalmente ele riu.

— Eu me sinto como um adolescente me preparando para esconder uma garota em casa enquanto meus pais estão fora.

Ela riu. — Eu nunca entrei escondida na casa de um garoto antes.

— Não? — Ele olhou para ela. Ela balançou a cabeça.

— Já escondeu um cara na sua casa?

Ela riu. — Nunca. Meus pais eram como falcões. Eu não poderia nem mesmo me esconder na cozinha para um lanche sem que eles soubessem.

Ele balançou sua cabeça. — As crianças, adolescentes, — ele olhou para ela — tem obrigação de ter encontros escondidos.

— Oh? — Ela o viu acenar. — É isso que você vai dizer quando sua adolescente esconder um menino em seu quarto?

Ele franziu a testa. — Claro que não. — Ele olhou para ela. — Bom ponto de vista.

— Claro, se você tivesse um filho, você cantaria uma música diferente.

Ele sorriu. — Claro. É apenas diferente.

Ela balançou a cabeça. — Homens.

Ele riu.

Quando estacionou na rua da sua casa, ele suspirou. — Droga, — disse ele em voz baixa.

— O quê?

— Um irmão cooperou, o outro eu estou prestes a matar.

Ele apontou para um jipe estacionado a poucos passos de distância. — Cole? — Perguntou ela. Marcus assentiu.

— Ele fica aqui quando está na Cidade.

— Eu pensei que ele estava na África.

— Sim, assim como todos nós. O que eu não daria para ter o seu lugar terminado.

Ela riu e se aproximou dele, passando as mãos em seu cabelo. — Tudo a seu tempo.

Ele assentiu e fechou os olhos com um gemido. — Creio que sim.

Ela usou esse momento para colocar seus lábios nos dele. Quando suas mãos correram sobre ela, ela gemeu, e desesperadamente desejou por mais algum tempo sozinhos.

Suas mãos subiram a saia, e ela sentiu os dedos calejados esfregar suavemente sobre suas pernas. Ela gemeu e se moveu para que ele pudesse subi-los mais alto. Seus dedos estavam em seu cabelo enquanto ela manteve sua boca contra a dele. Quando seu dedo se moveu abaixo de sua calcinha, ela empurrou nas mãos dele, e gemeu.

Ela o ouviu gemer, enquanto seu dedo corria sobre a sua fenda, então novamente, quando ele mergulhou profundamente dentro nela. Ela empurrou seus quadris para ele e cravou as unhas em seus ombros enquanto ele a satisfazia.

— Mais... — ele disse, enquanto empurrava a saia mais para cima com a outra mão. — Eu tenho que ter... — Ele se moveu para baixo enquanto ela se recostou contra a porta. — Mmmm, — ele gemeu quando sua boca tocou a parte interna da coxa. Seus dedos foram para seu cabelo enquanto ele passava a boca sobre cada centímetro dela.

— Marcus..., — ela gritou enquanto se sentia explodindo.

Quando ele se aproximou dela, ele suspirou e sussurrou: — Porra, não é assim que eu imaginei... — Descansando sua testa contra a dela.

Ela riu. — Você mencionou a agir como adolescentes. O que diz mais do que amassos em um carro estacionado?

Ele riu. — Eu acredito que você está certa. — Então ele olhou para ela. — Não tranque sua porta esta noite.

Ela balançou a cabeça negativamente e engoliu em seco. O calor que estava em seus olhos lhe dizia que ele quebraria a porta se fosse necessário.

Quando eles estacionaram novamente e entraram no apartamento, Cole estava no sofá assistindo um jogo.

— Ai estão vocês. — Ele sorriu.

— Pensei que você estivesse na África, tentando se afogar. — Disse Marcus, entrando na cozinha para pegar uma cerveja.

— Não, já fiz isso, nada de novo. — Então ele sorriu para ela. — Ei, venha se sentar, você chegou na hora para ver o segundo tempo.

Ela olhou para Marcus, que apenas deu de ombros e levantou uma cerveja em dúvida. Ela assentiu, e se sentou ao lado de seu irmão.

— Noite de encontro? — Ele a olhou enquanto ela tirava seus sapatos.

Ela assentiu e pegou a cerveja de Marcus, que se sentou ao seu lado, e colocou o braço sobre o ombro dela.

— Bem, vocês dois combinam. — Cole sorriu.

— Onde está Trilla? — Shelly recostou-se contra o peito de Marcus e desfrutou da sensação de estar tão perto dele.

Cole deu de ombros. — Eu acho que ela está de volta à Europa. — Ele tomou um gole de sua própria cerveja.

— Meu irmão não fica com uma mulher por muito tempo. Eu acho que é seu charme, — Marcus disse sarcasticamente enquanto passava a mão pelos cabelos de Shelly.

— Pelo menos eu tenho mulheres. — Cole estremeceu quando ele olhou para Shelly. — Desculpe, isso geralmente funciona, mas agora que ele tem você... — Ele tomou outro gole da cerveja, e baixou rapidamente. — Esta cerveja está quente. — Ele olhou para a geladeira e franziu a testa. — Bem, já que eu sei que você pegou as duas últimas cervejas da geladeira, vou para a Cassey, para uma gelada e assistir ao jogo na tela grande. — Ele se levantou e caminhou até a porta. — Não esperem por mim. — Ele piscou para Shelly e saiu.

— Homem inteligente, — Marcus disse ao lado de sua orelha antes de começar a mordiscá-la, causando arrepios por toda sua pele. — Quer fazer mais coisas adolescentes aqui no sofá comigo? — Ele perguntou, enquanto se aproximava dela. Ela escorregou contra ele, até que ele pairou sobre ela, com um sorriso nos lábios.

— Mmm, eu acho que eu posso pensar em algumas coisas que podemos fazer.

Ele passou as mãos por suas pernas e ela puxou sua camisa. Quando, finalmente, ele se afastou e a empurrou para fora de seus ombros, ela suspirou enquanto passava as mãos sobre seus músculos. Ela sempre sonhou em passar as

mãos sobre alguém como ele. Sua pele ainda estava bronzeada do verão passado. Suas mãos pareciam tão pequenas e brancas contra a sua pele.

Então, ele estava beijando-a novamente, enquanto puxava o decote de seu vestido. Sua boca passando pelo ombro, e ainda mais para baixo enquanto mais pele era exposta. Ela arqueou para ele, querendo mais.

— Você é tão suave e tem gosto de mel, — disse ele chovendo beijos sobre sua pele.

Suas unhas cravaram em sua pele, e quando ela se inclinou para trilhar a boca sobre o peito dele, ele ficou um pouco tenso. Então, ele estava tirando sua roupa, e ela queria desesperadamente senti-lo sobre sua pele.

— Shelly... — ele disse contra seu seio. Então ele pegou seu mamilo em sua boca e o chupou até que ela se arqueou contra ele em um gemido.

Ela envolveu suas pernas em torno de seus quadris e sentiu sua ereção contra ela. Querendo mais, ela tentou retirar seu jeans.

Ele balançou a cabeça, e, logo se levantou, pegando-a em seus braços. Ela sorriu colocando beijos ao longo de sua clavícula enquanto ele caminhava de volta para seu quarto.

Quando ele a colocou suavemente em sua cama, ele ficou de pé e olhou para ela. Seus olhos estavam cheios de desejo enquanto ele os corria sobre cada centímetro dela. Por sua vez, ela estava fazendo o mesmo. Sua camisa tinha desaparecido, e ela podia ver o quão impressionante ele realmente era. Ela se perguntava por que tinha demorado estar com ele, sendo que se sentia tão próxima dele. Ela tentou evitar as emoções, e pensar apenas no agora, mas enquanto ele estava olhando-a, com aqueles olhos azuis cheios de mais do que apenas desejo, ela teve um tempo difícil.

— Eu amo olhar para você. — Ele sorriu e estendeu a mão para ajudá-la a remover seu vestido apertado.

Depois remover o tecido de seda, ela se ajoelhou diante dele na beirada da cama enquanto ele corria os olhos sobre ela.

****

Marcus olhou para Shelly, enquanto ela se ajoelhava diante dele em nada além de um pedaço de calcinha preta e um sutiã combinando. Sua pele parecia seda, e ele sabia que teria gosto de mel quente. Seus cabelos estavam emaranhados por suas mãos, quando caíram sobre seus ombros.

Quando ela estendeu a mão para ele, ele se aproximou dela, tirando seus sapatos, antes de se mover para ela na cama.

Ela imediatamente pegou sua calça jeans novamente e ele não conseguiu segurar o sorriso. — Com pressa?

Ela sorriu e assentiu. — Eu gosto de velocidade, — disse ela, o puxando para mais perto para um beijo. Ele se esquivou da sua boca e riu.

— Eu gosto de lento. Para saborear tudo. — Ele passou os dedos por seus ombros, e viu seus olhos se fecharam. — Eu amo tocar em tudo, provar todos os lugares. — Ele inclinou a cabeça para o outro ombro, e correu sua boca sobre a curva que ele encontrou lá. — Isso me deixa louco, sentir a sua pele aquecer sob minhas mãos.

Ela gemeu, e ele observava suas mãos se mexerem ao redor dela. Ele não conseguia impedir o sorriso, sabendo que ele estava lentamente a deixando louca, como ela tem feito há dias com ele.

Ele estendeu a mão na parte inferior das suas costas e a empurrou até que ela se deitou debaixo dele. Usando os joelhos, ele abriu suas pernas até que pode repousar entre elas, sua ereção empurrando contra seu jeans e contra sua calcinha de seda. Sentiu ela se contorcer com o movimento, então, seus quadris começaram a se mover devagar, e ele fechou os olhos com um gemido, enquanto esfregava seu pau lentamente. Quando suas pernas mais uma vez envolveram em torno de seus quadris, tentou se lembrar que ele queria ir devagar, queria aproveitar cada minuto de estar com ela.

Sua boca começou a se mover sobre a pele dele enquanto suas mãos foram novamente para o seu jeans, e o empurrou para baixo. Desta vez, ele não discutiu. Quando ele saltou, a mão dela estava lá para pegá-lo, segurá-lo livre delicadamente, enquanto ela começou o acariciar lentamente, depois mais rápido.

Seus quadris começaram a empurrar na direção dela enquanto suas mãos passavam sobre a calcinha, então ele a puxou para o lado e empurrou os dedos em seu calor. Ela estava quente e molhada, perfeita para ele.

Suas bocas se encontraram novamente, enquanto eles continuaram a acariciar um ao outro. Ele gostava dos pequenos ruídos que ela fazia enquanto a acariciava. Quando ele a sentiu gozar para ele, ele lentamente se afastou, e jogou seu jeans no chão ao lado da sua cama e, então, pegou um pacote de preservativos de sua mesa de cabeceira e se moveu de volta para ela.

Ela estava olhando para ele, seu cabelo espalhado em sua cama, com um sorriso nos lábios. Suas mãos se estenderam para ele. Quando ele voltou para ela, segurou seu rosto e colocou beijos ao longo de seu pescoço enquanto ele se envolvia nela.

Usando as mãos para mover os quadris dela, ele se posicionou fora dela. Quando deslizou para dentro dela, ela gemeu e jogou a cabeça para trás. Seus dedos cravaram em seus quadris enquanto ele a segurava parada, tentando não explodir rapidamente com o seu desejo.

Ela era tudo o que ele sonhou que seria. Sua pele brilhava enquanto ele a tomava, e seus olhos aqueceram com uma cor de mel rica. Poderia passar o resto de sua vida olhando para ela gozando para ele.

Desta vez, quando ele a sentiu convulsionar em torno dele, ele a seguiu no êxtase.

****

Ela sentiu sua respiração em seu pescoço e sorriu. Sua pele tinha esfriado o suficiente para que ela percebesse que estava bastante frio no quarto. Ela começou a tremer levemente.

— Frio? — Ele perguntou contra sua pele.

Ela suspirou. — Na verdade não. Acho que a minha pele está apenas esfriando. — Ela riu.

Ele se apoiou para cima e sorriu para ela. — Nós podemos sempre aquecer novamente. — Ele se inclinou e beijou os seus lábios, fazendo com que sua pele fervesse novamente.

Ela nunca experimentou nada assim com ninguém. Claro, ela só tinha estado com alguns homens – ok, dois – antes de Marcus. Mas isso não a impediu de saber que isso era diferente. Especial.

Ela o beijou de volta com tudo o que tinha. Quando seus quadris começaram a se mover contra os dela, ela colocou suas pernas em volta dele e o segurou mais uma vez.

Olhando em seus olhos azuis, ela não pôde deixar de sentir tudo. Tanto que quase machucava. Fechando os olhos, ela tentou negar que ela estava começando a se importar com ele cada vez mais. Ela sempre foi cautelosa em ficar muito próxima.

Mas sua nova vida não levaria o mesmo destino que teve no passado. Não se ela trabalhasse e acreditasse que as coisas seriam diferentes.

A mão dele lentamente subiu sua perna, então, ele a moveu até que seu joelho estivesse perto do peito dele. Ela perdeu o fôlego com a sensação dele dentro dela, enchendo-a completamente.

— Goze para mim, — ele sussurrou ao lado de sua pele. — Não segure. — Enquanto ele a beijava, ela foi incapaz de lhe negar qualquer coisa.

13



Em algum momento durante a noite, ele deve ter coberto com seus lençóis. Ele sempre ficava com muito calor, mesmo no inverno. Chutando-os fora de suas pernas, ele se aconchegou para mais perto da Shelly, e sorriu quando enterrou o rosto no seu cabelo. Ela cheirava tão bem.

Ele definitivamente poderia se acostumar a tê-la em sua cama. Ela se moveu um pouco, enrolando suas pernas nas dele, e a suavidade sedosa delas, quase o despertou.

Ele amava as mulheres. Todos os diferentes tipos. Mas ele amava especialmente o tipo suave como seda. O tipo que cheirava e tinha gosto como de mel.

Ele adormeceu novamente, enquanto doces sonhos com os dois ocupavam sua cabeça.

Quando acordou, ele estava sozinho na cama. Imediatamente sentiu falta, mas, então, ouviu o seu chuveiro ligado e sorriu.

Quando ele puxou a cortina do chuveiro, ela ofegou e tentou se cobrir.

— Um pouco tarde para isso, não acha? — Ele riu e entrou atrás dela, estremecendo com o quão quente estava à água. Suas mãos foram para seus quadris, e a puxou para perto.

— Você me assustou, — disse ela, afastando seus cabelos de seus olhos.

Ele riu. — Desculpa. Acordou um pouco mais cedo hoje, não é? — Ele passou sua boca pelo seu pescoço, se divertindo.

Ela se inclinou um pouco, dando-lhe mais acesso a seu pescoço. — Humm. — Ela se recostou nele. — Hoje tenho que dirigir até a Cidade do Panamá para uma reunião com um fornecedor.

Ele passou as mãos lentamente pela frente dela. — Hmmm, — disse ele contra sua pele. — A que horas você precisa estar lá?

— Nove. — Ela suspirou, e se virou, e envolveu os braços ao redor de seus ombros. — Isso nos dá tempo suficiente para desfrutar deste banho. — Ela sorriu e o beijou.

— Bom. — Ele a empurrou contra a parede do chuveiro, e suas mãos percorreram cada centímetro dela. Quando ele deslizou para dentro dela, gemidos individuais de prazer encheram o banheiro.

Pele contra pele. A água escorria por ambos, enquanto tentavam manter o equilíbrio no chuveiro. Suas unhas cravavam os braços dele, enquanto ele se apoiava contra a parede, segurando ambos na posição vertical. Uma das pernas dela estava envolvida em torno de seus quadris, enquanto ele ficava cada vez mais fora de controle.

Finalmente, ele a sentiu apertar em torno dele, e ele se soltou alguns segundos depois.

— Eu não posso acreditar que nós não nos matamos. — Ela riu contra seu ombro.

— Talvez não estávamos tentando tão duro quanto nós deveríamos. — Ele se recostou e sorriu para ela. A água quente bateu direto nele, entre seus ombros. — Nós temos que fazer algo sobre esse calor. — Ele se abaixou e diminuiu a temperatura.

Ela lamentou. — Depois de três semanas tendo apenas água fria, eu realmente estava gostando disso. — Ela se moveu ao redor dele, e ficou no spray. — Eu comecei a me sentir como se estivesse fervendo. — Ela olhou para baixo. Ele notou que sua pele pálida parecia um pouco vermelha.

— Tome tantos banhos quentes quanto você quiser. — Ele sorriu e jogou um pouco de xampu em suas mãos para se ensaboar. Então, ele também passou as mãos ensaboadas por ela.

— Mmm, isso é tão bom. — Ela se inclinou em suas mãos. — Talvez eu nunca queira sair do seu chuveiro. — Ela riu.

Naquele momento, ouviram seu irmão chamando.

— Oi, estou de volta. Espero que todo mundo esteja decente, — Gritou Cole. Marcus riu quando Shelly engasgou e ficou tensa.

— Ele não vai entrar aqui. — Ele franziu a testa para ela e observou seu rosto ficar rosado.

— Eu... tenho que me preparar. Eu não quero chegar atrasada. — Ela se abaixou sob o spray para se enxaguar, e em seguida saiu.

Após o banho, ele se vestiu, e saiu para fazer o café da manhã. Ele sabia que Cole não esperaria muito tempo, e provavelmente comeria tudo da geladeira. Ele queria ter certeza de poder se sentar com Shelly, antes de começar o dia.

No momento em que ele acabou de fazer os ovos mexidos e torradas, ela saiu de seu quarto parecendo malditamente sexy em uma saia creme e uma blusa azul-petróleo. Seu cabelo estava empilhado em um coque, e vários fios de cabelos caiam em torno de seu rosto. Seus lábios pareciam muito convidativos pintados de cor-de-rosa.

— Você está muito bonita, — disse Cole, pouco antes dele enfiar alguns dos ovos em sua boca.

Ela sorriu. — Obrigada. — Ela se aproximou, e pegou a xícara de café que ele estava segurando para ela. Antes que ela pudesse pegá-la, ele se inclinou e a beijou firmemente nos lábios, só para ter certeza que seu irmão sabia onde eles estavam.

— Eu tenho um café da manhã para você antes de sair.

Ela franziu a testa, em seguida, tomou a xícara e se sentou na frente do prato que ele tinha servido.

— Droga, Marcus. Eu não sei como você faz isso, mas você faz os melhores ovos, — disse Cole com a boca meio cheia. — Aposto que você não sabia que ele também cozinha. — Cole sorriu para Shelly.

Marcus pensou ter visto a face de Shelly ficar um pouco vermelha, enquanto ela balançava a cabeça negativamente.

— Talentoso. — Ele balançou a cabeça. — Exceto quando se trata de surf. — Cole riu.

— Você não tem que estar em outro lugar? — Marcus advertiu.

— Hmm? — Cole olhou para ele. — Ah não. Não até mais tarde. — Ignorando seu irmão.

Marcus tinha certeza de que ele entendeu seu aviso, mas mesmo assim, ele prosseguiu, contando a história embaraçosa de como Marcus tinha quebrado o braço.

Quando Shelly terminou seu café da manhã, estava rindo tanto, que ele teve certeza de que sua reputação masculina estava manchada.

— Bem... — Ela se levantou com seu prato. — É melhor eu ir, se quero chegar a tempo na minha reunião. — Ela colocou o prato na pia, em seguida, se virou para ele. — Eu te vejo mais tarde esta noite. — Ela se aproximou e beijou sua bochecha. Sentia-se muito especial, até que ela fez o mesmo com o seu irmão, que imediatamente estufou o peito e piscou para ele.

Marcus franziu a testa enquanto a seguiu para fora.

— O que você acha de ir à Cassey para jantar? — Ele a puxou para parar, colocando a mão em seu ombro.

Ela sorriu e assentiu. — Soa maravilhoso. Eu não devo chegar tão tarde. — Ela entrou no carro e ele a viu se afastar.

Quando ele retornou para o apartamento, Cole estava sentado no sofá assistindo o noticiário.

— Pensando em ficar por aqui? — Perguntou sem olhar para ele.

— Se você não tem nada melhor para fazer hoje, coloque suas roupas de trabalho. Nós poderíamos ter sua ajuda na loja de Shelly. — Ele saiu da sala para pegar o resto de suas coisas.

Cole e Roman acabaram ajudando o dia todo. Foi bom ter duas mãos extras por toda parte. No momento em que seus homens o chamaram, ele tinha certeza de que era apenas para passar o cronograma do dia.

Quando voltaram para o apartamento, ele franziu a testa quando viu que o carro da Shelly não estava estacionado na frente. Tomado banho, ele trocou de roupa,

e se sentou com seus irmãos, para assistir alguns destaques do jogo de ontem à noite, enquanto esperava Shelly retornar.

****

Shelly estava atrasada. A reunião tinha sido excelente. Havia muitos itens para escolher neste fornecedor. Ela não podia esperar para ter sua loja preenchida com todas essas coisas maravilhosas.

Ela nunca esteve na Cidade do Panamá, e decidiu passar algum tempo olhando ao redor. Ela até dirigiu para a praia, uma vez que estava um dia bastante quente.

Era difícil de explicar, mas se sentia absolutamente maravilhosa, e queria aproveitar seu tempo, tanto quanto podia. Quando finalmente olhou para o relógio, ela percebeu que era um pouco mais tarde do que tinha planejado. Pegando seu telefone, mandou uma mensagem à Marcus, que ela iria encontrá-lo na Cassey, uma vez que tinha perdido a noção do tempo.

Ele respondeu de volta quase imediatamente.

Espero que seu dia e sua reunião tenham sido excelentes.

O máximo. A Cidade do Panamá é muito legal. A reunião foi maravilhosa. Te conto mais no jantar. Estou morrendo de fome.

Bom, vejo você lá. Eu senti sua falta hoje.

Ela sentiu seu coração vibrar quando começou a sair da cidade. Era tão bom, não ser questionada sobre cada pequeno detalhe, onde ela estava e o que ela estava fazendo. Não era como se ela tivesse tido uma coleira, mas parecia que tinha, pelo modo como ela cresceu.

A liberdade era algo que ela nunca tinha experimentado, e agora que tinha tido um gosto disso, ela planejava fazer tudo em seu alcance para mantê-la. A viagem de volta para Surf Breeze foi maravilhosa. Ela não podia acreditar em quantos cervos surgiam ao anoitecer, e comiam ao lado da estrada. Ela tinha perdido a conta nos vinte e três. Enquanto ela se dirigia para cidade, suspirou.

Ela nunca se sentiu realmente em casa em qualquer lugar antes. Mesmo estando aqui um pouco mais de um mês, ela realmente sentia que esta era a sua casa.

Parando no estacionamento, ela desejou desesperadamente que tivesse tempo para correr e ver tudo o que eles tinham realizado durante o dia, mas sabia que Marcus estaria esperando por ela.

Ela não podia deixar de sorrir quando entrou no bar Boardwalk and Grill e viu Marcus cercado por sua família, parecendo feliz, enquanto o grupo inteiro ria de algo que ele tinha dito. Quando seus olhos se concentraram nela, ele encolheu os ombros, e se levantou, caminhando ao seu encontro.

— Desculpe. — Ele acenou para sua família. — Eles não entenderam a dica que não foram convidados.

Ela sorriu. — Está tudo bem, eu gosto da companhia. — Ela o abraçou, e o beijou na frente de todos. Ela imaginou ter ouvido gritos, que foram cortados bruscamente. Quando ela olhou, Roman estava esfregando seu estômago, e Cassey, que estava sentada ao seu lado, estava franzindo a testa para ele.

— Podem ser intrometidos, mas eles têm boas intenções, — Marcus sussurrou, antes de se aproximarem e se juntarem ao grupo.

Ela nunca tinha tido o prazer de ter refeições familiares. Sem grandes reuniões festivas com tias ou tios e primos. Ela nunca vivenciou nada parecido com o que estava passando com a família dele, pela segunda vez em pouco menos de um mês.

Ela riu e brincou com eles, desta vez se sentindo um pouco mais confortável do que na primeira vez. Marcus tinha sugerido o “Red Snapper Po Boy”[8], que acabou sendo o melhor sanduíche que já tinha comido. Ela aceitou a sugestão da Cassey de um drink, Frozen[9] de abacaxi, uma das especialidades do bar. Tão deliciosa quanto bonita.

No momento em que Marcus puxou sua mão para levá-la a mover-se da sua cadeira, sua cabeça estava um pouco dormente pela bebida. Ela se sentia maravilhosa.

— Eu estou indo mostrar a Shelly o que conseguimos fazer hoje. Tenho certeza de que ela está morrendo para ver tudo.

---

[8] Sanduíche de peixe.

[9] Bebida com gelo

Ela assentiu com a cabeça. — É tão maravilhoso ver isso se concretizar. — Ela suspirou, enquanto todos sorriram para eles. — Boa noite a todos.

— Você ficará feliz e surpresa com o quanto foi feito hoje. Roman e Cole deram uma mão.

— Oh? — Ela entrelaçou o braço no dele, enquanto caminhavam pelo calçadão. A praia estava muito escura para ela ver a água, mas ainda podia ouvir as ondas levemente batendo na areia. Até mesmo aquele som a fazia pensar na sua casa.

— Eu mencionei que dei uma oferta na casa em Sugar Sand Lane?

— E? — Ela se virou na direção dele.

— Ainda não obtive o retorno deles. Aparentemente, os proprietários estão fora do País. Essa é uma das razões pelas quais a casa necessita de reparos.

— Bem, eu sei que você vai consegui-la. Só não comece a trabalhar nela, até que o meu lugar esteja terminado. — Ela sorriu.

Ele riu. — Não. Eu vou estar trabalhando nisso no meu próprio tempo.

— Oh? Eu pensei que você fosse reformá-la e vendê-la?

Ele balançou a cabeça e a fez parar em frente à sua porta. — Não, está é pessoal. Eu estou ficando cansado de compartilhar a casa com os meus irmãos. Além disso, eu preciso de um espaço para ficar, e para desfrutar.

Ela sorriu para ele, sabendo exatamente o que ele queria dizer. Mesmo que ela não tivesse fugindo de irmãos, ela ao se mudar para cá, estava fugindo da sua família.

— Neste momento. — Ele pegou seus ombros e a virou para as portas. — Feche os olhos. — Ela fez o que ele pediu, e confiou nele para guiá-la para dentro, sem colidi-la em nada.

— Tudo bem, — ele disse, colocando-a na posição. — Abra.

Quando o fez, ela ofegou. Ela tinha um espaço de trabalho. Não só isso, mas sua mesa de trabalho estava pronta.

— Ainda precisa ser lixada e pintada, — disse ele por trás dela em algum lugar.

Ela assentiu, enquanto olhava tudo. Os pequenos cubículos, a área lisa que ela usaria para esboçar ou planejar seu tecido. Tudo era perfeito.

— É maravilhoso. Perfeito. — Ela se virou para ele, com um sorriso enorme no rosto. E viu a preocupação em seus olhos desaparecerem depois de ouvir suas

palavras. Então, ela envolveu os braços ao redor de seus ombros, e o beijou firmemente.

Ela desfrutou dele por um momento e depois se afastou. — Eu quero ver melhor. — Ela riu, sabendo que poderia se perder nele se não se afastasse agora.

Ela passou os dedos sobre a madeira lisa. Poderia dar uma boa lixada e pintura, algo que ela estava ansiosa para fazer por si mesma. Ela gostou da altura da mesa. Havia ainda nichos no tamanho certo para armazenar tecidos enrolados e os menores para canetas ou tesouras. Realmente estava perfeito.

— Eu não posso acreditar que você terminou isso em um dia. — Ela se virou para ele.

Ele estava olhando para ela, sorrindo. — Eu não teria sido capaz, se não fosse pela ajuda dos meus irmãos.

Ela assentiu. — Então eu os devo uma. — Ela se virou para ele.

— Você não quer ver o que os homens realizaram lá em cima?

Ela se virou rapidamente e assentiu. — Estou morrendo de vontade.

Ele pegou sua mão e subiram as escadas. — Eles têm o armário concluído e pronto para a pintura. Seu banheiro... — Ele balançou a cabeça. — Eles enfrentaram alguns problemas no encanamento, mas me disseram que tudo vai ser corrigido até sexta-feira. O cara teve alguns problemas para instalar seu aquecedor de água, segundo me informou.

Ele ficou para trás e abriu a porta. As paredes aqui foram preparadas, e prontas para a pintura também. O quarto era enorme, apesar de terem adicionado duas novas paredes dividindo o espaço na parte de trás para um quarto. Sua área de cozinha parecia melhor. Ela podia ver grandes caixas, e quando se aproximou, ele a seguiu.

— Seus armários chegaram hoje. Quer dar uma olhada?

Ela assentiu e começou a puxar a caixa. Ele riu. — Espera me deixa. — Ela ficou para trás, enquanto ele puxou um canivete e abriu a parte superior de uma das caixas.

Ela o ajudou a abrir o papelão, e sorriu, quando viu os ricos armários franceses de cor creme. — Oh, eu não posso esperar para vê-los no lugar.

— Nós começaremos a pendurá-los nos próximos dias, depois que o eletricista terminar a fiação e a parede de drywall estiver acabada. — Ele acenou para a confusão de fios pendurados fora das paredes. — Além disso, o encanamento. Uma vez que tudo esteja pronto, estes entrarão, e podemos começar a pintar e trabalhar no piso.

— Está tudo acontecendo tão rápido. — Ela sorriu. — Eu não posso agradecer o suficiente.

Ele riu. — Quanto mais demorarmos, mais dinheiro lhe custará. O andar de baixo deve estar cem por cento pronto no próximo mês. — Ele franziu a testa. — Aqui em cima, pouco depois.

Ela percebeu que ele ficou triste. Ela curtiu a noite passada e, se tivesse que ser sincera consigo mesma, esperava que no futuro, eles teriam mais noites como aquela.

Ela caminhou até ele. — Vai ser bom tomar banho sem se preocupar se o seu irmão está entre nós. — Ela o viu sorrir.

— Eu... — Ele balançou a cabeça. — Tem certeza de que você não vai se importar que eu fique por aqui?

Ela assentiu com a cabeça. — Eu meio que gosto de ter você por perto.

— Bom. — Ele baixou a cabeça e a beijou, e ela desejou que o lugar estivesse pronto e que tivesse uma cama grande para ficarem juntos.

14



Levou dois dias para finalmente ouvir uma contraproposta da casa em Sugar Sand Lane, que ele imediatamente aceitou.

Shelly passara esses dois dias lixando e pintando sua nova área de trabalho. Também tinha algumas vitrines antigas, que ela tinha feito parecer como nova com uma camada de tinta. Ele ficou feliz em vê-la tomar tal cuidado, enquanto trabalhava.

Quando ele saiu do telefone com Susan, imediatamente desceu as escadas para contar a boa notícia a Shelly, mas ela estava no telefone e parecia que estava chorando. Fechando a nova porta para a área de seu escritório atrás dele, esperou ela desligar o telefone.

— Problema? — Perguntou, fazendo com que ela sobressaltasse. Ele achou que ela o tinha ouvido entrar, mas percebeu que tinha estado absorta demais na conversa no telefone para ouvir.

— Oh... — Ela se virou e olhou para a tinta em suas mãos. — Não, as mesmas coisas de sempre. — Ela suspirou.

— Seus pais? — Ele se aproximou dela, enquanto ela assentia. — Eles ainda esperam que você volte para casa?

Ela assentiu novamente. — É como se eu estivesse falando com uma parede de tijolos. — Ela se sentou rapidamente em sua cadeira de trabalho. — Eles simplesmente não acreditam que eu estou aqui para ficar.

— Você está, — disse ele, e estremeceu, por ter parecido mais como uma pergunta. Ela olhou para ele, e assentiu.

— Claro que sim. Estou em casa. — Ela fechou os olhos, e suspirou novamente. — Pela primeira vez na minha vida, eu sinto que estou onde eu deveria estar. — Ela o olhou, e ele pode ver o cansaço e a determinação em seus olhos.

Ele se aproximou, e se ajoelhou na frente dela. — Eles virão, mais cedo ou mais tarde. Basta ser forte. — Ele pegou sua mão na dele, notando os respingos de tinta nos dedos.

— Eu duvido, mas... — Ela tentou sorrir. — Espero que sim.

Ele se levantou e a puxou para ele. — Isso parece promissor. — Ele acenou com a cabeça para sua área de trabalho. — Eu tenho que admitir, eu tinha minhas dúvidas quando você me disse que iria pintá-la, em vez de envernizá-la, mas está maravilhosa.

Ela assentiu. — A cor creme combina com os armários que irão lá. — Ela acenou para cima. Os dois armários a serem pendurados, ainda estavam nas caixas encostados da parede exterior. Ele tinha planos de pendurá-los no dia seguinte.

— Vamos começar a pintar as paredes internas em alguns dias. — Ele sorriu para ela.

— Eu não posso esperar para ver tudo terminado. Eu tenho a minha primeira remessa de produtos vindo em menos de duas semanas. — Ela suspirou. — Duas semanas. — Ele viu a preocupação cruzar seus olhos. Então, ele se lembrou porque estava ali.

— É oficial. Eu comprei a casa em Sugar Sand Lane.

Ela se virou para ele, com os olhos arregalados. — Eles aceitaram sua oferta?

Ele riu e balançou a cabeça. — Aceitei sua contraproposta.

Ela se lançou para ele, e ele a girou, enquanto ela ria e o parabenizava.

— Isso exige uma celebração. Que tal se eu te levar para sair hoje à noite? — Disse ela. Ele estava feliz em ver a tristeza deixar seus olhos.

Ele riu. — Ok, ou poderíamos pedir uma pizza e ficar sozinhos. — Ele apertou os braços em volta dela. — Roman ficará esta noite na casa de papai, e Cole partiu novamente nesta manhã, para o Havaí. Temos a casa toda para nós.

Ela sorriu. — Parece um bom plano.

Quando ela o beijou, ele não pode impedir seu coração de pular. Será sempre assim com ela? Ele desesperadamente queria assim.

Com o passar do tempo, eles estavam mais perto de terminar o seu lugar, ela estava muito ocupada. Ele tentou ajudá-la com uma parte dos papéis que ela tinha amontoado, mas apenas acabou ficando em seu caminho.

— O que você precisa é de um empregado, — ele disse uma noite, enquanto ela estava na frente de seu computador, estressada com seus pedidos.

— Eu não posso pagar um, até que esteja mais perto de abrir minhas portas. — Ela suspirou. — Na verdade, eu tinha planejado contratar algumas pessoas.

— É melhor começar a olhar agora. Você tem menos de duas semanas, antes de termos terminado.

— O quê? Isso não pode estar certo. — Ela pegou o telefone e franziu a testa para a tela. — É dia quinze. Como já pode ser quinze.

Ele caminhou até ela. — Falando em esquecer as coisas. Eu queria convidá-la para jantar com minha família. Você sabe, em Spring Haven. Meu pai e Julie estão perguntando sobre você. Eles querem uma oportunidade de vê-la novamente. — Ele tinha pensado em perguntar dias atrás, mas toda vez que abria a boca, se sentiu nervoso. Ele nunca convidou uma mulher para sua casa para um jantar oficial com sua família antes.

— Eu... — Ela assentiu lentamente e fechou a boca para engolir. — Eu adoraria jantar com você e sua família.

Então, sua mente clareou. — O telefonema... você não mudou de ideia, não é? — Ele franziu a testa.

— O quê? — Ela olhou para ele.

— Eu sei que sua família deve sentir muito a sua falta. Espero que não tenha mudado de ideia sobre voltar.

Ela balançou a cabeça e, em seguida, começou a rir. — Oh, se ao menos fosse esse o problema. Eu duvido que meus pais sintam minha falta na mansão. — Ele balançou a cabeça, sem saber o que dizer. Ela baixou os braços e deu alguns passos para longe dele. — Não, eles não podem me convencer a voltar com apenas um

telefonema. — Ele sentiu a dor em sua voz. Ela começou a esfregar a testa, então ele se aproximou e começou a massagear seus ombros levemente. — O que minha mãe quer, é que eu volte pra *casa,* para eu comparecer na minha festa de noivado no próximo fim de semana. — Ela riu.

— Você está tendo uma festa de noivado no próximo fim de semana? — Suas mãos caíram para os lados.

Ela riu de novo e fechou os olhos. — Nãão, minha mãe está tendo uma festa de noivado para mim na próxima semana. Eu oficialmente rompi meu noivado no mês passado.

Ele sentiu o sangue correr de volta para o seu corpo com alivio.

Ela se afastou dele, e caminhou até a pequena janela que dava para o beco. Ele poderia dizer que ela não estava realmente vendo nada, mas estava compenetrada em seus próprios pensamentos. Ele caminhou atrás dela novamente e passou os braços em volta dela.

— Sinto muito, — ele sussurrou em seu cabelo e deu um beijo suave no topo de sua cabeça.

Ela balançou a cabeça. — Você e sua família têm sido tão maravilhosos. — Ela se virou em seus braços. — Você tem sido tão incrível. Você não tem nada que se desculpar. — Ela sorriu para ele.

Ele não sabia o que dizer. Naquele momento, nenhuma observação perspicaz veio a ele. Ele engoliu em seco e sentiu o nó em sua garganta crescer. Fechando os olhos, descansou sua testa na dela.

— Leve-me para casa para que eu possa ter uma pizza e cerveja gelada, vamos comemorar a compra da sua casa. — Ela se afastou, e ele notou um leve sorriso nos seus lábios. Inclinando-se, os beijou, e assentiu.

****

Os próximos dias foram preenchidos com trabalho. Cada músculo em seu corpo doía, enquanto ela ajudava Marcus e seus homens completar os últimos retoques na área da loja. Ela ajudou com a pintura, embora o homem que veio com

uma máquina de pulverização fez a maior parte do trabalho, e tudo o que foi necessário fazer à mão foi retocar as guarnições.

Levou um dia inteiro para pendurar o letreiro acima das portas exteriores, e naquela noite, *Shelly´s* estava iluminada com um neon azul esverdeado para todo mundo ver, com *Boutique* em branco, debaixo dela.

O piso foi entregue, e estava programado para ser instalado na manhã seguinte, que foi bem a tempo, porque ela tinha caixas de produto chegando logo cedo. Ela as guardara no quarto dos fundos, ainda fechadas, mas estava ansiosa para abri-las e olhar tudo.

Wendy tinha vindo em seu dia de folga, e ajudou tanto quanto podia. Foi bom ter outra mulher ao redor.

— Eu mal posso esperar para fazer compras aqui, — disse Wendy, sentada sobre seus calcanhares. Ambas estavam ajoelhadas na sala dos fundos, tentando terminar a pintura dos rodapés, rodeadas de todas as caixas que haviam sido entregues. — Você tem certeza de que não podemos abrir apenas uma caixa? — Wendy deu o maior sorriso.

Shelly riu. — Talvez depois de terminarmos e limparmos.

— Woohoo! — Wendy ficou muito mais motivada depois disso, e o resto da pintura foi feita muito rapidamente.

No final, elas abriram todas as caixas e olharam tudo. Ela ainda podia ouvir os homens se movendo em seu apartamento, e sabia que naquela noite, Marcus lhe daria uma carona para casa, uma vez que naquela manhã tinham vindo juntos.

— Então, — Wendy disse, enquanto segurava um vestido na sua frente. — Você e Marcus?

Shelly sorriu. — Sim. — Ela acenou com a cabeça. — Apenas meio que veio para cima de mim.

— Como assim? — Perguntou Wendy, largando o vestido e pegando outro.

— Ele fez. — Shelly balançou a cabeça e riu um pouco.

— Oh, por favor, você teria que ser cega ou morta, para não apreciar um homem Grayton. Todos são lindos. — Wendy suspirou. — Claro um deles eu só quero matar. — Ela riu.

— Então, o que há entre você e Cole? — Shelly perguntou depois que o riso morreu.

Wendy colocou o vestido, e olhou para ela com os lábios levemente franzidos. — O homem me enfurece. Isto é, veja quão imprudente ele é com a sua vida. — Ela colocou as mãos nos quadris. — Sem mencionar todas as mulheres com que ele desfila. É como se ele não tivesse respeito por seus sentimentos. Será que ele sabe que é um mulherengo? — Ela balançou a cabeça, e Shelly podia ver a raiva crescendo. Imediatamente ela tentou mudar de assunto. Olhando em volta, viu sua chance.

— Aqui, esta caixa ao lado... — Ela abriu a caixa maior. — Sapatos. — Isso funcionou. Wendy correu e, durante os vinte minutos seguintes, elas provaram cada par.

Quando Marcus chegou, eles decidiram jantar no bar e grill. Era mais fácil do que tentar cozinhar para todos os quatro, especialmente porque Cassey e Luke poderiam participar. Era um hábito que ela estava começando realmente a gostar. Como era noite de folga de Wendy, ela se juntou a eles na grande cabine perto da parte de trás.

Shelly notou que Cole manipulou para se sentar ao lado Wendy. No final do jantar, ela percebeu que Cole na verdade gostava de irritar Wendy. Ele propositadamente dizia coisas que todos na mesa sabiam que provocariam a Wendy. Ela até viu Marcus e Roman trocando olhares várias vezes.

Na verdade, era muito divertido ver a cena. Mesmo que ela pudesse ver a Wendy ficando frustrada, ela também podia perceber que era um jogo que os dois estavam jogando há algum tempo.

Depois que todos seguiram caminhos separados, Marcus pegou sua mão, e eles caminharam ao longo do calçadão por um tempo. Quando ele parou fora de sua loja, ele se recostou no corrimão, e apenas olhou para o prédio. Ela não conseguia se conter, sentiu seu coração disparar apenas pensando no dia de abertura.

— Parece maravilhosa, não é? — Ela suspirou e se recostou contra o seu ombro.

Ele assentiu e olhou para ela. — Nós vamos terminar na próxima semana. Quando é a abertura?

Ela franziu a testa, tentando calcular. — Eu vou ter que configurar o computador e dar entrada em todo o estoque. Sem mencionar marcar tudo e... — Ela parou. Havia muito para listar. Fechando os olhos, ela suspirou. — Eu provavelmente vou precisar de um mês para ficar pronta.

Ele riu. — Contrate um par de funcionários. Vai levar a metade do tempo.

Ela olhou para ele. Ele estava certo. Era hora dela contratar alguma ajuda. — Eu vou colocar um aviso na janela na primeira hora de amanhã.

Ele assentiu. — O piso deve estar pronto em dois dias.

— Rápido assim? — Ela se virou e colocou seus braços ao redor dele, e adorou a sensação dele puxando-a para mais perto.

Ele assentiu. — Phillip e sua gangue são bons e rápidos. Eles podem até tê-los feito mais cedo.

Ela sorriu. — Eu não sei o que teria feito sem você. — Ela se inclinou e deu um beijo em seus lábios.

— Eu penso a mesma coisa. — Ele segurou seu rosto, e aprofundou o beijo. No momento que ele se afastou, ela estava um pouco ofegante, e estava desejando que seu apartamento no andar de cima estivesse pronto.

Só então seu telefone tocou, e ela riu nervosamente enquanto o tirava do seu bolso. Quando viu o número da sua mãe no visor, seu coração parou. Afastando-se do Marcus, ela respondeu.

— Olá, mãe.

— Shelly, eu espero que você esteja feliz. Isto é realmente muita infantilidade sua, você sabe. Depois de tudo o que seu pai e eu fizemos por você. — Ela ouviu o suspiro de sua mãe. — Sem mencionar como você deixou o pobre Tyler. E pensar que sua família ainda está disposta a perdoá-la. Nós mudamos sua festa para o próximo mês. Você tem uma semana para voltar aqui, e pedir suas desculpas para nós e para os Daltons. Sem mencionar a todos os seus amigos.

Shelly começou a esfregar a testa. — Eu já lhe disse, mãe, eu não vou voltar. Eu tenho uma nova vida aqui-

— Você tem uma vida aqui, — sua mãe cortou.

— Eu deixei de viver aí. Eu não estou mais vinculada a nada em DC.

— Sério? — Sua mãe parecia ferida. Shelly conhecia o jogo dela, e ela entrou na jogada seguinte cegamente. — Eu suponho que você não está mais ligada a seu pai e a mim? Bem, realmente!

— Não foi isso que eu quis dizer, mãe, e você sabe disso. Eu quis dizer... — Ela suspirou, enquanto os braços de Marcus a rodearam.

— Uma coisa foi abandonar a faculdade antes do término, mas outra coisa totalmente diferente foi ter deixado Tyler no altar.

— Eu não o deixei no altar. Não havia nenhuma data oficial definida para o casamento. — Ela se inclinou para trás, quando Marcus começou a esfregar a tensão dos seus ombros.

— Essa data deveria ser definida em sua festa de noivado, que deveria estar acontecendo esta noite. — Ela podia ouvir a tensão na voz de sua mãe. — Eu não vou deixar você insultar nossa família, da posição do seu pai. Você tem uma semana para voltar aqui, ou nós vamos aí e arrastaremos você para casa nós mesmos.

Quando seu telefone sinalizou que sua mãe tinha desligado, ela suspirou e fechou os olhos e se recostou contra o ombro de Marcus.

— O que posso fazer por você? — Ele sussurrou em seu cabelo.

Virando-se sem dizer uma palavra, ela puxou sua mão até que ele a seguiu pelas as escadas. Quando ela chegou ao patamar, ela o empurrou contra a porta e fundiu sua boca na dele.

15



Marcus sentiu a tensão vibrando através dela. Quando sua boca se moveu sobre a dele, ele a alcançou. Cada osso de seu corpo gritava para estar nu com ela.

— Mais... — ela exigiu, enquanto ela se atrapalhou atrás dele, tentando colocar a chave na porta, então a porta se abriu batendo na parede.

Ele girou, e a fechou com o pé. Em seguida, ela estava contra a parede, enquanto suas mãos corriam sobre ela.

Ela arrancou a camisa de seus ombros, arrancando alguns botões ao longo do caminho. A boca dela estava em sua pele, enquanto suas mãos seguravam seu cabelo.

— Meu Deus, — ele sussurrou, quando boca dela o percorreu. Quando suas mãos foram para sua calça jeans, ele percebeu que tinha que assumir o controle ou ele viria muito rapidamente.

Juntando as mãos dela acima da sua cabeça, ele a segurou contra a parede e olhou para ela. Ela era tão linda. Ele podia ver a raiva e mágoa em seus olhos cor de avelã, mas era o desejo que ele viu, querendo-o.

Ele baixou a cabeça e tomou sua boca novamente. Seus lábios lhe falavam muita coisa. Ela estava usando o desejo para mascarar a dor, e ele queria ajudá-la a superar a mágoa que sua família causara.

Com as mãos ainda presas acima dela, ele as segurou em uma de suas mãos, para que a outra pudesse descer ao longo do seu corpo. Sua blusa era fácil de

abrir. Ele notou por baixo a parte superior do top. Usando os joelhos, ele abriu amplamente suas pernas e ficou entre elas, se esfregando contra o jeans dela.

— É isso que você quer? — Ele a segurou e beliscou seu mamilo até ficar pontiagudo. Então, ele puxou sua blusa para cima, e sentiu sua pele contra a dele.

Ela assentiu com a cabeça e seus olhos se fecharam, enquanto sua cabeça caiu contra a parede. — Mais rápido, — ela gemeu. — Marcus, eu quero... — Ela gemeu quando ele abaixou a cabeça e tomou o mamilo ereto em sua boca.

Usando os dentes, ele a agradou até que a sentiu se contorcer. Liberando suas mãos, ele puxou sua calça jeans para baixo, e a virou para que suas mãos se apoiassem contra a parede.

— Sim! — Ela gritou, quando os dedos dele mergulharam rapidamente no seu calor. Ela jogou a cabeça para trás enquanto ele a segurou e a observou arquear as costas para lhe dar melhor acesso.

Ela parecia muito bem. Seu cabelo estava sobre os ombros e costas enquanto ela gemia para ele. Sua fenda foi sua ruína. Puxando a calcinha para baixo, ele se esfregou e, então, em um movimento rápido se incorporou dentro dela.

Seu grito de alegria encheu a sala vazia, quando ele a empurrou contra a parede com os quadris. Seus dedos chegaram ao redor e pegaram seu mamilo ereto os apertando levemente, até que a sentiu convulsionar em torno dele.

— Mais. — Desta vez foi ele que exigia.

Ele podia sentir seu corpo relaxado, então ele a virou, e avançou até que ela estava presa entre ele e a parede. Puxando as pernas para cima e ao seu redor, ele a segurou contra a parede, enquanto continuava a bombear dentro dela.

Ele observou seus olhos aquecerem mais uma vez. Suas pernas e braços lentamente o envolveram, segurando-se enquanto ele bombeava mais rápido dentro dela. Ele se inclinou tomando sua boca e, desta vez, quando a sentiu convulsionar, ele se juntou a ela.

Os músculos em seus braços gritaram, enquanto ele tentou impedi-los de deslizar pela parede. Sua respiração era difícil e um leve brilho de suor escorria por suas costas.

— Desculpe, — ele murmurou em seu cabelo.

Ela riu. Não apenas uma pequena risada, mas uma gargalhada autêntica. Ao se afastar dela, percebeu que havia lágrimas em seus olhos.

— Oh Deus! Eu machuquei você? — Ele se aproximou dela, segurando-a delicadamente. — Sinto muito, — disse ele novamente.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro. — Não. — Ela sorriu ligeiramente para ele. — Foi maravilhoso. Você foi maravilhoso. — Ela passou o dedo pelo queixo. — Mesmo. É só... — Ela enxugou uma lágrima de seu rosto. — A ligação. — Ela fechou os olhos. — Tudo. — Ela riu novamente, enquanto endireitava suas roupas. — Eu precisava disso. Eu precisava de você. — Ela olhou para ele, e ele sabia exatamente o que ela queria dizer.

— Eu não consigo parar de precisar de você. — Ele a puxou para mais perto e passou a mão em seus cabelos. — Eu não acho que quero saber como é não precisar de você. — Ele a beijou suavemente. Ele desejou desesperadamente que houvesse uma cama por perto, para que ele pudesse lhe mostrar exatamente como ele se sentia. — Vamos para casa. Eu quero você novamente, mas desta vez em uma cama macia, para que eu possa fazer amor com você lentamente.

— Oh, Deus! — Sua respiração engatou e ele observou seus olhos aquecerem. — Eu quero você também.

Ele pegou sua mão, e caminharam de volta para sua caminhonete.

— Sinto muito por seus pais, — disse ele, entrando, e começando a sair do estacionamento.

— Está tudo bem. Realmente. — Ela manteve os olhos colados para fora da janela.

— Você pode falar comigo sobre isso, sabe.

Ela assentiu, e ele esperou.

— É sempre a mesma velha história. Toda a minha vida foi como se eu não tivesse uma voz. — Ela suspirou. — Eu disse a eles que queria ir para a faculdade de design, mas eles me mandaram para a faculdade de medicina. — Ela fechou os olhos, e ele sentiu sua dor do outro lado da caminhonete. Ele não podia imaginar o que sua vida teria sido, se alguém lhe tivesse dito que não poderia construir ou consertar as coisas.

— Mas você foi para a faculdade de design. Você está aqui agora. — Ele estendeu a mão pegando a mão dela.

— Assisti algumas aulas de design sem eles saberem. Até mesmo assisti algumas aulas de negócio durante a noite. — Ela olhou para ele. — Eu sei o que está por vir, e não posso pedir que você fique por perto.

— Eu não vou a lugar nenhum. — Ele sorriu para ela e, pela primeira vez, desde que ela respondeu seu telefone, ele viu seu sorriso alcançar seus olhos.

— Você diz isso agora, mas espere até eles chegarem aqui.

Ele riu e apertou a mão dela. — Eu lidei com piores.

Ela balançou a cabeça e olhou pela janela novamente. — Confie em mim, você nunca fez.

****

Durante a próxima semana ela se manteve ocupada. Ela ainda contratou duas funcionárias de meio período. Marlene tinha quarenta e poucos anos e um currículo muito impressionante. Ela tinha dois filhos pequenos, e poderia trabalhar durante o dia. Laura estava em seus vinte e poucos anos, teve dois empregos anteriores ao longo do calçadão, e poderia trabalhar a qualquer hora.

O piso foi feito em menos de dois dias. Suas novas prateleiras e vitrines foram entregues no dia seguinte. Marlene estava lá durante os dias para ajudá-la a organizar e etiquetar tudo. A senhora estava rapidamente se tornando inestimável para o negócio. Não só ela tinha um maravilhoso senso de estilo, mas ela tinha um ótimo olho para colocar tudo onde ficaria melhor.

Elas decidiram colocar todos os sapatos do lado direito, e passaram metade de um dia pendurado nas prateleiras e configurando a área de exibição. Levaram a outra metade do dia para etiquetar e expor elas mesmas os sapatos.

Wendy e Cassey até vieram para ajudá-la a desempacotar, embora Shelly acreditava que as duas tinham outros motivos, quando cada uma delas comprou um saco cheio de itens.

No quarto dia, o lugar estava realmente começando a parecer com uma boutique. Elas haviam pendurado as faixas e cartazes de seus fornecedores nas paredes cor creme, o que fez o lugar parecer agradável e acolhedor.

Ela treinou as duas moças, no sistema de ponto-de-venda. Laura era uma entusiasta, e gostou de inserir tudo.

Enquanto Shelly e Marlene preparavam os itens, Laura digitalizava e inseria os artigos. Era um sistema muito eficiente e acabou cortando o tempo de preparação ao meio.

Suas noites foram preenchidas com a família de Marcus, e algumas apenas com ele. Ele lhe mostrou a redondeza, levando-a para praias isoladas ou jantares em restaurantes maravilhosos escondidos. Ela adorava experimentar coisas novas com ele ao seu lado.

No fim de semana seguinte, eles foram a Spring Haven, e ela gostou de jantar com toda sua família. Após o jantar, eles caminharam para o lago atrás da casa grande. Era o local mais romântico que já tinha visto. Havia um pequeno mirante construído direto sobre a água com grandes bancos de jardim.

— Eu fiz isso para Julie para que ela pudesse ler sobre a água, — disse ele, puxando-a para mais perto.

— Você? — Ela olhou para a maravilhosa construção. Dava a impressão de que você estava flutuando sobre a água. Era tão tranquilo e romântico, que ela poderia imaginar passar horas sozinha desfrutando. Havia ainda almofadas macias nos bancos longos. — Você construiu isso?

Ele assentiu e sorriu para ela.

— É maravilhoso. Toda a sua família é maravilhosa. — Ela suspirou, e tentou não pensar no fato de que hoje era o prazo que sua mãe tinha estabelecido para ela voltar para casa.

Ele segurou seu rosto, e deve ter visto a preocupação em seus olhos. — Não pense nisso, sobre eles. Pense só em nós, aqui. Agora.

Então, ele baixou sua cabeça e tomou seus lábios em um beijo que fez tudo girar em um nevoeiro.

— Eu sei que isso pode parecer loucura. — Soltando um suspiro profundo, se inclinou para trás, e olhou para ela nos olhos. — Mas estou perdidamente apaixonado por você.

Ela se acalmou e sentiu seu coração saltar no peito. Balançando a cabeça de um lado para o outro, fechou os olhos. — Você... você não pode estar.

Ele riu e segurou seu rosto novamente. — Não é o fim do mundo. — Ele sorriu.

Ela sentiu as lágrimas se formando em seus olhos. — Eu... eu não... eu não posso...

Ele a deteve. — Você não tem que dizer ou fazer nada. — Ele beijou seus lábios lentamente, tirando sua ansiedade. — Só sei que eu estou, e vou aproveitar cada minuto que posso com você. — Ele se afastou novamente e olhou para ela.

Tudo o que ela pode fazer foi acenar com a cabeça. Eles voltaram para a casa, com ele segurando a mão dela. Ela se sentia tão idiota. Ela tinha fortes sentimentos por ele, mas amor? Ela nunca tinha experimentado essa emoção antes. Com ninguém. Como era se sentir estar apaixonada por alguém?

Ela ficou sentada em silêncio, enquanto voltavam para o apartamento dele.

— Nós vamos terminar com o seu lugar em menos de uma semana. — Ele sorriu para ela. Ela tinha que admitir, ele aceitou o choque da sua confissão muito bem. Ele até brincou com seus irmãos e pai, quando eles se despediram. — Eu tenho certeza que você vai gostar de ter um lugar só para si novamente. Sabe, sem meus irmãos sempre por perto.

Ela assentiu. Seria bom ter suas próprias coisas. Para ter um pouco de privacidade novamente. Mas ela também sentiria falta de se aconchegar a Marcus todas as noites. Ou acordar com ele segurando-a, tocando-a. Ela até gostava de ter os seus irmãos ao redor. Ela sempre quis irmãos, e estava começando a sentir que sua família era dela. Ela sabia que sentiria falta disso quando se mudasse.

Ela fechou os olhos com um suspiro. — Você ainda virá, não é? — Ela olhou para ele.

Ele riu. — Apenas tente me manter longe. — Seus olhos brilhavam e, naquele momento, ela sabia que tudo entre eles estava bem.

Quando chegaram ao apartamento, ela ficou chocada ao ver uma grande limusine branca estacionada na frente. Seu coração falhou pela segunda vez naquela noite. Desta vez, ela duvidava que jamais voltaria a um ritmo normal.

Ela assistiu com horror quando sua mãe saiu da parte de trás, vestindo seu habitual “tailleur”[10] creme, e parecendo muito impaciente.

[10] Terninho.

16



— O que você quis dizer quando desligou? — Shelly estava em pé na sala de estar de Marcus com os braços cruzados sobre o peito.

Sua mãe estava junto à porta. Olhando rapidamente ao redor, ainda sem reconhecer a presença de Marcus, mesmo depois de Shelly ter feito as apresentações. Ele ficou com a mão no ar, pronto para apertar a mão de sua mãe, mas a mulher o ignorou completamente. Então, bruscamente ela informou que estava deserdando a Shelly. Ele enfiou as mãos nos bolsos e ficou para trás para ver o show. Seu dinheiro era o argumento para convencer a Shelly.

— Bem, querida, como você acha que é importante continuar com este seu pequeno jogo, seu pai e eu decidimos cortá-la financeiramente.

Shelly riu. Ele sorriu, então, começou a se preocupar quando ela continuou a gargalhar. Ele caminhou até ela e passou um braço em volta da sua cintura.

— Essa é boa, — ela disse enquanto seu riso morria. — Levou dois anos e quatro meses para perceber que eu parei de usar um centavo do seu dinheiro e do papai. — Shelly cruzou os braços sobre o peito e olhou para a mãe. — Eu tenho sido autossuficiente por todo esse tempo.

Ele observou o queixo da sua mãe cair, mas ela se recuperou rapidamente. — Então, você não terá nenhum problema se fecharmos seu fundo fiduciário?

— Esteja à vontade, tenha tudo de volta, — disse ela. Ele podia sentir seu corpo vibrando com raiva. Ele deixou cair os braços e deu um passo para trás, não querendo ficar chamuscado na explosão que ele sabia que viria.

— Muito bem, você nos deixa sem escolha. Em primeiro lugar, você se mudou para cá, sem nós sabermos, então tivemos que rastreá-la. — Sua mãe olhou em volta rapidamente, em seguida, para suas unhas bem cuidadas. — Estamos oficializando publicamente o seu noivado com Tyler Dalton. Agora, não só seus amigos e familiares vão saber sobre ele. Seu pai vai anunciá-lo esta noite, durante o seu discurso na Casa Branca.

— Prossiga. Eu não honrarei isto. — Shelly manteve sua posição. — Eu não vou casar com ninguém.

Marcus se retraiu.

O rosto da mãe de Shelly começou a ficar com uma tonalidade rosa. — Você vai fazer o que mandamos. Agora... — ela olhou ao redor — arrume todas suas malas e volte para casa.

— Não. Eu não estou indo a lugar algum.

Sua mãe olhou para ela por quase um minuto, em seguida, girou sobre os calcanhares e saiu sem mais uma palavra.

Ele observou Shelly afundar lentamente, quando a porta se fechou atrás dela.

Instantaneamente, ele estava ao seu lado. — Você está bem? — Ele a virou no momento em que ela explodia em lágrimas e se atirou em seu peito.

Ele a segurou por quase dez minutos, antes de Roman abrir a porta. Ele balançou a cabeça para o irmão, e quando Roman percebeu o que estava acontecendo, saiu da sala. Seu irmão, na verdade, saiu nas pontas dos pés para fora, fechando a porta silenciosamente atrás dele. Marcus teria rido, se Shelly ainda não estivesse chorando.

Pegando-a, ele a levou para o seu quarto, e fechou a porta atrás deles com o pé. Quando ele a colocou na cama, ela nem sequer se opôs quando ele tirou seus sapatos. Então, se deitou ao lado dela segurou-a até que ele a sentiu cair no sono.

Na manhã seguinte, ele acordou quando ela se levantava. Ela olhou para ele, e pôde ver que seus olhos ainda estavam inchados e vermelhos.

— Eu sinto muito. — Ela olhou para suas mãos.

Ele estendeu a mão pegando as suas mãos e puxou-a de volta para a cama. — Não faça isso. Não se desculpe. — Ele tirou uma mecha de seu cabelo longe de seu rosto. — Você não tem nada que se desculpar.

— Eu me comportei como uma criança. — Ela olhou para ele e apoiou a cabeça em seu braço.

Ele riu. — A única pessoa que se comportou como uma criança foi sua mãe. Quando não conseguiu o que queria, ela teve um ataque.

Shelly riu. — Minha mãe nunca teve um ataque. Ela é muito bem-criada para esse tipo de coisa.

— Ela teve um na última noite. Ela queria que você se casasse com Tyler e quando você negou, ela tirou tudo o que podia de você para conseguir o que queria. — Então ele ficou sério. — Shelly, como você está pagando a loja? Todo o trabalho e os produtos?

Ela fechou os olhos. — Minha avó deixou tudo o que tinha para mim. — Ela abriu os olhos e viu a dor lá. — Ela não deixou nada para sua própria filha.

— Isso deve ter chateado sua mãe.

Shelly assentiu. —E foi exatamente neste momento, que ela começou a pressionar o casamento com o Tyler.

Ele balançou sua cabeça. — Se ela não pode tê-lo…

— O quê? — Shelly fez uma careta.

Marcus riu. — Ela está usando este casamento com Tyler como um castigo para você. Para se vingar da mãe dela. — Shelly apenas olhou para ele. — Você não vê? Desde que ela não obteve a herança de sua mãe, ela está usando está união com Tyler e sua família como sua punição.

Shelly sacudiu a cabeça. — Minha mãe pode ser controladora, mas ela não se importa com o dinheiro que herdei de minha avó. Além disso, meus pais são ricos. Ou seja, o que realmente poderia míseros trezentos mil a mais acrescentar para eles?

Ele balançou sua cabeça. — Só uma ideia.

Ela ficou em silêncio por um tempo, e ele poderia dizer que ela estava pensando sobre isso.

— Você não acha que ela faria nada estúpido, não é? — Ele perguntou, quebrando o silêncio.

— Como o quê?

Ele deu de ombros. — Uma vez eu namorei uma garota... — Ele viu suas sobrancelhas arquearem, e ele não conseguiu parar de rir. — Sim, ao contrário do que meus irmãos podem ter contado, eu tive outras namoradas antes de você. — Ele sorriu e se inclinou para beijá-la. — Mas até agora você é a melhor.

— Continue. — Ela sorriu.

— Bem, vamos apenas dizer que quando eu terminei, minha caminhonete sofreu alguns danos.

Ele viu suas sobrancelhas se unirem com interrogação.

— Ela riscou a minha caminhonete e jogou estrume de vaca nas janelas abertas.

Shelly riu. — O que você fez para merecer isso? A traiu?

— Não! — Ele se inclinou um pouco para trás. — Eu não traio. Se eu estou com alguém, eu estou com essa pessoa. Se as coisas mudam... — Ele balançou a cabeça. Como esta conversa tomou este rumo? — De qualquer forma, ela ficou triste por um tempo. No final, tudo deu certo. Ela conheceu seu futuro marido, Jake.

— Eu não acho que a minha mãe se rebaixaria a arranhar o meu carro, e ela nunca tocaria em estrume de vaca.

Ele riu. — Há outras maneiras de se vingar de uma pessoa.

Ele podia ver Shelly pensar nisso. — Eu não vejo como ela poderia fazer qualquer coisa. Eu já tenho a inspeção aprovada. Minha licença de funcionamento está pendurada atrás do balcão. — Ela balançou a cabeça. — Está tudo pronto para eu abrir na próxima semana.

Ele a puxou para perto. — Bom, então não temos nada para nos preocupar.

****

Shelly olhou para a pilha de papéis e sorriu. Isto é o que ela amava ao abrir sua própria loja. A solicitação dos pedidos. As revistas estavam ao seu redor, quando Marlene olhou por cima do seu ombro.

Ela sabia que sua mãe ainda estava na cidade. A mulher não tinha viajado até aqui para voltar de mãos vazias na primeira tentativa.

Marcus provavelmente também pensava isso. Ela olhou para o outro lado da sala e o viu pendurar os espelhos nos vestiários, uma tarefa que deveria ter levado menos de meia hora para ser concluída, mas que estava indo para a terceira hora.

Ela gostava disso, mesmo sem dizer nada, ele demonstrava que ele estava lá para ela. Ela não podia reclamar; ela gostava de vê-lo trabalhar.

— E quanto a isto? — Perguntou Marlene, chamando sua atenção de volta para a revista.

— Sim, isso é bom, — disse ela distraidamente.

Marlene riu. — Vocês dois estão caidinhos.

— Hmm? — Ela olhou para a mulher.

— Eu me lembro quando meu marido e eu olhávamos um para o outro assim. — Ela suspirou e descansou o queixo em suas mãos.

Shelly olhou novamente para Marcus. Ele estava ocupado certificando-se que o último espelho estava nivelado. O seu jeans desgastado o envolvia firmemente, e ela se lembrava exatamente como se sentia quando colocava as mãos naquela bunda apertada dele. Ela suspirou.

— O amor faz coisas estranhas para todos nós, — disse Marlene, fazendo Shelly ficar ligeiramente tensa. — Agora, que tal isso? — Marlene apontou para a revista novamente.

Antes que ela pudesse olhar para baixo, desviou o olhar para fora, e ficou completamente chocada ao ver seu pai se aproximar das portas de vidro e bater nelas. Sua mãe estava ao seu lado.

— Marlene, por que você e Laura não almoçam agora, — disse ela, não realmente olhando para a outra mulher. Suas mãos tremiam enquanto ela atravessava o pavimento e abria as portas, deixando seus pais entrarem.

— Papai, eu não sabia que estava na cidade. — Sua voz soava um pouco longe. Ela limpou a garganta para ganhar um pouco da sua força de volta.

— Meu voo chegou apenas a uma hora atrás. Eu vim o mais rápido que pude depois que sua mãe me contou o que estava acontecendo. — Ele entrou e olhou ao redor da sala rapidamente.

Ela sabia o que estava vendo. Ainda havia caixas de produtos no chão. Metade dos produtos pendurados ainda tinha que ser passados no vapor ou passado a ferro. As caixas de sapatos ainda estavam empilhadas ao longo da parede, em vez de estarem organizada na área dos fundos. Basicamente, a loja estava uma bagunça, mas era sua bagunça.

Sua mãe nem se incomodou em olhar ao redor. Em vez disso, seus olhos saltaram entre eles, com impaciência. Ela sentiu como se tivesse oito anos novamente e acabado de perguntar se poderia parar de fazer aulas de dança. Isso não acabaria bem.

Suspirando, ela fez um gesto para que se movessem mais para dentro da sala. Não seria bom ter clientes potenciais testemunhando o que estava prestes a acontecer.

Ela caminhou para a sala dos fundos, sabendo que iriam segui-la. Quando ela entrou no seu escritório, se virou e ficou feliz ao ver que Marcus estava bem atrás dela.

— É aqui que você vai ficar? — Seu pai olhou ao redor da pequena sala com uma careta.

— Não! — Ela quase engasgou. — Minha casa é no andar de cima.

— Então, você está vivendo lá em cima? — Sua mãe quase zombou.

— Hum, não, ainda não, na verdade. — Ela mordeu o lábio inferior.

— Shelly, onde você mora? — Seu pai cruzou os braços sobre o peito, um movimento que usou com ela inúmeras vezes.

— No momento eu estou ficando no apartamento do Marcus. — Seu queixo subiu um pouco em desafio.

Seu pai suspirou. — Acho que eu deveria ter esperado por isso. — Ele andou até a janela e sacudiu a cabeça. Então ele se virou para ela, inclinando a cabeça. — É apenas nervosismo de última hora.

Ela engasgou. — Não é...

— Não fale assim com seu pai. — Sua mãe deu um passo adiante.

Shelly se sentia vazia e olhou para suas mãos. Era uma antiga emoção, onde se sentia pequena ao redor deles.

— Eu expliquei aos Daltons. Eles concordaram em adiar o casamento até que você esteja preparada. — Shelly reprimiu uma observação. — Agora, você está pronta para partir?

Ela não sabia exatamente o que estava falando nos próximos minutos, mas apenas que seu corpo inteiro vibrava com cada palavra. Sua voz se elevou e ela cravou as unhas nas palmas das mãos tanto que a dor sacudiu a sair do transe.

— Calma, — Marcus disse em seu ouvido. — Respire.

Ela fechou os olhos e fez o que ele disse. Ela sentiu sua mão na dela, e se concentrou em quão bom isso era. — Eu não irei a lugar nenhum. — Ela olhou diretamente para seu pai. — Planejo ficar em Surf Breeze para sempre.

A sala ficou em silêncio e ela percebeu que ambos os pais estavam a olhando como se nunca tivessem a visto antes.

— É claro que você está tendo algum tipo de colapso, — disse o pai dela, andando em sua direção lentamente com as mãos para cima.

— Tenha cuidado, Gerald, — disse sua mãe. Shelly quase riu. O quê? A mulher pensou que ela morderia?

— Eu estou perfeitamente bem. Pela primeira vez na *minha* vida, eu estou fazendo o que *eu* quero. Eu quero ficar em Surf Breeze. Eu quero viver com Marcus. — Ela se virou para ele e lhe deu um sorriso, que ele rapidamente retornou. — Eu amo isso aqui. — Ela voltou para seus pais.

Seu pai parou e olhou para ela. — O que vamos dizer aos Daltons?

Shelly deu de ombros. — Você não precisa dizer nada a eles. Eu terminei com Tyler quase dois meses atrás. Ele é um menino grande; ele pode dar a notícia do término para seus próprios pais.

Seu pai parecia que estava pensando sobre a situação. Ele suspirou. — Bem, parece que eu preciso ter uma pequena conversa com Tyler. — Ele se virou para sua mãe. — Vamos Cherease, temos que dar um telefonema.

Ela ficou chocada ao ver sua mãe sorrir e seguir seu pai pelas portas da frente.

— Será que eles simplesmente desistiram? — Marcus perguntou ao seu lado.

Ela suspirou. — Deus! Espero que sim. — Ela fechou os olhos para toda a dor. — Eles nem sequer comentaram sobre minha loja.

Ele a puxou para perto e passou as mãos pelos cabelos dela. Ela adorava quando ele fazia isso, quando a tocava suavemente, fazendo-a se sentir amada.

— Do meu ponto de vista, eles não merecem você. — Ele descansou sua testa contra a dela enquanto as lágrimas começaram a cair por suas bochechas.

Ele a puxou para mais perto enquanto ela deixava o sofrimento e a dor aparecerem. — Por que eles não podem simplesmente me aceitar como sou? É como se eles nem sequer me vissem. Tudo o que veem é um peão para ser movimentado e sacrificado.

Ele balançou a cabeça e a abraçou. — Confie em mim, às vezes é melhor abrir mão completamente das pessoas que não acreditam em você.

Ela se afastou e olhou para ele. — Como você fez com seus pais? Os verdadeiros, quero dizer.

Ele balançou a cabeça lentamente. — Você não pode nem imaginar como era a minha vida. Não que você não tem isto ruim. — Ele fechou os olhos e suspirou. — Desculpa.

Ela balançou a cabeça. — Não, eu entendo. Eu adoraria ouvir sobre isso. Continue.

Ele olhou em volta. — Que tal irmos nos sentar em uma cabine escura na Cassey e tomar uma cerveja. Eu posso precisar de uma cerveja para contar esta história.

Ela assentiu com a cabeça. Ela poderia ter uma cerveja também, talvez até duas.

— Eu vou deixar uma nota para Marlene e Laura dizendo-lhes para tirar o resto do dia de folga.

Ele sorriu. — Agora você está falando.

17



— Eu tinha cinco anos, quase seis anos, quando o novo namorado da minha mãe começou a abusar de mim. — Ele olhou para ela por cima da mesa e sentiu seu estômago enrolar. Ele nunca tinha falado sobre isso, com ninguém antes, nem mesmo seu pai ou irmãos. Ninguém sabia a dor silenciosa que ele havia passado. Mas algo dentro dele queria – não, precisava – dizer a Shelly. Especialmente depois de hoje. Ela tinha que saber com quem ela estava se comprometendo.

— Eu sinto muito. — Ela franziu a testa e tomou outro gole de cerveja. — Deve ter sido horrível.

Ele assentiu. — Não é o tipo de abuso que você está pensando. — Ele esperou e assistiu reconhecimento cruzar os olhos. Sua mão rapidamente alcançou através da mesa e pegou a dele.

— Oh meu Deus! — Ele saiu como um sussurro.

— Oito meses. A maioria das minhas primeiras lembranças são do que ele fez para mim quase todas as noites. — Ele viu as lágrimas novamente encherem aos olhos de Shelly, e bloqueou as lembranças que ameaçavam o afogar. — No começo eu era muito jovem para realmente entender. Escutei sua mentira que era um jogo e um segredo. — Ele fechou os olhos, em seguida, abriu novamente e tomou um grande gole da cerveja, para que ele tivesse coragem de terminar a história.

— Como você escapou? — A mão dela estava fria e suave na dele. Quando ele olhou para os dedos unidos, ele foi surpreendido com a diferença entre eles. Sua pele

pálida era perfeita e as mãos mais escuros mostravam sinais de trabalho duro. De repente, ele não se sentia bom o suficiente para ela. Ele queria puxar a mão e enfiá-la no bolso, mas ela o segurou firme.

— Eu não fugi tanto quanto fui abandonado. — Ele ouviu seu suspiro. — Uma noite, minha mãe estava assistindo o noticiário. Havia um relato de uma mulher que esfaqueou um homem que havia invadido sua casa para estuprá-la. Depois que mamãe saiu para ir trabalhar, eu peguei a maior faca que tinha no apartamento e a escondi debaixo do meu travesseiro.

Seus olhos estavam concentrados em suas mãos enquanto falava. Ele não podia suportar ver a dor e simpatia em seus olhos.

— A primeira vez que ele me acordou naquela noite, eu estava com muito medo. — Ele balançou a cabeça. — Eu estava dormindo e tinha esquecido sobre a faca. Mas às vezes ele iria voltar uma segunda vez, e desta vez eu estaria esperando por ele. Eu o esfaqueei seis vezes. — Ele olhou para ela quando ela engasgou novamente. — Eu não o matei. Na verdade, eu não fiz muito dano. Minha mãe levou menos de cinco minutos para ajudá-lo. Ele estava mais irritado do que qualquer coisa. Lembro-me de sentar no canto segurando a faca ensanguentada, pensando que eu deveria ter tentado mais.

Ele olhou de volta para suas mãos. Ela tinha apertado sua mão sobre a dele, e ele estava grato. Era quase como uma âncora, o segurando no presente.

— Quando eu disse à minha mãe por que eu tinha esfaqueado Mike, ela me deu um tapa e me chamou de mentiroso. Na semana seguinte, ela me levou para a casa dos meninos e assinou a papelada, desistindo dos seus direitos por mim. — Ele piscou e ficou chocado ao ver uma lágrima cair em sua mão. Ele olhou para cima e percebeu que era dele. Balançando a cabeça, ele sorriu um pouco. — Foi a segunda melhor coisa que me aconteceu. — Ele olhou para o rosto e sentiu todas as más recordações desaparecerem.

— Marcus... — Ela balançou a cabeça e fechou os olhos. — Eu não tinha ideia... — Ela olhou para ele e ele podia ver a dor em seus olhos. — Agora meus pais parecem santos. — Ela riu nervosamente.

— Não, — ele disse em voz baixa. Quando ela olhou para ele com perguntas em seus olhos, ele continuou. — Não tenha pena de mim. Como eu disse, foi a melhor coisa que poderia ter acontecido para mim, afastando-se desse mal. Você fez a mesma coisa ao chegar aqui. — Ele se aproximou e pegou a outra mão. — Você pegou sua própria vida em suas mãos e decidiu começar de novo. — Ele sorriu. — Se eu fosse metade tão forte quanto...

Sua risada interrompeu. — Metade tão forte... você foi mais forte com seis do que eu, aos vinte e quatro. — Ela balançou a cabeça. — Eu só posso esperar ser tão forte como você um dia.

Ele sorriu. — Você foi hoje. — Ela olhou para ele e sorriu de volta. — Maldita Xena a princesa guerreira enfrentando seus inimigos mortais.

— Quem? — Ela piscou para ele e ele riu.

— Tudo bem, eu vejo no nosso futuro, um fim de semana inteiro com uma pilha de DVDs. — Ele riu, mais quando ela apenas sorriu para ele. — Você foi cada centímetro de uma princesa guerreira, e eu fiquei tão orgulhoso de você hoje.

Seu sorriso iluminou e, em seguida, mudou rapidamente quando ela olhou para suas mãos. — Só espero que funcionou.

— Se não, eu tenho certeza que você pode se opor contra qualquer coisa.

— Com você ao meu lado, eu sinto que posso. — Ela se levantou e avançou para sentar ao lado dele. Quando ela estendeu a mão e deu um beijo suave nos lábios, ele percebeu que estava negando a profundidade de seus sentimentos por ela.

Olhando em seus olhos, ele sentiu algo afrouxar em seu peito. — Eu te amo. — Saiu como um sussurro, e ele a sentiu tensa em seus braços. — Não, não fique tensa. — Ele usou as costas de seus dedos e os passou contra seu rosto macio. — Me escute. Olhe para mim. Eu dirijo uma empresa de construção em uma pequena comunidade praiana. Não sou um empresário poderoso com carros de luxo, casas extravagantes. Eu tenho um passado muito ferrado, mas uma família maravilhosa que eu não trocaria por nada deste mundo, e eu te amo. Completamente. Inteiramente. Dolorosamente. Eu não estou pedindo que você...

— Eu também te amo, — ela o interrompeu. Quando seus olhos se moveram para os dela, ele viu que ela estava dizendo a verdade. — Eu não posso acreditar que

isso aconteceu tão rápido, mas enfim. Eu estive negando isso por dias. — Ela suspirou e balançou a cabeça. — Semanas na verdade.

Ele riu. — Eu também. — Esfregando um dedo em seu rosto molhado.

— Eu nunca me senti assim por ninguém. — Ela suspirou.

— Então você disse. — Ele a puxou para mais perto e gostou da maneira que ela se encaixava contra ele. — O que você acha de pedirmos alguma comida e então sairmos? Eu gostaria de dirigir até a casa em Sugar Sand Lane, e dar uma outra olhada nela com você. Eu tenho o código, assim nós podemos levar nosso tempo olhando.

Ela sorriu. — Eu adoraria.

— Ótimo, porque eu espero que você saiba, eu planejo torná-la a nossa casa. Se você se mudar comigo assim que terminar, é claro.

Ela sorriu. — Vou adorar.

Enquanto se dirigiam para a casa, ele não conseguia evitar de sorrir. Sua mente estava girando com ideias e planos para o lugar.

— Me fala o que você está imaginando, — disse Shelly ao lado dele.

Ele olhou para ela e balançou a cabeça, então, começou a lhe contar todas as suas ideias. Enquanto caminhavam pelo lugar, ele contou seus planos. Ele até desenhou a cozinha para ela, enquanto estavam na ilha.

Quando eles saíram para o deck dos fundos, ele passou os braços a sua volta, e a puxou para mais perto. Havia uma leve brisa vindo da água, e ela estremeceu em seus braços.

— Nós deveríamos ter pego o seu casaco. — Ele beijou o topo da sua cabeça.

— Eu estou bem, desde que você tem seus braços em volta de mim. — Ela recostou a cabeça contra o peito dele, e ele pôde imaginá-los assim, ali de pé, para o resto de suas vidas.

****

No dia seguinte, Marlene, Laura e Shelly tiveram que correr para recuperar o atrasado. Marcus tinha sido chamado cedo para um outro trabalho. Mas ele não a deixou, até que ela prometeu chamá-lo se seus pais aparecessem.

Ela duvidava que iriam, mas sabia que a luta não tinha terminado. Ela acessou seu Banco, e mudou suas informações de segurança, removendo-os como seu contato de emergência. Ela notou que seu fundo fiduciário estava bloqueado, mas ela não se importava. Contanto que eles não poderiam tocar a herança de Nanna, ela estava bem. Ela tinha planos de ligar para o banco mais tarde para se certificar de que eles não poderiam fazer nada.

As três levaram toda a manhã para concluir a arrumação da loja. Quando a hora do almoço chegou, a loja estava linda. Havia ainda alguns itens que teriam de ser etiquetados, mas a maior parte estavam prontos para abrir as portas.

No início daquele dia, um homem veio, e instalou a linha e a maquinas de cartão de crédito, e ela estava muito ansiosa para testá-la na primeira venda.

Marlene e Laura saíram para comer alguma coisa, então ela ficou parada na loja absorvendo tudo. Seus olhos percorreram cada detalhe, desde a cor das paredes para a rica sensação do calor dos pisos, as roupas de cores brilhantes que pendiam sobre as prateleiras e os sapatos que brilhavam na parede. Ela adoraria fazer compras em um lugar como este.

Suspirando, ela se virou e quase tropeçou firmemente em alguém.

— Oh! — Ela ofegou quando viu Tyler franzindo a testa para ela. Suas mãos estavam em seus ombros, impedindo-a de cair. — Tyler? — Ela franziu a testa e desejou mais do que qualquer coisa, que ela tivesse antecipado este movimento dos seus pais. — O que você está fazendo aqui?

Ele deixou cair as mãos e ela viu sua sobrancelha esquerda subir em questionando. — Eu vim porque seus pais me pediram. — Embora sua voz estivesse calma, ela sabia que poderia aumentar com a raiva.

— Eles não deveriam ter chamado você. — Ela cruzou os braços sobre o peito. Ela desejou desesperadamente dar um passo atrás, mas não lhe daria essa satisfação. — Eu quis dizer isso quando eu terminei nosso relacionamento.

Ele balançou a cabeça ligeiramente. — Bem, eu entendo, mas os nossos pais têm um plano diferente para nós. Apesar de tudo, parece que estaremos continuando com o casamento.

Ela suspirou. — Eu não vou me casar com você. Você sabe disso. — Ela se encolheu quando suas mãos voltaram para seus ombros e apertaram seus braços.

Uma das razões pelas quais ela rompeu o relacionamento era seu comportamento recente. Ela não gostava de ser dominada. Ele tinha começado a agir de forma diferente, exigindo saber onde estava, o que estava fazendo o tempo todo. Ele nunca bateu nela, mas gritou e xingou e disse algumas coisas prejudiciais para ela.

— Escute, eu não gosto do plano, tanto quanto você, mas eu não vou comprometer minha herança ou a sua. — Ele se virou e começou a andar em direção à porta. — Então, vamos apenas lhes dizer que o casamento está de volta.

Neste momento, ele estava quase arrastando-a para fora das portas da frente. Ela estava tão chocada com o comportamento dele, que não pensou em se afastar.

Mas quando o ar frio de fora a atingiu seu rosto, ela acordou. Afastando seus braços, ela deu alguns passos para longe dele.

— Eu não vou me casar com você. Eu não me importo com a minha herança ou a sua. — Ela viu seu rosto virar um tom escuro de vermelho.

— Shelly, este não é o momento nem o lugar para ter essa discussão. Além disso, é tarde demais. Você já concordou com o casamento e se você não seguir adiante, meus pais estão preparados para processar o seu, por quebra de contrato.

— Quebra de contrato? — Ela gritou. — Do que você está falando? Eu não assinei qualquer contrato. Nem meus pais.

— Contrato verbal. — Tyler sorriu.

Shelly riu. — Oh, que divertido. — Ela cruzou os braços sobre o peito. — É por isso que seus pais estão pressionando os meus? O que eles esperam ganhar com o nosso casamento?

Ele ficou lá olhando para ela como se ela tivesse crescido uma cabeça extra.

— Qual era o plano? — Ela esperou, pensando. — Vá em frente, tente processar. Não vai funcionar no tribunal. Na verdade, eu tenho certeza que você será

gozado por todos advogados. — Tyler riu e levantou aquela sua maldita sobrancelha novamente.

Então, ela suspirou intimamente, quando se lembrou o que o pai de Tyler fazia para viver. Duvidava que mesmo que um advogado poderoso como ele ganharia um caso como esse. Ela se manteve firme.

— Você pode tornar mais fácil para sua família, apenas vindo comigo. — Ele estendeu a mão e pegou novamente seu braço apertando forte. — Imagine os rumores e escândalos que podemos ter flutuando sobre você e sua família. Seu pai vai ser arruinado.

— Tire as mãos da minha filha. — Ela ouviu raiva na voz de seu pai que ela nunca tinha ouvido antes.

Ela se virou e viu seus pais se aproximarem. Ela não percebeu que estavam a poucos metros de distância. Quando ela piscou, ela notou Marcus e Roman a poucos metros atrás deles. Marcus parecia que ele estava prestes a rasgar Tyler pela metade, mas Roman estava segurando seus braços com bastante firmeza.

— Papai? — Seu pai marchou até onde ela estava, parando entre ela e Tyler.

— Se você se aproximar novamente da minha família, eu vou contratar um advogado melhor do que o seu pai e chutar toda a sua família diretamente para fora de Washington. Fui claro? — Ele esperou até que Tyler recuou e assentiu. — Agora, eu não me importo com o que você vai dizer a sua família sobre o que aconteceu aqui, mas eu vou fazer um anúncio oficial mais tarde esta noite, sobre o noivado estar cancelado. Se eu fosse você, eu pegaria o próximo voo.

Shelly observou enquanto Tyler corria pelo calçadão em direção ao estacionamento. Então ela se virou, e foi imediatamente envolta pelos braços de Marcus.

— Você está bem? — Quando ela apenas assentiu, ele a empurrou para trás e gentilmente moveu a mangas seus braços. Quando ela olhou, notou círculos vermelhos ao redor de ambos onde as mãos de Tyler tinham a agarrado. — Eu vou matá-lo... — Marcus moveu-se para seguir o homem até o estacionamento.

— Não, filho. — Seu pai o chocou, colocando a mão em seu ombro. — Eu já o coloquei em seu lugar. — Ele balançou a cabeça e franziu a testa para as marcas em seus braços. — A menos que Shelly queira apresentar queixas?

Shelly sacudiu a cabeça. Ela só queria tudo acabasse.

— Vamos levá-la para dentro, — disse Roman, pegando seu braço gentilmente. — Você deve estar congelando aqui fora, sem um casaco.

Ela nem se quer percebera que estava tremendo. Acenando com a cabeça, ela permitiu que Marcus e Roman a levassem para dentro, enquanto seus pais os seguiram.

— Você quer um pouco de água? — Perguntou Roman.

Ela balançou a cabeça negativamente, e esfregou as mãos. Marcus se aproximou e pegou uma das novas blusas de um cabide, e a colocou suavemente sobre seus ombros. — Coloque seus braços sobre isso para se aquecer.

— Marcus, esta é uma... — Ela começou a se opor a usar um suéter que estava à venda em sua própria loja.

— Quieta. — Ele franziu a testa. — Basta colocar.

Ela passou seus braços pelo tecido quente, e suspirou. Era suave e ela tinha que admitir, ela estava olhando o suéter para si mesma desde que ele tinha chegado.

— Shelly? — Ela se virou para sua mãe, que tinha lágrimas silenciosamente escorrendo pelo rosto. — Eu... — Ela balançou a cabeça e fechou os olhos. — Eu pensei que era o melhor. Eu não tinha percebido...

O pai de Shelly se aproximou de sua mãe e envolveu sua esposa em seus braços. Foi a primeira vez que Shelly tinha o visto fazer isso em mais de dez anos.

— Psiu, Cherease, fomos todos enganados por eles.

— Eles fizeram parecer que ela estava tendo um colapso nervoso. — Sua mãe soluçou e descansou a cabeça no ombro de seu marido, enquanto fechava os olhos. Apenas a visão de seus pais assim trouxe de volta muitas lembranças dos bons tempos que costumavam ter. Seu coração doeu novamente por eles.

— Quem? — Shelly fez uma careta.

Seu pai olhou para ela. — Logo que você partiu, recebemos um telefonema dos Daltons. Eles teceram uma história sobre como você tinha vendido tudo, que você

tinha dado a alguém todo o seu dinheiro, e estava vivendo em uma lixeira. Tyler mencionou algo sobre sua saúde mental. Nós apenas presumimos... — Ele se interrompeu com uma careta.

— O que você acha que estou fazendo aqui? Vivendo como uma vagabunda?

— Bem, você está morando em um pequeno apartamento com dois homens estranhos, — a mãe acrescentou, olhando para ela com o nariz empinado.

Shelly começou a rir. — Olhe ao seu redor, — ela finalmente disse quando recuperou sua voz. — O que você vê?

Seu pai olhou ao redor. — Uma loja. Partimos do pressuposto de que você trabalha aqui. — Ele balançou a cabeça. — Todos esses anos na faculdade, desperdiçados.

Marcus riu então. — Desculpe. — Ele limpou a garganta.

Shelly assentiu e sorriu para ele. — Primeiro, os homens com os quais eu vivo, são tão mais estranhos para mim do que vocês dois. Eles são uma família. — Ela sorriu para os dois e foi recompensada com acenos individuais. — Eu só estou vivendo com eles até o meu apartamento ficar pronto, então eu pretendo pedir a Marcus para morar comigo até que possamos negociar sua casa e ter as reformas feitas. Então, eu planejo em viver com ele em uma bela casa na praia. — Ela viu as sobrancelhas de sua mãe subirem, mas não parou para deixá-la fazer qualquer pergunta. — Em segundo lugar, eu trabalho aqui. — Ela cruzou os braços sobre o peito e sorriu. — Mas também sou dona. A Shelly's Boutique será a melhor loja ao longo do calçadão, e vou abrir minhas portas em menos de uma semana. — Ela assistiu com prazer enquanto ambos os pais olhavam ao redor.

— Isto? — Disse a mãe. — Isto é seu? — Eles estavam olhando para tudo como se fosse a primeira vez, assumindo o quão maravilhoso tudo parecia. Ela sorriu. — Está maravilhoso.

Shelly assentiu. — Você não viu o letreiro acima da porta?

Ambos balançaram a cabeça, não. — Nós estávamos muito ocupados tentando descobrir como arrastá-la para casa para que pudéssemos contratar um bom psicólogo.

Marcus riu novamente. — Desculpe, novamente. — Ele limpou a garganta mais uma vez.

— Mamãe, papai. — Shelly respirou fundo. — Vamos começar de novo. Vamos? — Ambos assentiram. — Bom. Eu gostaria de apresentá-los a Marcus e Roman Grayton. Eles são donos de uma empresa de construção muito bem-sucedida, assim como uma casa de recuperação, onde crianças órfãs ou indesejadas podem viver até que elas possam ser adotadas. — Ela se aproximou e colocou os braços ao redor da cintura de Marcus enquanto ele o envolvia em volta de seus ombros. — Marcus é meu namorado. Estamos apaixonados e vamos morar juntos.

Marcus estendeu a mão e apertou a mão de seu pai, em seguida, sua mãe.

— É um prazer conhecê-lo, — disse o pai dela, e ela percebeu com alegria que ele realmente quis dizer isso.

18



— Eu estou tão nervosa, — disse Shelly, tentando impedir que suas mãos tremessem.

— Não fique, será perfeito. Aguarde e veja. — Marlene sorriu.

— Posso? — Perguntou Laura, apontando para as portas da frente.

— Não, eu faço. — Shelly pegou as chaves e caminhou em direção as portas de vidro. Ela podia ver a pequena multidão que se juntara na frente. Foi preciso duas tentativas para finalmente deslizar a chave na fechadura e abri-la. Então, ela respirou fundo, virou o letreiro aberto, e se afastou, enquanto as pessoas entravam correndo.

Ela sorriu quando viu sua mãe entrar com Cassey e Wendy. Seus pais decidiram ficar até depois do dia de abertura para apoiá-la. Eles tinham reservado uma suíte no resort de Luke e tinham até planejado voltar durante a temporada oficial, para que eles pudessem desfrutar de legítimas férias.

— Não consigo acreditar como esse lugar é bonito, — disse Cassey enquanto a abraçava. — Sua mãe está sendo uma joia, — ela sussurrou em meu ouvido.

Shelly tinha avisado a Cassey sobre sua mãe e lhe pediu para mantê-la atualizada. Mas, até agora, seus pais estavam sendo extremamente agradáveis, especialmente um com o outro. Ela só podia esperar que todo o calvário os tivesse aproximado.

Ela tinha passado horas conversando com eles, colocando tudo para fora do seu peito, de como eles a alienaram ao longo dos últimos anos. Como a tensão no

relacionamento deles tinha a afetado. Eles se sentaram em silêncio no início, ouvindo-a. Então, se despedaçaram, e começaram a se abrir sobre os problemas que estavam tendo. No final, ela se sentia mais perto deles. Mas não esqueceria o passado, até que provassem que ela era importante para eles novamente.

As próximas horas foram movimentadas. Ela, Marlene e Laura correram, e ajudaram os clientes. Houve uma pequena pausa durante o almoço, mas rapidamente retomou novamente, e permaneceu movimentada até a hora de fechar. Quando Shelly voltou para as portas e as trancou, ela apoiou a testa no vidro e sorriu.

— Bem, — disse Laura, atrás dela, — eu diria que foi um primeiro dia de sucesso. — Ela riu.

Shelly se virou e olhou para a loja. O bom era que ela tinha mais caixas na parte de trás para serem abertas. Ela podia ver umas muitas prateleiras vazias que precisavam serem preenchidas até amanhã.

— Eu lhe falei que seria ótimo. — Marlene sorriu.

Foi então que teve uma batida na porta. Quando ela se virou, ela só podia ver um grande ramalhete de rosas brancas.

Destrancando a porta com um sorriso, ela as pegou de Marcus e enterrou seu rosto nelas, bebendo seu perfume.

— Elas são lindas. — Ela sorriu para ele.

— Não tão bonitas como você. — Ele moveu as flores para o lado, e envolveu seus braços em volta dela e a beijou. — Como foi hoje?

— Perfeito. — Ela não conseguia parar de sorrir. — Como foi o seu?

Ele sorriu e sacudiu um conjunto de chaves. — Eu sou proprietário de uma casa.

Ela gritou e o abraçou novamente. — Parabéns.

Ele riu. —Quanto tempo irá demorar para fechar?

Ela olhou para trás e calculou. — Uma hora.

Ele assentiu. — O que você acha de jantar em... — Ele acenou com a cabeça em direção ao bar e grill.

— Eu adoraria. Estou morrendo de fome.

— Bom, eu vou encontrá-la lá em baixo. — Ele se inclinou e beijou-a novamente.

— Certo, vejo você mais tarde.

Ela entrou na sala dos fundos, e colocou as rosas em um vaso com água, e as colocou em sua mesa. Elas realmente eram lindas.

Levou menos de uma hora para fechar, e preparar seu depósito. Ela ficou chocada com o montante que tinha ganho naquele dia. Ela sabia que semana de abertura seria mais bem-sucedida do que os dias normais, mas mesmo assim, se ela fizesse metade do que ganhou hoje, ela ficaria feliz.

Quando entrou no bar e grill, ela ficou um pouco surpreendida, ao ver toda a pista de dança dos fundos bloqueada. Três grandes mesas foram colocadas juntas, e todos que ela conhecia e se importavam, estavam lá. O pai de Marcus e sua irmã Julie estavam sentados ao lado de seus pais.

Marcus correu para ela, enquanto todos aplaudiam e a cumprimentavam.

— Um brinde. — Cassey se levantou e ergueu uma taça de vinho cheia da sua bebida habitual, Coca-Cola. — Para o primeiro de muitos dias de sucesso da Shelly's Boutique. — Ela recebeu uma taça e bebeu, enquanto todos aplaudiam.

Seu coração estava tão cheio, que parecia que estava prestes a estourar.

O jantar foi barulhento, e cheio de boa comida e pessoas maravilhosas. Ela não mudaria nada. Pouco tempo depois de terem terminado de comer, Marcus se aproximou dela.

— Eu tenho mais uma surpresa para você, — ele sussurrou. — O que você acha de sairmos daqui?

Ela assentiu e sentiu o calor através dela. Será que esse homem sempre fará seus joelhos ficarem fracos apenas com a riqueza da sua voz?

Ela segurou sua mão, enquanto a levava para o estacionamento e a ajudava entrar na sua caminhonete.

— Eu espero que você não se importe de sair da sua festa mais cedo? — Ele franziu a testa.

Ela negou com a cabeça. — Foi um dia agitado. Estou feliz para ter tranquilidade. — Ela se recostou contra o encosto de cabeça, enquanto ele dirigia.

Ela não percebeu que tinha fechado os olhos até que ele parou a caminhonete. Seus olhos se abriram, e ela percebeu que eles estavam estacionados do lado de fora de sua nova casa.

— Eu sei que não há muito para olhar agora. — Ele se virou para ela. — Mas logo vai ter.

Ela assentiu, olhando para a casa. — É maravilhosa, e é toda sua.

Ele riu. — Sim. — Ele se virou e olhou para a casa com ela. — Eu prometo, isso será bom. — Ele sorriu, enquanto caminhava e abria a porta para ela.

Ela assentiu, e o seguiu pela escada. Quando ele abriu a porta, ficou para trás e a deixou entrar primeiro.

Tinha esquecido o quão grande era a casa. Ela caminhou pelo grande hall da entrada, e olhou através das amplas janelas da fantástica sala, que dava para a praia.

O sol estava se pondo, enchendo o céu com cores pasteis e iluminando todo o espaço.

Ela olhou para baixo e viu um enorme cobertor e velas apagadas no chão. Havia uma tigela de morangos e uma garrafa de champanhe que estava sendo gelada.

— Oh, é perfeito. — Ela sorriu para ele enquanto ele fechava a porta atrás deles.

— Eu espero que você não se importe, mas eu queria saber se você gostaria de ficar aqui esta noite. Eu trouxe o seu colchão de ar e sua mala de viagem.

Ela caminhou até ele, e envolveu seus os braços ao redor dos ombros dele. — É perfeito.

Ele se afastou e, então, pegou a mão dela enquanto caminhavam até o cobertor. Ele a ajudou a sentar-se e, em seguida, abriu o champanhe. Ela segurou sua taça e ele a encheu e, em seguida, a dele.

Ela adorava o som das bolhas e esperou até ele se sentar ao seu lado antes de elevar a taça. — Para um novo começo.

Ele assentiu e sorriu, em seguida, bebeu um pouco.

— Vamos, coma um desses. — Lhe entregando a taça de morangos. Quando ela pegou um, ele segurou a taça de creme para ela mergulhar.

— Mmmm. — Ela fechou os olhos e desfrutou o sabor. — Perfeito.

Quando ela abriu os olhos, o viu observando seus lábios e seu interior apertou.

— Marcus? — Ela colocou a taça sobre a mesa, em seguida, pegou a dele e a colocou ao lado do dela. — Eu quero você, — ela sussurrou enquanto se ajoelhou na frente dele.

Ele assentiu lentamente. — Eu... — Ele balançou a cabeça. Então piscou. — Você me faz esquecer tudo, — disse ele, afastando-se um pouco.

Ela sorriu. — Isso é muito bom.

— Geralmente. — Ele assentiu e sorriu. Então, ele limpou a garganta e ergueu a taça de morangos novamente. — Aqui, mais um.

Ela balançou a cabeça. — É você que eu quero.

Ele franziu a testa um pouco. — Só mais um?

Algo em seus olhos a fez concordar e pegar outro morango.

****

Marcus prendeu a respiração quando a mão dela roçou contra o metal frio. Ele tinha tanta certeza de que ela o veria imediatamente, mas estava muito ocupada olhando para ele.

Talvez ele não estivesse fazendo isso direito? Ele suspirou quando ela levou outro morango suculento para os seus lábios. Porra!

Ele não conseguia tirar os olhos dos seus lábios quando ela pegou outro morango entre eles e o mordiscou. Ele sentiu seu pau ficar duro, e quase se esqueceu do seu plano cuidadosamente elaborado.

Ele mesmo foi até a taça, pegou o anel da sua mãe e o ergueu.

— Shelly Harrison, eu não consigo fazer nada direito sem você. — Ele balançou a cabeça. Isso não era o que ele queria dizer. — Shelly, — ele tentou novamente, — Eu te amo. Eu não quero viver mais um dia sem a alegria de adormecer e acordar com você em meus braços. Diga que você não só vai morar aqui comigo, mas que você se casará comigo.

Ela olhou para o anel e franziu a testa. — Eu... — Ela balançou a cabeça e descansou de volta em seus pés. — Eu... eu não sei o que dizer.

Ele sorriu. — Eu adoraria ouvir um “sim” agora mesmo.

Ele observou os cantos da sua boca levantarem levemente. Seus olhos estavam colados no anel que ele segurava na sua frente. Pegando sua mão, ele esperou, segurando o anel, pronto para deslizar no lugar.

— Marcus? — Ela disse enquanto seus olhos foram para os dele, e por um momento, seu coração parou. — Eu sei que isto é repentino. Quero dizer, tudo aconteceu tão rápido. — Ela balançou a cabeça e, por um momento, ele pensou que ela estava indo para recusar. Então, ela se lançou para ele e estava o beijando, e ele sabia que tinha a sua resposta.

Ele se afastou e deslizou o anel em seu dedo. Seus olhos não deixaram os dele. Ele a puxou para perto e a beijou até que se sentiu caindo para trás enquanto ela o montava.

Suas mãos puxaram suas roupas enquanto ele puxava as dela. Quando finalmente estavam gloriosamente nus, ele os virou para que ele pudesse olhar para ela esticada debaixo dele. Seus cabelos se espalharam sobre o cobertor enquanto ele sorriu para ela.

— Estou feliz que você mudou de ideia. — Passando um dedo lentamente pelo seu pescoço.

— Hmmm? — Ela fechou os olhos, e ele sentiu que ela se movia debaixo dele.

— Sobre nunca se casar com ninguém. — Seu dedo circulando sua pele, enquanto ela se contraia para ele.

— Eu não me referia a você. — Seus olhos se abriram. — Você é o único homem com quem eu poderia me imaginar casando. — Suas mãos se aproximaram e o puxaram até seus lábios se tocaram suavemente. — O único homem com quem eu gostaria de casar.

Ele não conseguia conter o sorriso. — Você é a única mulher que eu poderia ver estando comigo. A única com quem eu me abri completamente.

— Eu te amo.

— Eu também te amo, — ele disse, dando um beijo suave em seus lábios e, em seguida, o levou profundamente até que ambos estavam sem fôlego.

— Você está me matando, — ela gemia enquanto sentia seus quadris empurrando contra os dele. Ela passou as pernas em torno de seus quadris e o puxou até que ele se aproximou.

Quando ele deslizou para dentro dela, foi como voltar para casa. Ela se encaixava nele como se fosse a peça faltante que ele procurara por toda a sua vida. O corpo dela era suave e acolhedor, e ele sabia que nunca se acostumaria com o fato dela ter o escolhido.

Ele fez amor com ela lentamente à medida que a lua subia sobre o Golfo. Eles dormiram entrelaçados na sua casa nova, sabendo que se encontraram.

Epílogo



Shelly sentia a brisa da noite de onde estava sentada. Mesmo que o dia tivesse sido muito quente, a brisa esfriou a multidão quando o sol se pôs lentamente sobre a água.

Quando a música começou, ela se virou, e viu a noiva caminhando pela areia macia. Os cabelos longos de Cassey estavam soltos ao redor do seu rosto com pequenos cachos. Seu vestido branco fluiu em torno dela em ondas suaves, abraçando todos os lugares certos.

Ela conheceu o pai e a mãe de Luke e tinha desfrutado conhecer os outros convidados que estavam sentados ao seu redor. Quando a multidão se levantou, os olhos de Shelly foram para Marcus e ela não conseguia parar de sorrir para ele, enquanto ele olhava para sua irmã andando pelo corredor.

Ele parecia tão bonito em seu terno cor creme de pé ao lado de seus outros irmãos.

Passaram-se quase quatro meses desde que abriu a Shelly's. Quando ela se mudou para a praia dos seus sonhos, nunca imaginou que seria encontrada por uma família maravilhosa.

Ela voltou a se sentar, e viu Cassey e Luke proclamarem o amor um pelo outro, e seus olhos embaçaram. Seus olhos e sua mente continuavam vagando pelo homem que ela amava, e que planejava se casar no próximo ano.

Ainda havia muito a fazer antes da sua própria data. Seus pais tinham os convencido a fazerem dois casamentos, um em DC com todas as pessoas “certas” e outro aqui, nesta praia.

Ambos concordaram em esperar até que a casa estivesse pronta.

Sua boutique era um enorme sucesso. Quando a temporada oficial começou, ela rapidamente percebeu que duas funcionárias de meio período, não funcionaria, então ela contratou a Marlene como gerente em tempo integral, e contratou mais duas funcionárias de meio período.

Quando a noiva e o noivo caminharam juntos de volta para o corredor de areia, só sorrisos, ela aplaudiu com o resto dos convidados.

A recepção foi realizada no bar e grill. Ela adorou dançar com Marcus na pista de dança, e até dançou com o noivo e os irmãos de Marcus.

Ela nunca testemunhou algo tão emocionante, sua família junto a dele comemorando. Duvidava que sua mãe conseguiria planejar uma recepção para eles, parecida com que ela tinha experimentado nessa noite. Ela planejava fazer sua festa aqui, igual a essa, com pessoas rindo alto, brincando, e tendo um grande momento.

Quando Marcus a reivindicou para outra dança, ela se aproximou dele, e apreciou seus beijos, enquanto ele a girava na pista de dança com a música lenta. Enquanto ela desfrutava da sensação dele a girando e fazendo o seu coração disparar, ela sabia, sem dúvida que era exatamente onde ela queria estar durante o resto de sua vida.